

From the #1 *New York Times* bestselling author

Five Nights at Freddy's

FAZBEAR FRIGHTS #1

INTO
THE
PIT

SCOTT CAWTHON

ELLEY COOPER

Five Nights at Freddy's

FAZBEAR FRIGHTS #1

INTO THE PIT

SCOTT CAWTHON
ELLEY COOPER

Scholastic Inc.

TABLE OF CONTENTS

[No Poço](#)

[Para ser bela](#)

[Conte as maneiras](#)

A black and white photograph of a gravel surface, likely a quarry or construction site. The gravel consists of small, light-colored stones of various sizes scattered across a darker background. In the center of the image, the words "INTO THE PIT" are printed in a large, bold, white, sans-serif font. The text is arranged in three lines: "INTO" on the top line, "THE" on the middle line, and "PIT" on the bottom line. The overall composition is simple and industrial.

INTO THE PIT

T "O gambá morto ainda está lá." Oswald olhava pela janela do passageiro para o cadáver cinza e peludo na beira da estrada. De alguma forma, parecia ainda mais morto do que ontem. A chuva da noite passada não ajudou.

"Nada parece mais morto do que um gambá morto", disse o pai de Oswald.

"Exceto esta cidade", murmurou Oswald, olhando para as fachadas das lojas fechadas com tábuas e as vitrines, que não exibiam nada além de poeira.

"O que é isso?", perguntou o pai. Ele já estava vestindo o ridículo colete vermelho que lhe davam quando trabalhava no balcão de frios da lanchonete. Oswald desejou que ele tivesse esperado para vesti-lo depois de deixá-lo na escola.

"Esta cidade", disse Oswald, desta vez em voz mais alta. "Esta cidade parece mais morta que um gambá morto."

O pai dele riu. "Bem, acho que não posso discordar disso."

Três anos atrás, quando Oswald tinha sete anos, havia coisas para fazer por aqui: um cinema, uma loja de jogos e cartas e uma sorveteria com casquinhas de waffle incríveis. Mas aí a fábrica fechou. A fábrica era basicamente o motivo da existência da cidade. O pai de Oswald perdeu o emprego, assim como centenas de outros pais e mães de crianças. Muitas famílias se mudaram, incluindo a do melhor amigo de Oswald, Ben, e sua família.

A família de Oswald tinha ficado porque o emprego da mãe no hospital era estável e eles não queriam se mudar para longe da avó. Então, o pai acabou arrumando um emprego de meio período no Snack Space, que pagava cinco dólares a menos por hora do que ele ganhava na fábrica, e Oswald viu a cidade definhar. Um comércio após o outro fechava as portas, como os órgãos de um corpo moribundo, porque ninguém mais tinha dinheiro para cinema, jogos ou aqueles deliciosos cones de waffle.

"Você está animado porque é o último dia de aula?", perguntou meu pai. Era uma daquelas perguntas que os adultos sempre faziam, como "Como foi seu dia?" e "Você escovou os dentes?".

Oswald deu de ombros. "Acho que sim. Mas não tem nada a ver com o fato de Ben ter ido embora. A escola é chata, mas ficar em casa também é."

"Quando eu tinha dez anos, no verão eu só voltava para casa quando me chamavam para jantar", disse meu pai. "Eu andava de bicicleta, jogava beisebol e me metia em todo tipo de encrenca."

"Você está dizendo que eu devo me meter em encrenca?", disse Oswald.

"Não, estou dizendo que você deveria ter *diversão* Papai parou o carro na fila de desembarque em frente à Escola Primária Westbrook.

Divirta-se. Ele fez parecer tão fácil.

Oswald atravessou as portas duplas da escola e deu de cara com Dylan Cooper, a última pessoa que ele queria ver. Ao que tudo indicava, Oswald era a primeira pessoa que Dylan queria ver, pois um largo sorriso se abriu em seu rosto. Dylan era o garoto mais alto da quinta série e claramente gostava de se impor sobre suas vítimas.

"Ora, se não é Oswald, o Ocelote!", disse ele, com um sorriso ainda maior.

"Essa nunca perde a graça, né?" Oswald passou por Dylan e ficou aliviado quando seu algoz decidiu não segui-lo.

Quando Oswald e seus colegas da quinta série ainda eram crianças em idade pré-escolar, passava um desenho animado em um dos canais infantis sobre uma grande jaguatirica rosa chamada Oswald. Como resultado, Dylan e seus amigos começaram a chamá-lo de "Oswald, a Jaguatirica" no primeiro dia do jardim de infância e nunca mais pararam. Dylan era o tipo de criança que implicava com qualquer coisa que fizesse você diferente. Se não fosse o nome de Oswald, seriam suas sardas ou seu topete rebelde.

A troca de insultos piorou muito este ano na história dos EUA quando descobriram que o homem que atirou em John F. Kennedy se chamava Lee Harvey Oswald. Oswald preferia ser um ocelote a um assassino.

Como era o último dia de aula, não houve qualquer tentativa de realizar atividades práticas. A Sra. Meecham havia anunciado no dia anterior que os alunos poderiam trazer seus aparelhos eletrônicos, desde que se responsabilizassem por quaisquer perdas ou danos. Esse anúncio significava que nenhum esforço seria feito em relação a qualquer atividade educacional.

Oswald não tinha nenhum aparelho eletrônico moderno. É verdade que havia um laptop em casa, mas toda a família o compartilhava e ele não tinha permissão para levá-lo para a escola. Ele tinha um celular, mas era o modelo mais triste e ultrapassado que se possa imaginar, e ele não queria tirá-lo do bolso porque sabia que qualquer criança que o visse zombaria de quão patético ele era. Então, enquanto outras crianças jogavam em seus tablets ou consoles portáteis, Oswald ficava sentado.

Quando ficar sentado se tornou insuportável, ele pegou um caderno e um lápis e começou a desenhar. Ele não era o melhor artista do mundo, mas desenhava bem o suficiente para que suas imagens fossem identificáveis, e havia um

Havia um certo toque cartunesco em seus desenhos que ele apreciava. O melhor de tudo, porém, era poder se perder na arte de desenhar. Era como se ele mergulhasse no papel e se tornasse parte da cena que estava criando. Era uma fuga bem-vinda.

Ele não sabia porquê, mas ultimamente vinha desenhando animais mecânicos — ursos, coelhos e pássaros. Imaginava-os do tamanho de humanos e movendo-se com a estranheza de robôs de um antigo filme de ficção científica. Eram peludos por fora, mas a pelagem escondia um esqueleto de metal rígido repleto de engrenagens e circuitos. Às vezes, desenhava os esqueletos de metal expostos ou os esboçava com a pelagem removida para revelar parte do mecanismo interno. Era um efeito arrepiante, como ver o crânio de uma pessoa espreitando por baixo da pele.

Oswald estava tão absorto em seu desenho que se assustou quando a Sra. Meecham apagou as luzes para exibir um filme. Filmes sempre lhe pareceram o último recurso desesperado de um professor na véspera do recesso — uma maneira de manter as crianças quietas e relativamente paradas por uma hora e meia antes de liberá-las para as férias de verão. O filme escolhido pela Sra. Meecham era, na opinião de Oswald, infantil demais para uma sala cheia de alunos da quinta série. Era sobre uma fazenda com animais falantes, e ele já o tinha assistido antes, mas assistiu novamente porque, afinal, o que mais ele tinha para fazer?

No recreio, as crianças ficavam em volta jogando bola uma para a outra e conversando sobre o que iam fazer durante o verão:

“Vou para um acampamento de futebol americano.”

“Vou para um acampamento de basquete.”

“Vou passar um tempo na piscina do meu bairro.”

“Vou ficar com meus avós na Flórida.”

Oswald sentou-se num banco e escutou. Para ele, não haveria acampamentos, nem inscrições em piscinas, nem viagens, porque não havia dinheiro. Então, ele desenharia, jogaria seus antigos videogames que já havia zerado mil vezes e talvez fosse à biblioteca.

Se Ben ainda estivesse aqui, seria diferente. Mesmo que estivessem fazendo as mesmas coisas de sempre, estariam fazendo juntos. E Ben sempre conseguia fazer Oswald rir, imitando personagens de videogame ou fazendo uma imitação perfeita de algum professor. Ele e Ben se divertiam não importava o que fizessem. Mas agora, um verão sem Ben se estendia diante dele, amplo e vazio.

* * *

Na maioria dos dias, a mãe de Oswald trabalhava do meio-dia à meia-noite, então o pai dele tinha que fazer o jantar. Geralmente, eles se viravam com refeições congeladas, como lasanha ou torta de frango, ou com frios e salada de batata da lanchonete Snack Space, que ainda eram comestíveis, mas não bons o suficiente para vender. Quando o pai cozinhava, geralmente eram coisas que só precisavam de água fervente.

Enquanto o pai preparava o jantar, a tarefa de Oswald era alimentar Jinx, o gato preto mimado da família. Oswald frequentemente pensava que usava quase a mesma habilidade culinária para abrir a lata de ração fedorenta de Jinx que o pai usava para preparar o próprio jantar.

Esta noite, Oswald e o pai estavam sentados à mesa comendo macarrão com queijo de caixinha e um pouco de milho enlatado que o pai tinha esquentado no micro-ondas. Era uma refeição bem amarela.

"Sabe, eu estava pensando", disse o pai, colocando ketchup no macarrão com queijo. *Por que ele fez isso?* Oswald se perguntou: "Eu sei que você já tem idade suficiente para ficar em casa sozinha às vezes, mas não gosto da ideia de você ficar sozinha o dia todo enquanto sua mãe e eu estamos no trabalho. Pensei que você poderia ir comigo até a cidade de manhã e eu poderia te deixar na biblioteca. Você poderia ler, navegar na internet—"

Oswald não podia deixar essa passar. Quão antiquado seu pai podia estar? "Ninguém mais diz 'navegar na internet', pai."

"Agora sim... porque eu acabei de dizer." Papai pegou um pouco de macarrão com o garfo. *De qualquer forma* Pensei que você poderia ficar na biblioteca de manhã. Quando bater a fome, você pode ir até a pizzaria do Jeff para comer uma fatia e tomar um refrigerante, e eu posso te buscar lá quando meu turno terminar, às três.

Oswald ponderou por um instante. A Pizzaria do Jeff era meio estranha. Não era exatamente suja, mas estava decadente. O vinil dos bancos das cabines tinha sido remendado com fita adesiva, e as letras de plástico do cardápio acima do balcão tinham caído, então os ingredientes listados incluíam *pepperones* *sou um urger* Era evidente que a Pizzaria do Jeff já fora algo maior e melhor do que era agora. Havia muito espaço vazio no chão e várias tomadas elétricas sem uso ao longo da base das paredes. Além disso, na parede do fundo havia um pequeno palco, embora não houvesse apresentações ali, nem mesmo uma noite de karaokê. Era um lugar estranho — triste e não era mais o que fora, assim como o resto da cidade.

Dito isso, a pizza era razoável e, mais importante, era a única pizza na cidade, se você não contar as congeladas.

departamento no Snack Space. Os poucos bons restaurantes da cidade, incluindo a Gino's Pizza e a Marco's Pizza (que, ao contrário da do Jeff, tinha nomes de pizzaiolos de verdade), fecharam as portas pouco depois do fechamento da fábrica.

"Então você vai me dar o dinheiro para a pizza?", perguntou Oswald. Desde que o pai perdeu o emprego, a mesada de Oswald tinha diminuído praticamente a zero.

Papai sorriu — um sorriso meio triste, ao que Oswald pareceu. "Filho, estamos numa situação difícil, mas não tão difícil a ponto de eu não poder te emprestar 3,50 para uma fatia de pizza e um refrigerante."

"Tudo bem", disse Oswald. Era difícil dizer não a uma fatia de queijo quente e derretido.

Como não era noite de aula e não seria novamente por um bom tempo, Oswald ficou acordado depois que o pai foi dormir e assistiu a um antigo filme japonês de monstros, com Jinx enrolada ronronando em seu colo. Oswald já tinha visto muitos filmes de terror japoneses de baixo orçamento, mas este, *Zendrelx vs.*

Mechazendrelx, Era algo novo para ele. Como sempre, Zendrelx parecia apenas um dragão gigante, mas Mechazendrelx o fez lembrar dos animais mecânicos que ele desenhava quando os despia. Ele riu dos efeitos especiais do filme — o trem que Zendrelx destruiu era claramente um brinquedo — e de como os movimentos labiais dos atores não combinavam com a dublagem em inglês. De alguma forma, porém, ele sempre se pegava torcendo por Zendrelx. Mesmo sendo apenas um cara em uma fantasia de borracha, ele conseguia ter muita personalidade.

Na cama, ele tentou enumerar suas bênçãos. Não tinha Ben, mas tinha filmes de monstros, a biblioteca e fatias de pizza na hora do almoço. Era melhor do que nada, mas ainda não seria o suficiente para sustentá-lo durante todo o verão. *Por favor*, ele desejou, com os olhos bem fechados. *Por favor, que algo interessante aconteça.*

* * *

Oswald acordou com o cheiro de café e bacon. O café era dispensável, mas o bacon tinha um aroma incrível. O café da manhã significava tempo com sua mãe, geralmente o único momento que ele tinha com ela até o fim de semana. Depois de uma parada necessária, ele correu pelo corredor até a cozinha.

"Olha só! Minha filha, que está prestes a entrar no sexto ano, se levantou!" Mamãe estava em pé ao lado do fogão, com seu roupão rosa felpudo, o cabelo loiro preso em um rabo de cavalo, virando... oh, que delícia, seriam panquecas?

"Oi, mãe."

Ela abriu os braços. "Exijo um abraço matinal."

Oswald suspirou como se estivesse irritado, mas foi até ela e a abraçou. Era engraçado. Com o pai, ele sempre dizia que era velho demais para abraços, mas nunca recusava os braços abertos da mãe. Talvez fosse porque ele não passava muito tempo com ela durante a semana, enquanto ele e o pai passavam tanto tempo juntos que às vezes acabavam se irritando um com o outro.

Ele sabia que a mãe sentia saudades e se sentia mal por ter que trabalhar tantas horas. Mas também sabia que, como o emprego do pai na lanchonete era apenas de meio período, as longas horas de trabalho da mãe eram o principal motivo para as contas serem pagas. A mãe sempre dizia que a vida adulta era uma luta entre tempo e dinheiro. Quanto mais dinheiro você ganhava para gastar com contas e necessidades, menos tempo você tinha para passar com a família. Era um equilíbrio difícil.

Oswald sentou-se à mesa da cozinha e agradeceu à mãe quando ela lhe serviu suco de laranja.

"Primeiro dia de férias de verão, hein?" Mamãe voltou para o fogão para pegar uma panqueca com a espátula.

"Hum-hum." Ele provavelmente deveria ter tentado parecer mais entusiasmado, mas não conseguiu reunir energia suficiente.

Ela deslizou a panqueca para o prato dele e depois serviu-lhe duas fatias de bacon. "Não é a mesma coisa sem o Ben, né?"

Ele balançou a cabeça negativamente. Não ia chorar.

A mãe bagunçou o cabelo dele. "Eu sei. É uma pena. Mas, quem sabe, talvez um novo amigo se mude para a cidade."

Oswald olhou para o rosto esperançoso dela. "Por que alguém se mudaria para cá?"

"Tudo bem, entendi seu ponto de vista", disse a mãe, colocando mais uma panqueca na panqueca. "Mas nunca se sabe. Ou talvez alguém legal já more aqui. Alguém que você nem conhece ainda."

"Talvez, mas duvido", disse Oswald. "Mas essas panquecas são ótimas."

Mamãe sorriu e bagunçou o cabelo dele de novo. "Bom, pelo menos isso eu tenho a meu favor. Quer mais bacon? Se quiser, é melhor pegar antes que seu pai entre aqui e aspire tudo."

"Claro." Era política pessoal de Oswald nunca recusar mais bacon.

* * *

A biblioteca até que era divertida. Ele encontrou o último livro de uma série de ficção científica que gostava e um mangá que parecia interessante. Como sempre, ele

Ele teve que esperar uma eternidade para usar os computadores porque estavam todos ocupados por pessoas que pareciam não ter para onde ir: homens com barbas desgrenhadas vestindo várias camadas de roupas esfarrapadas, mulheres magras demais com olhos tristes e dentes ruins. Ele esperou sua vez educadamente, sabendo que algumas dessas pessoas usavam a biblioteca como abrigo durante o dia e passavam a noite nas ruas.

A pizzeria do Jeff era tão estranha quanto ele se lembrava. O grande espaço vazio além das mesas e cabines era como uma pista de dança onde ninguém dançava. As paredes eram pintadas de amarelo pálido, mas deviam ter usado tinta barata ou apenas uma demão, porque os contornos do que quer que tivesse estado nas paredes antes ainda eram visíveis. Provavelmente fora algum tipo de mural com pessoas ou animais, mas agora eram apenas sombras atrás de um fino véu de tinta amarela. Às vezes, Oswald tentava descobrir o que eram aquelas formas, mas eram muito indistintas para serem distinguidas.

Depois, havia o palco que nunca era usado, vazio, mas aparentemente à espera de algo. No entanto, algo ainda mais estranho que o palco estava no canto traseiro direito. Era um grande cercado retangular rodeado por uma rede amarela, mas estava isolado por uma corda com uma placa que dizia: NÃO UTILIZE A própria caneta estava cheia de plástico vermelho, azul e verde. Bolas que provavelmente já foram coloridas e vibrantes, mas agora estavam desbotadas e empoeiradas.

Oswald sabia que as piscinas de bolinhas eram atrações populares em parques infantis, mas haviam praticamente desaparecido devido a preocupações com a higiene. — afinal, quem iria desinfetar todas aquelas bolas? Oswald não tinha dúvidas de que, se as piscinas de bolinhas ainda fossem populares quando ele era pequeno, sua mãe não o teria deixado brincar em uma. Como técnica de enfermagem, ela sempre fazia questão de apontar lugares que considerava muito cheios de germes para brincar, e quando Oswald reclamava que ela nunca o deixava se divertir, ela dizia: "Sabe o que não é divertido? Conjuntivite."

Com exceção do palco vazio e da piscina de bolinhas, a coisa mais estranha na Pizzeria do Jeff era o próprio Jeff. Ele parecia ser a única pessoa que trabalhava lá, então ele tanto atendia os pedidos no balcão quanto preparava as pizzas, mas o lugar nunca estava cheio o suficiente para que isso fosse um problema. Hoje, como em todos os outros dias, Jeff parecia não ter dormido em uma semana. Seu cabelo escuro estava espetado em lugares estranhos, e ele tinha olheiras alarmantes sob os olhos vermelhos. Seu avental estava manchado com molho de tomate, tanto recente quanto antigo. "O que posso lhe servir?", perguntou ele a Oswald, com voz entediada.

"Uma fatia de queijo e um refrigerante de laranja, por favor", disse Oswald.

Jeff olhou para o horizonte como se precisasse pensar se o pedido era razoável ou não. Finalmente, disse: "Certo. Trezentos e cinquenta."

Uma coisa que se podia dizer sobre as fatias de pizza do Jeff: eram enormes. Ele as servia em pratos de papel branco frágeis que logo ficavam manchados de gordura, e as pontas dos triângulos sempre ultrapassavam as bordas dos pratos.

Oswald acomodou-se numa mesa com sua fatia de pizza e refrigerante. A primeira mordida — a ponta do triângulo — era sempre a melhor. De alguma forma, as proporções de todos os sabores naquela mordida eram perfeitas. Ele saboreava o queijo quente e derretido, o molho picante e a crosta agradavelmente oleosa. Enquanto comia, olhava ao redor para os poucos outros clientes. Dois mecânicos da oficina de troca de óleo dobraram suas fatias de pepperoni e as comiam como sanduíches. Uma mesa cheia de funcionários de escritório atacava suas fatias desajeitadamente com garfos e facas de plástico, para não respingar molho em suas gravatas e blusas, imaginou Oswald.

Depois de terminar sua fatia, Oswald desejou comer mais uma, mas sabia que não tinha dinheiro para isso. Então, limpou os dedos engordurados e pegou seu livro da biblioteca. Deu um gole no refrigerante e leu, mergulhando em um mundo onde crianças com poderes secretos frequentavam uma escola especial para aprender a combater o mal.

* * *

"Garoto." A voz de um homem despertou Oswald de sua leitura. Ele ergueu os olhos e viu Jeff com o avental manchado de molho. Oswald concluiu que já havia abusado da hospitalidade. Ele estava sentado em uma mesa lendo havia duas horas, depois de ter pago uma refeição que custou menos de quatro dólares.

"Sim, senhor?", disse Oswald, porque gentileza nunca é demais.

"Tenho mais algumas fatias de queijo que não foram vendidas no almoço. Você quer?"

"Ah", disse Oswald. "Não, obrigado, não tenho mais dinheiro." Mas ele gostaria de ter.

"Por conta da casa", disse Jeff. "Eu teria que jogá-los fora de qualquer maneira." "Ah, ok. Claro. Obrigado."

Jeff pegou o copo vazio de Oswald. "Já que estou aqui, vou pegar mais refrigerante de laranja para você."

"Obrigado." Foi engraçado. A expressão de Jeff não mudou. Ele parecia cansado e infeliz, mesmo quando estava sendo extremamente gentil.

Jeff trouxe duas fatias empilhadas num prato de papel e um copo de refrigerante de laranja fresco. "Aqui está, garoto", disse ele, colocando o copo e o prato na mesa.

"Obrigado." Oswald se perguntou por um instante se Jeff sentia pena dele, se Jeff poderia pensar que ele era terrivelmente pobre como os moradores de rua que passavam o dia na biblioteca, em vez de apenas o pobre comum, que mal conseguia pagar as contas, como ele era.

Mas aí Oswald pensou que, se havia pizza de graça bem na sua frente, talvez não fosse hora de se preocupar com os motivos. Talvez fosse hora de comer.

Oswald não teve dificuldade nenhuma em devorar as duas fatias enormes. No último mês, seu apetite estava insaciável. Quando a mãe preparava pilhas de panquecas para ele de manhã, dizia que ele devia estar passando por um estirão de crescimento, por isso comia como se não houvesse amanhã.

Seu celular vibrou no bolso no instante em que ele tomou o último gole de seu refrigerante. Ele olhou para a mensagem do pai: **Estarei na frente do Jeff's em 2 min.**

Momento perfeito. Tinha sido um bom dia.

* * *

Os dias na biblioteca e na pizzeria do Jeff começaram a se acumular. As primeiras semanas tinham sido ótimas, mas agora a biblioteca não tinha o próximo livro da série que ele estava lendo, e ele havia se entediado com seu jogo de fantasia online, que, embora anunciado como gratuito, agora não o deixava avançar sem pagar. Ele estava cansado de não ter ninguém da sua idade para sair. Ele ainda não havia se cansado de pizza, mas estava começando a imaginar que isso poderia acontecer no futuro.

Hoje à noite era Noite de Diversão em Família, um evento semanal que variava de acordo com a escala de trabalho da mamãe. Na época em que a fábrica ainda estava aberta, Noite de Diversão em Família significava jantar em um restaurante — pizza, comida chinesa ou mexicana. Depois da refeição, eles faziam alguma atividade divertida juntos. Iam ao cinema se estivesse passando algum filme infantil, mas se não, iam ao boliche ou à pista de patinação onde mamãe e papai costumavam ir em encontros quando estavam no ensino médio. Mamãe e papai eram ótimos patinadores e Oswald era péssimo, mas eles patinavam um de cada lado dele, segurando-o.

mãos e o mantendo acordado. Geralmente, eles terminavam a noite com um sorvete de casquinha na sorveteria do centro. Oswald e a mãe zombavam do pai porque, não importava quais sabores de sorvete estivessem disponíveis, ele sempre pedia baunilha.

Desde que a fábrica fechou, porém, a Noite de Diversão em Família se transformou em um evento caseiro. A mãe preparava um jantar simples, mas festivo, como tacos de mistura pronta ou salsichas. Eles jantavam e depois jogavam jogos de tabuleiro ou assistiam a um filme alugado na Redbox. Ainda era divertido, claro, mas às vezes Oswald expressava em voz alta o desejo de voltar aos velhos tempos de assistir a filmes novos no cinema e comer casquinhas de waffle depois, e o pai tinha que lembrá-lo de que o importante era que todos passassem um tempo juntos.

Às vezes, quando o tempo estava bom, eles faziam uma Noite de Diversão em Família. Preparavam um piquenique com frios e saladas, cortesia do Espaço de Lanches, e iam até o parque estadual. Jantavam em uma mesa de madeira e observavam os esquilos, os pássaros e os guaxinins. Depois, faziam uma caminhada em uma das trilhas. Esses passeios eram sempre uma mudança agradável, mas Oswald também sabia por que essas eram as únicas Noites de Diversão em Família que os faziam sair de casa: os piqueniques eram gratuitos.

Esta noite eles ficariam em casa. Mamãe tinha feito espaguete e pão de alho. Eles jogaram Detetive, que mamãe ganhou como de costume, e agora estavam amontoados no sofá de pijama com uma tigela enorme de pipoca entre eles, assistindo a uma refilmagem de um antigo filme de ficção científica.

Assim que o filme terminou, meu pai disse: "Bem, foi muito bom, mas não tão bom quanto a versão original."

"Como assim, a versão verdadeira?", perguntou Oswald. "Aquela era a versão verdadeira."

"Na verdade não", disse meu pai. "Quer dizer, se passava no mesmo universo da versão original, mas era uma espécie de imitação barata daquela que saiu quando eu era criança."

Meu pai sempre tinha que ser muito opinativo. Ele nunca conseguia simplesmente assistir a algo e gostar. "Então os melhores filmes são sempre aqueles que você assistia quando era criança?", disse Oswald.

"Nem sempre, mas neste caso, sim." O pai, Oswald percebeu, estava se preparando para uma de suas coisas favoritas: uma boa discussão.

"Mas os efeitos especiais da versão original são péssimos", disse Oswald. "Todos aqueles bonecos e máscaras de borracha."

* * *

"Prefiro um boneco ou uma maquete a qualquer computação gráfica", disse meu pai, recostando-se no sofá e apoiando os pés na mesa de centro. "Essa coisa é tão artificial e falsa. Não tem calor, não tem textura. E além disso, você gosta daqueles filmes antigos do Zendrelx, e os efeitos especiais deles são terríveis."

"Sim, mas eu só assisto a esses vídeos para zoar com eles", disse Oswald, embora ele realmente achasse Zendrelx muito legal.

Mamãe entrou da cozinha com tigelas de sorvete. Não tão bom quanto o da sorveteria de casquinha, mas também não era ruim. "Ok, se vocês não pararem com essa discussão nerd, eu vou escolher o próximo filme que vamos assistir. E vai ser um..." *comédia romântica*

Oswald e seu pai se calaram imediatamente.

"Era mais ou menos o que eu pensava", disse a mãe, passando as tigelas de sorvete.

* * *

Enquanto Oswald estava deitado na cama desenhando seus animais mecânicos, seu telefone vibrou na mesa de cabeceira. Havia apenas uma pessoa, além de seus pais, que lhe mandava mensagens.

Ei, Ben digitou na tela. **Heyback**, digitou Oswald.

Como está sendo seu verão?

Incrível. Estou em Myrtle Beach de férias. É muito legal. Fliperamas e minigolfe por toda parte.

Ciúmes, Oswald digitou, e ele estava falando sério. Uma praia com fliperamas e minigolfe realmente parecia incrível.

Queria que você estivesse aqui, Ben digitou. **Eu**

também

Como está sendo seu verão?

OK, Oswald mandou uma mensagem. Ele ficou momentaneamente tentado a fazer seu verão parecer mais legal do que realmente foi, mas ele nunca conseguiria mentir para Ben. **Tenho ido muito à biblioteca, almocei na pizzeria Jeffs.**

Isso é tudo?

Parecia patético em comparação com uma viagem em família à praia. Ele mandou uma mensagem: **Praticamente sim**

Desculpe, Ben mandou uma mensagem, e então, **Aquela pizzeria é assustadora.**

Eles conversaram mais um pouco e, embora Oswald estivesse feliz em receber notícias de Ben, também estava triste por seu amigo estar tão longe e se divertindo tanto sem ele.

* * *

Segunda-feira de manhã, e Oswald estava de mau humor. Nem mesmo as panquecas da mãe ajudaram. No carro, o pai aumentou demais o volume do rádio. Era uma música boba sobre um trator. Oswald estendeu a mão para o botão e abaixou o volume.

"Ei, cara, quem escolhe a música é o motorista. Você sabe disso", disse meu pai. E aumentou ainda mais o volume daquela música horrível.

"É música ruim", disse Oswald. "Estou tentando te salvar de você mesmo." "Bem, eu não gosto dessas músicas de videogame que você ouve", disse o pai. "Mas eu não vou simplesmente invadir seu quarto e desligá-las."

"É", disse Oswald. "Mas eu também não te obrigo a ouvi-las." O pai abaixou o volume do rádio. "Qual é o problema, filho? Seja lá o que estiver te incomodando, não é só porque eu gosto de música country."

Oswald não estava com vontade de falar, mas era óbvio que estava sendo forçado. E assim que abriu a boca, ficou surpreso ao sentir reclamações jorrando dele como lava de um vulcão. "Estou cansado de todos os dias serem exatamente iguais. O Ben me mandou uma mensagem ontem. Ele está em Myrtle Beach se divertindo muito. Queria saber o que eu estava fazendo, e eu disse que estava indo à biblioteca e à pizzeria Jeff's todos os dias, e sabe o que ele respondeu? 'Desculpe' e 'Aquela pizzeria é assustadora'."

Papai suspirou. "Sinto muito que não possamos ir de férias e nos divertir muito, Oz. As coisas estão difíceis agora em relação ao dinheiro. Sinto muito que isso esteja te afetando. Você é uma criança. Não deveria ter que se preocupar com dinheiro. Espero que me contratem em tempo integral na loja no outono. Isso vai ajudar muito, e se eu for promovido a gerente do setor de frios, serão mais um dólar e cinquenta por hora."

Oswald sabia que não devia dizer o que estava prestes a dizer, mas lá foi ele mesmo. "O pai do Ben conseguiu um emprego que paga ainda melhor do que o antigo emprego dele na fábrica."

Papai apertou o volante com mais força. "É, bem, e o pai do Ben teve que se mudar para 800 quilômetros de distância para conseguir esse emprego." Sua voz estava tensa, tão tensa quanto seu aperto no volante, e Oswald percebeu que seu maxilar estava cerrado. "Sua mãe e eu conversamos muito sobre isso, mas decidimos não nos mudar, principalmente porque sua avó mora aqui e precisa de ajuda às vezes. Esta é a nossa casa, filho, e as coisas não são perfeitas, mas temos que fazer o melhor possível."

Oswald sentiu que estava cruzando a linha tênue entre resmungar e ficar de castigo. Mas por que algumas pessoas tinham o melhor de tudo, enquanto outras tinham que se contentar com visitas gratuitas à biblioteca e pizza barata? "E assim, todos os dias vocês me jogam na rua como lixo. Se isso é o melhor, prefiro nem imaginar o pior!"

"Ora, filho, não acha que isso é um pouco dramático—"

Oswald não ficou para ouvir o resto das críticas do pai. Saiu do carro e bateu a porta.

O pai dele saiu em disparada, provavelmente feliz por se livrar dele.

Como ele havia previsto, a biblioteca ainda não tinha o livro que ele queria. Ele folheou algumas revistas — daquelas com animais exóticos da selva, que ele geralmente gostava, mas que não lhe causavam muita empolgação hoje. Quando chegou a sua vez de usar um computador, ele colocou os fones de ouvido e assistiu a alguns vídeos do YouTube, mas não estava com humor suficiente para rir.

Na hora do almoço, ele sentava na pizzaria do Jeff com sua fatia de pizza e refrigerante. Todo dia, uma fatia de queijo. Se o pai dele não fosse tão pão-duro, daria mais um dólar para ele poder comer pepperoni ou linguiça. Mas não, tinha que ser a pizza mais barata que desse. Claro, o dinheiro estava curto, mas, sério, mais um dólar por dia ia arruinar o orçamento?

Olhando em volta, Oswald concluiu que Ben tinha razão. A Pizzaria do Jeff era sinistra. Havia aquelas figuras sombrias pintadas nas paredes, a piscina de bolinhas empoeirada e abandonada. E, pensando bem, Jeff também era meio sinistro. Parecia ter cem anos, mas provavelmente tinha apenas trinta. Com aqueles olhos vermelhos e semicerrados, o avental manchado e a fala e os movimentos lentos, ele era como um pizzaiolo zumbi.

Oswald pensou na discussão que tivera com o pai naquela manhã. Logo o pai lhe mandaria uma mensagem, esperando que ele saísse e fosse até o carro. Bem, hoje seria diferente. Hoje o pai teria que vir procurá-lo.

Havia um lugar perfeito para se esconder.

Oswald estava entrando no fosso.

O buraco era bem nojento, na verdade. Obviamente intocado por anos, as esferas de plástico estavam cobertas por uma poeira cinza e felpuda. Mas se esconder ali seria uma ótima pegadinha para o pai dele. O pai, que sempre o levava e buscava como se fosse uma lavanderia, finalmente teria que sair do carro e se esforçar um pouco. Oswald também não facilitaria as coisas para ele.

Oswald tirou os sapatos. Sim, a piscina de bolinhas era nojenta, mas pelo menos entrar nela faria com que aquele dia fosse diferente de todos os outros que o precederam.

Ele desceu até o fundo do poço e sentiu as bolas se abrindo para dar espaço ao seu corpo. Moveu os braços e as pernas. Era um pouco como nadar, se fosse possível nadar em esferas de plástico secas. Encontrou o equilíbrio no fundo do poço. Algumas das bolas estavam estranhamente pegajosas, mas ele tentou não pensar no porquê. Se quisesse enganar o pai, teria que ir até o fundo.

Ele respirou fundo, como se fosse pular em uma piscina, e caiu de joelhos. A água chegou até seu pescoço. Ao se mexer para se sentar no fundo do fosso, sua cabeça também afundou. As bolas se abriram o suficiente para que ele pudesse respirar, mas estava escuro e lhe dava uma sensação de claustrofobia. O lugar cheirava a poeira e mofo.

"Conjuntivite", ele ouviu a voz da mãe dizendo. "Você vai pegar conjuntivite."

O cheiro estava realmente incomodando-o. A poeira fazia cócegas em seu nariz. Ele sentiu um espirro se aproximando, mas não conseguiu mover a mão através das esferas rápido o suficiente para alcançar o nariz e abafá-lo. Ele espirrou três vezes, cada uma mais alta que a anterior.

Oswald não sabia se seu pai já o estava procurando, mas, se estivesse, a piscina de bolinhas que espirrava provavelmente já tinha revelado sua localização. Além disso, estava escuro demais e nojento lá dentro. Ele precisava subir para respirar.

Ao se levantar, seus ouvidos foram atacados pelo som de aparelhos eletrônicos bipando e crianças gritando e rindo.

Levou alguns segundos para que seus olhos se ajustassem da escuridão do fosso ao brilho que agora o cercava, às luzes piscantes e às cores vibrantes. Ele olhou em volta e murmurou: "Toto, acho que não estamos mais no Kansas."

As paredes estavam repletas de máquinas de fliperama brilhantes com jogos sobre os quais ele ouvia seu pai falar desde a infância: *Sra. Pac-Man, Burro Kong, Frogger, Q*bert, Galaga* Uma máquina de pegar bichinhos de pelúcia iluminada por luzes de néon exibia criaturas azuis parecidas com elfos e gatos de desenho animado laranja. Ele olhou para o fosso e percebeu que estava cercado por crianças pequenas que se divertiam nas esferas de plástico, estranhamente limpas e agora coloridas. Ele se ergueu sobre as crianças como um gigante. Saiu do fosso para procurar seus sapatos, mas eles haviam sumido.

De pé sobre o tapete colorido, de meias, ele olhou em volta. Havia muitas crianças da sua idade e mais novas, mas havia algo diferente nelas. O cabelo de todos estava penteado e volumoso, e os meninos usavam camisas polo em cores que muitos caras jamais usariam, como rosa ou azul-turquesa. O cabelo das meninas era quase inacreditavelmente grande, com franjas que se projetavam da testa como garras; elas usavam blusas em tons pastel que combinavam com seus sapatos também em tons pastel. As cores, as luzes, os sons — Foi uma sobrecarga sensorial. E que música era aquela?

Oswald olhou em volta para ver de onde vinha o som. Do outro lado da sala, em um pequeno palco, um trio de animais animatrônicos piscava seus grandes olhos vazios, abria e fechava a boca e girava para frente e para trás em sincronia com uma música irritante e estridente. Havia um urso marrom, um coelho azul com uma gravata borboleta vermelha e uma espécie de garota-pássaro. Eles lembraram Oswald dos animais mecânicos que ele se pegava desenhando ultimamente. A diferença era que ele nunca conseguia decidir se os animais em seus desenhos eram fofos ou assustadores.

Eram assustadores.

Por mais estranho que pareça, a dúzia de crianças pequenas ao redor do palco não parecia pensar assim. Elas usavam chapéus de festa de aniversário com desenhos dos personagens e estavam dançando, rindo e se divertindo muito.

Quando o cheiro de pizza atingiu o nariz de Oswald, ele entendeu.

Ele ainda estava na Pizzaria do Jeff, ou melhor, no que a Pizzaria do Jeff tinha sido antes de Jeff assumir o controle. A piscina de bolinhas era nova e não estava isolada por cordas, todas as tomadas na parede tinham jogos de fliperama conectados e... ele se virou para a parede esquerda. Nas formas das sombras na parede da Pizzaria do Jeff havia um mural dos mesmos personagens "se apresentando" no palco: o urso marrom, o coelho azul e a garota-pássaro. Abaixo de seus rostos estavam...
as palavras PIZZARIA DO FREDDY FAZBEAR.

As entranhas de Oswald se transformaram em água gelada. Como aquilo tinha acontecido? Ele sabia onde estava, mas não sabia...*quando* Foi ou como ele chegou lá.

Alguém esbarrou nele, e ele deu um pulo maior do que o normal. Já que sentiu o contato físico, aquilo não devia ser um sonho. Ele não conseguia decidir se aquilo era uma boa notícia ou não.

"Desculpa, cara", disse o garoto. Ele tinha mais ou menos a idade de Oswald e vestia uma camisa polo amarela clara com a gola levantada, por dentro de uma calça jeans que parecia ser de pai. Os tênis brancos que ele usava eram enormes, pareciam sapatos de palhaço. Ele parecia ter passado um tempão arrumando o cabelo. "Você está bem?"

"Sim, claro", disse Oswald. Ele não tinha certeza se estava bem, na verdade, mas não sabia como começar a explicar sua situação.

"Nunca te vi por aqui antes", disse o garoto.

"Sim", disse Oswald, tentando encontrar uma explicação que não soasse muito estranha. "Estou apenas de visita... vou ficar com a minha avó por algumas semanas. Este lugar é ótimo. Todos esses jogos antigos—"

"*Velho* Jogos?", disse o garoto, arqueando uma sobrancelha. "Você está brincando, né? Não sei de onde você é, mas o Freddy's tem os jogos mais modernos por aqui. É por isso que as filas para jogar são tão longas."

"Ah, sim, eu estava só brincando", disse Oswald, porque não conseguia pensar em mais nada para dizer. Ele tinha ouvido o pai falar sobre jogar muitos desses jogos quando...*e* Era criança. Jogos absurdamente difíceis, dizia ele, nos quais havia desperdiçado muitas horas e muitas moedas.

"Eu sou o Chip", disse o garoto, passando os dedos pelos cabelos volumosos. "Eu e meu amigo Mike"—ele acenou com a cabeça para um garoto negro alto, de óculos enormes e camisa com largas listras vermelhas e azuis—"estávamos prestes a jogar Skee-Ball. Quer vir com a gente?"

"Claro", disse Oswald. Era bom estar com outras crianças, mesmo que parecessem ser de outra época. Ele não achava que aquilo fosse um sonho, mas com certeza era tão estranho quanto um.

"Você tem um nome?", perguntou Mike, olhando para Oswald como se ele fosse algum tipo de espécime estranho.

"Ah, claro. Sou Oswald." Ele estava tão perplexo que se esqueceu de se apresentar.

Mike deu um tapinha amigável nas costas dele. "Bem, preciso te avisar, Oswald. Sou fera no Skee-Ball. Mas vou pegar leve com você, já que é novato por aqui."

"Obrigado por terem piedade de mim", disse Oswald. Ele os seguiu até a área do Skee-Ball. No caminho, passaram por alguém fantasiado de coelho, que parecia uma versão amarela do coelho animatrônico no palco. Ninguém mais parecia estar prestando atenção no cara do coelho, então Oswald não disse nada. Provavelmente era um funcionário do Freddy Fazbear's fantasiado para entreter as crianças na festa de aniversário.

Mike não estava brincando quando disse que era fera no Skee-Ball. Ele derrotou Chip e Oswald facilmente três vezes, mas foi um bom esportista e eles passaram o tempo todo fazendo piadas. Foi bom me sentir incluído.

Mas depois de mais algumas partidas, Oswald começou a se preocupar. Que horas eram de verdade? Há quanto tempo seu pai o procurava? E como ele voltaria para sua vida normal? Claro, ele queria dar um sustinho no pai, mas não queria assustá-lo tanto a ponto de envolver a polícia.

"Ei, pessoal, é melhor eu ir", disse Oswald. "Minha avó—" Ele quase disse "acabou de me mandar uma mensagem", mas percebeu que Chip e Mike não teriam a menor ideia do que ele estava falando. Naquela época, não existiam celulares. "Minha avó deve me buscar em alguns minutos."

"Beleza, cara, talvez a gente se veja mais tarde", disse Chip, e Mike acenou levemente com a cabeça.

Oswald se separou dos seus companheiros, ficou parado num canto, de meias, sem saber o que fazer. Estava vivendo uma espécie de experiência mágica, estava atrasado para voltar e havia perdido os sapatos. Era como uma Cinderela confusa.

Como voltar? Ele poderia sair pela porta da frente da Freddy Fazbear's, mas para onde isso o levaria? Talvez fosse o lugar certo para encontrar o carro do pai esperando, mas não era a hora certa. Nem a década certa.

Então a ficha caiu. Talvez a saída fosse a mesma por onde ele tinha entrado. No parque de bolinhas, uma mãe estava dizendo aos seus dois filhos pequenos que era hora de ir embora. Eles tentaram argumentar, mas ela usou sua voz de mãe severa e os ameaçou com uma hora de dormir mais cedo. Assim que eles saíram, ele entrou.

Ele afundou antes que alguém percebesse que havia uma criança acima da altura permitida na piscina de bolinhas. Quanto tempo deveria ficar submerso? De repente, decidiu contar até cem e depois se levantar.

Ele se levantou e se viu em meio à piscina de bolinhas empoeirada e isolada por cordas da Pizzaria do Jeff. Saiu da piscina e encontrou seus sapatos exatamente onde estavam.

Ele os havia deixado. Seu celular vibrou no bolso. Ele o pegou e leu:
Chego aí em 2 minutos.

Não havia passado nenhum tempo?

Ele saiu pela porta e Jeff gritou: "Até mais, garoto!", enquanto ele estava atrás dele.

* * *

"Está com um ótimo aspecto, mãe", disse Oswald, espetando uma linguça com o garfo.

"Você está de bom humor hoje." A mãe colocou um waffle no prato dele.
"Que diferença de ontem, quando você estava de mau humor."

"É", disse Oswald, "eles devem colocar meu livro na biblioteca hoje". Essa afirmação era verdadeira, mas não era o motivo do bom humor de Oswald. Claro que ele não podia contar o verdadeiro motivo. Se ele dissesse: "Descobri uma piscina de bolinhas na Pizzaria do Jeff que me permite viajar no tempo", a mãe largaria os waffles e ligaria para o psicólogo infantil mais próximo.

Oswald pegou seu livro na biblioteca, mas estava impaciente demais para lê-lo. Assim que a pizzaria Jeff's abriu às onze horas, ele foi direto para lá.

Jeff estava na cozinha quando chegou, então foi direto para a churrasqueira.

Ele tirou os sapatos, entrou e afundou nas profundezas. Como parecia ter funcionado antes, contou até cem antes de se levantar.

A banda animatrônica estava "tocando" uma música estranha e estridente, parcialmente abafada pelos bipes, sons eletrônicos e toques de vários jogos. Ele vagou pelo salão, observando os videogames, o jogo de bater em toupeiras, os pirulitos com luzes de neon que davam fichas (mas provavelmente não) se você apertasse o botão na hora certa. Crianças maiores se aglomeravam em volta dos videogames. Crianças em idade pré-escolar subiam nos brinquedos coloridos de giz de cera. *Conjuntivite*, Oswald pensou, embora não tivesse moral para falar, sobre o jeito como ele andava mergulhando na piscina de bolinhas ultimamente.

Tudo parecia como antes. Ele até avistou um calendário pendurado em um escritório aberto, o que o ajudou a precisar a data: 1985.

"Ei, é o Oswald!" Dessa vez, Chip estava usando uma camisa polo azul-bebê, calça jeans de pai e tênis enormes. Nem um fio de cabelo estava fora do lugar.

"Ei, Oz", disse Mike. Ele estava usando um *De Volta para o Futuro* Camiseta.
"Alguém já te chamou assim — tipo o Mágico de Oz?"

“Agora sim”, disse Oz, sorrindo. Ele havia passado do verão mais solitário de sua vida a ter dois novos amigos — e um apelido. É verdade que tudo isso parecia estar acontecendo em meados da década de 1980, mas por que se apegar aos detalhes?

“Ei”, disse Chip, “acabamos de pedir uma pizza. Quer vir comer um pedaço? Pedimos uma grande, então tem mais do que a gente consegue comer.”

“Fale por si mesmo”, disse Mike, mas estava sorrindo.

“Certo”, disse Chip, “que tal eu dizer que é mais do que nós *deve* comer? Quer se juntar a nós?”

Oswald estava curioso para saber como a pizza do Freddy Fazbear se comparava à do Jeff. “Claro. Obrigado.”

No caminho para a mesa, eles passaram por alguém vestido com a mesma fantasia amarela de coelho, parado num canto, imóvel como uma estátua. Chip e Mike ou não o viram ou o ignoraram, então Oswald tentou ignorá-lo também. Mas por que se esconder daquele jeito no canto? Se ele trabalhava no restaurante, certamente não deveria estar agindo de forma tão sinistra.

Na mesa, uma jovem de cabelos loiros volumosos e sombra azul nos olhos serviu-lhes uma pizza grande e uma jarra de refrigerante. Ao fundo, a banda animatrônica tocava. A pizza era de pepperoni e linguiça com uma borda crocante, uma boa alternativa às fatias de queijo simples.

“Sabe”, disse Mike entre mordidas, “quando eu era pequeno, adorava a banda do Freddy Fazbear. Eu até tinha um Freddy de pelúcia com quem eu dormia. Agora, quando olho para aquele palco, aquelas coisas me dão arrepios.”

“É estranho, né? Como as coisas que a gente gosta quando é criança ficam assustadoras quando a gente cresce?” Chip se serviu de mais uma fatia. “Tipo palhaços.”

“É, ou bonecas”, disse Mike entre mordidas. “Às vezes eu olho para as bonecas da minha irmã, todas enfileiradas na prateleira do quarto dela, e parece que elas estão me encarando.”

Ou como aquele cara fantasiado de coelho amarelo, Oswald pensou, mas não disse nada.

Depois de devorarem a pizza, jogaram Skee-Ball. Mike, mais uma vez, deu uma surra neles, mas foi muito gentil. Oswald não se preocupava mais com o tempo, porque aparentemente ali o tempo não passava da mesma forma que em seu próprio fuso horário. Depois do Skee-Ball, eles se revezaram jogando hóquei de mesa em duplas. Oswald se saiu surpreendentemente bem e até conseguiu vencer Mike uma vez.

Quando começaram a ficar sem fichas, Oswald agradeceu por compartilharem sua riqueza e disse que esperava vê-los novamente em breve. Depois que se despediram, Oswald esperou até que ninguém estivesse olhando e desapareceu no fosso.

* * *

Passar tempo com Chip e Mike se tornou algo rotineiro. Hoje, eles nem estavam jogando. Estavam apenas sentados em uma mesa, bebendo refrigerante e conversando, tentando ignorar ao máximo a música irritante dos animais animatrônicos.

"Sabe de qual filme eu gostei?", disse Chip. Sua camisa polo estava cor de pêssego hoje. Oswald adorava o cara, mas, sério, ele não tinha uma camisa sequer que não fosse da cor de um ovo de Páscoa?*A Canção Eterna*"

"Sério?" disse Mike, ajustando seus enormes óculos no nariz. "Aquele filme foi muito chato! Eu fiquei tipo,*A Canção Eterna*"É o título perfeito para este filme porque acho que ele nunca vai acabar!"

Todos riram, e então Chip perguntou: "O que você achou, Oz?" "Eu não vi esse filme", respondeu Oswald. Ele dizia isso com frequência quando estava com Chip e Mike.

Oswald sempre os ouvia falar sobre filmes e séries de que gostavam. Quando mencionavam algum que ele não conhecia, pesquisava na internet quando chegava em casa. Ele fez uma lista de filmes dos anos 80 que queria assistir e conferia a programação da TV no DVR para ver quando algum deles passaria. Oswald participava das conversas de Chip e Mike o máximo que podia. Era como ser um estudante de intercâmbio. Às vezes, ele tinha que fingir que estava tudo bem, sorrindo, acenando com a cabeça e sendo geralmente agradável.

"Cara, você precisa sair mais", disse Mike. "Quem sabe você não pode ir ao cinema com o Chip e comigo algum dia desses."

"Isso seria legal", disse Oswald, porque o que mais ele poderia dizer? *Na verdade, eu venho de um futuro distante, e não acho fisicamente possível te ver em qualquer lugar que não seja na Freddy Fazbear's em 1985.* Os dois achariam que era uma piada com o Mike, porque o filme favorito dele era *De Volta para o Futuro*.

"Diga um filme que você já viu e que realmente gostou", disse Chip para Oswald. "Estou tentando descobrir qual é o seu gosto."

A mente de Oswald ficou em branco. Que filme dos anos 80 era aquele? "Hum... *ET?*"

"*ET*— Mike bateu na mesa, rindo. *ET* Isso foi tipo, três anos atrás. Você realmente precisa sair mais! Não tem cinema de onde você vem?"

Sim, fazem. Oswald pensou. *E eles têm Netflix, PlayStation, YouTube e redes sociais.* Mas ele não disse isso.

É claro que Chip e Mike falavam sobre tecnologias das quais ele tinha apenas um conhecimento superficial, como videocassetes, aparelhos de som portáteis e fitas cassete. E ele constantemente precisava se lembrar de não falar sobre coisas como celulares, tablets e internet. Ele tentava não usar camisetas com personagens e referências que pudessem confundir Chip e Mike ou os outros clientes da Freddy Fazbear's de 1985.

"Sim, definitivamente precisamos te atualizar", disse Chip. *Se você soubesse,* Oswald pensou.

"Ei, vocês querem jogar uns jogos?", disse Mike. "Estou com vontade de jogar Skee-Ball, mas prometo que vou pegar leve com vocês."

Chip riu. "Não, vocês não vão. Vocês vão nos matar."

"Podem ir", disse Oswald. "Acho que vou ficar aqui na mesa." "O quê, assistir ao show?", disse Mike, acenando na direção dos personagens sinistros no palco. "Aconteceu alguma coisa? Se você resolveu gostar da música do Freddy Fazbear de repente, precisamos te ajudar rápido."

"Não, não há nada de errado", disse Oswald, mas na verdade, havia sim. Em suas primeiras visitas à Freddy Fazbear's de 1985, ele nem sequer se deu conta de que estava basicamente se aproveitando da generosidade de Chip e Mike, já que nunca teve dinheiro próprio. E mesmo que não estivesse falido em seu próprio tempo, será que o dinheiro que trouxe do presente seria suficiente em 1985? Era meio lamentável estar sem dinheiro duas décadas depois.

Finalmente, ele disse: "Eu sinto que estou sempre pegando seu dinheiro porque nunca tenho nenhum."

"Ei, cara, relaxa", disse Chip. "A gente nem tinha percebido." "É", disse Mike, "a gente só achou que sua avó nunca te dava dinheiro. Eu sei que a minha não dá, exceto no meu aniversário."

Eles estavam sendo muito gentis, mas Oswald ainda se sentia constrangido. Se eles tinham comentado sobre a falta de dinheiro dele, isso significava que tinham percebido. "Que tal eu ir passar um tempo com vocês enquanto vocês jogam?", disse Oswald.

Ao se levantar, sentiu um peso estranho nos bolsos. Algo ali era tão pesado que ele achou que suas calças poderiam cair. Ele enfiou a mão nos bolsos e tirou punhados de fichas do jogo Freddy Fazbear's de 1985. Tirou punhado após punhado e despejou-os sobre a mesa. "Ou poderíamos jogar todos usando essas", disse ele. Não fazia ideia de como explicar a mágica que acabara de acontecer. "Acho que me esqueci que estava usando essas calças... aquelas que tinham todas as fichas dentro."

Chip e Mike pareceram um pouco confusos, mas depois sorriram e começaram a juntar as moedas da mesa em seus copos de refrigerante vazios.

Oswald fez o mesmo. Decidiu simplesmente aceitar a estranheza. Ele não sabia como as fichas tinham chegado lá, mas, pensando bem, ele também não sabia como *e/etambém* não cheguei lá.

* * *

De manhã, enquanto o pai o levava de carro até a biblioteca, Oswald perguntou: "Pai, quantos anos você tinha em 1985?"

"Eu era apenas alguns anos mais velho que você", disse meu pai. "E, além do beisebol, tudo em que eu conseguia pensar era em quantas moedas de 25 centavos eu tinha para gastar no fliperama. Por que você pergunta?"

"Sem nenhum motivo em particular", disse Oswald. "Só andei pesquisando um pouco. A Jeff's Pizza — antes de ser a Jeff's Pizza, era algum tipo de fliperama, não era?"

"Sim, estava." A voz do meu pai soava estranha, talvez nervosa. Ele ficou em silêncio por alguns segundos e depois disse: "Mas fechou."

"Como tudo nesta cidade", disse Oswald.

"Basicamente, sim", disse o pai, parando em frente à biblioteca. Talvez fosse imaginação de Oswald, mas parecia que o pai estava aliviado por chegar ao destino e não ter que responder a mais nenhuma pergunta.

Às onze horas em ponto, Oswald dirigiu-se à Pizzaria do Jeff, como já era seu costume. Sem sinal de Jeff, Oswald prosseguiu até o fosso. Após contar até cem, ele parou. Havia ruídos, mas não os habituais da Freddy Fazbear's. Gritos. Crianças chorando. Pedidos de socorro. Passos rápidos de pessoas correndo. Caos.

Chip e Mike estavam ali? Estavam bem? Alguém ali estava bem? Ele estava com medo. Uma parte dele queria desaparecer de volta para o fosso, mas ele estava preocupado com seus amigos. Além disso, a curiosidade sobre

O que estava acontecendo, mesmo que ele soubesse o que era, era horrível.

Ele não estava em perigo, dizia para si mesmo, porque aquilo era passado, um tempo muito anterior ao seu nascimento. Sua vida não poderia estar em perigo em um tempo anterior mesmo à sua existência, poderia?

Com o estômago embrulhado, ele atravessou a multidão, passando por mães chorando e correndo com seus filhos pequenos nos braços, por pais que seguravam as mãos das crianças e as conduziam rapidamente para a saída, com os rostos estampados em choque.

"Chip? Mike?" ele chamou, mas seus amigos não estavam em lugar nenhum. Talvez eles não tivessem vindo à Freddy Fazbear's hoje. Talvez estivessem a salvo.

Assustado, mas sentindo que precisava saber o que estava acontecendo, Oswald caminhou na direção oposta à de todos os outros, com uma crescente sensação de pavor.

Diante dele estava o homem fantasiado de coelho amarelo... se é que havia um homem ali embaixo. O coelho abriu uma porta que dizia:PRIVADOe foi dentro.

Oswald seguiu.

O corredor era longo e escuro. O coelho olhou para ele com olhos vazios e um sorriso imutável, depois caminhou mais adiante pelo corredor. Oswald não estava perseguindo o coelho. Ele estava deixando o coelho guiá-lo, como se estivesse em uma versão aterradora de *Alice no País das Maravilhas*, descendo pela toca do coelho.

O coelho parou em frente a uma porta com uma placa que dizia:SALA DE FESTAS e fez um gesto para que Oswald entrasse. Oswald tremia de terror, mas a curiosidade era tanta que não conseguiu recusar.*Além do mais, Ele continuou pensando, Você não pode me machucar. Eu nem sequer nasci.*

Assim que entrou na sala, Oswald levou alguns segundos para registrar o que estava vendo e mais alguns segundos para que seu cérebro processasse a informação.

Estavam enfileirados contra a parede, pintada com imagens dos mascotes do local: o urso sorridente, o coelho azul e a menina-pássaro. Meia dúzia de crianças, nenhuma delas mais velha que Oswald, seus corpos inertes apoiados em posições sentadas, as pernas esticadas à frente. Algumas tinham os olhos fechados como se estivessem dormindo. Outras, os olhos abertos, congelados em um olhar vazio, como o de uma boneca.

Todos eles estavam usando chapéus de festa de aniversário do Freddy Fazbear.

Oswald não sabia dizer como eles tinham morrido, mas sabia que o coelho era o responsável, que o coelho queria que ele visse sua obra.

Talvez o coelho quisesse que Oswald fosse sua próxima vítima, para se juntar aos outros enfileirados contra a parede com seus olhos cegos.

Oswald gritou. O coelho amarelo avançou para cima dele, e ele saiu correndo do quarto e desceu o corredor escuro. Talvez o coelho pudesse machucá-lo; talvez não. Oswald não queria ficar por ali tempo suficiente para descobrir.

Ele correu pelo fliperama agora vazio em direção à piscina de bolinhas. Lá fora, os gritos das sirenes da polícia se misturavam aos de Oswald. O coelho correu atrás dele, chegando tão perto que uma pata peluda roçou nas costas de Oswald.

Oswald mergulhou no buraco. Contou até cem o mais rápido que pôde.

Quando se levantou, a primeira coisa que ouviu foi a voz de Jeff. "Lá está o pestinha!"

Oswald se virou e viu seu pai vindo em sua direção a passos largos, enquanto Jeff observava. O pai parecia furioso, e Jeff também não parecia nada feliz — como se alguma vez parecesse.

Oswald ficou paralisado, tão atordoado que não conseguia se mexer.

O pai agarrou-o pelo braço e puxou-o para fora do buraco. "O que você estava pensando em se esconder nessa coisa velha e nojenta?", disse o pai. "Você não me ouviu te chamando?"

Depois que Oswald saiu, seu pai se inclinou sobre a vala. "Veja como isso está sujo. Sua mãe—"

Um par de braços amarelos surgiu do fosso e puxou o papai para baixo. A luta teria sido caricata se não fosse tão assustadora. Os pés do papai, calçados com suas botas de trabalho marrons, emergiram à superfície, apenas para desaparecerem novamente. Em seguida, um par de pés grandes, peludos e amarelos apareceu, para também desaparecer. As bolas no fosso agitaram-se como um mar tempestuoso e, então, ficaram imóveis. O coelho amarelo emergiu do fosso, ajeitou sua gravata borboleta roxa, sacudiu a poeira da frente e se virou para Oswald, sorrindo.

Oswald recuou, mas o coelho estava ao seu lado, com o braço firmemente em volta dos ombros de Oswald, guiando-o em direção à saída.

Oswald olhou para Jeff, que estava atrás do balcão. Talvez Jeff pudesse ajudá-lo? Mas Jeff tinha a mesma expressão abatida de sempre e apenas disse: "Até mais, pessoal."

Como Jeff poderia — como qualquer pessoa poderia — agir como se essa situação fosse normal?

Assim que o coelho o levou para fora, abriu a porta do passageiro do carro do pai e empurrou Oswald para dentro.

Oswald observou o coelho colocar o cinto de segurança e ligar o carro. Ele tentou abrir a porta, mas o coelho havia acionado a trava elétrica do lado do motorista.

A boca do coelho estava congelada num sorriso forçado. Seus olhos fitavam o vazio. Oswald apertou o botão de destravamento novamente, mesmo sabendo que não funcionaria. "Espere", disse Oswald. "Você consegue fazer alguma coisa disso? Você sequer consegue dirigir um carro?"

O coelho não disse nada, mas ligou o carro e entrou na rua. Parou num semáforo vermelho, então Oswald concluiu que ele devia enxergar e conhecer as regras básicas de direção.

"O que você fez com meu pai? Para onde está me levando?" Oswald percebeu o pânico em sua voz. Ele queria parecer forte e corajoso, como se estivesse se defendendo, mas em vez disso, só parecia assustado e confuso. E era exatamente isso que ele estava.

O coelho não disse nada.

O carro fez uma curva à direita, como de costume, e depois uma curva à esquerda, também como de costume, entrando no bairro de Oswald.

"Como você sabe onde eu moro?", perguntou Oswald.

Ainda em silêncio, o coelho entrou na garagem em frente à casa de estilo rancho de Oswald.

Eu vou me candidatar, Oswald pensou. *Assim que essa coisa destrancar a porta do carro, vou correr para a casa de um vizinho e ligar para a polícia assim que estiver em segurança lá dentro.* As fechaduras destravaram e Oswald saltou do carro.

De alguma forma, o coelho estava bem na frente dele. Agarrou seu braço. Ele tentou se soltar, mas o aperto era muito forte.

O coelho arrastou Oswald até a porta da frente e, em seguida, arrancou a corrente que prendia a chave de casa ao pescoço dele. O coelho girou a chave na fechadura e empurrou Oswald para dentro. Depois, ficou parado em frente à porta, bloqueando a saída.

Jinx, a gata, entrou na sala de estar, olhou para o coelho, arqueou as costas, arrepiou o rabo e sibilou como um gato em cima de uma decoração de Halloween. Oswald nunca a tinha visto assustada ou hostil antes, e observou-a dar meia-volta e fugir pelo corredor. Se Jinx sabia que a situação era ruim, devia ser muito ruim mesmo.

"Você não pode fazer isso", disse Oswald ao coelho, em meio a lágrimas. Ele não queria chorar. Queria parecer forte, mas não conseguiu evitar. "Isso... isso é

Sequestro ou algo assim! Minha mãe vai chegar em casa logo e vai chamar a polícia.

Claro que era tudo blefe. A mãe só chegaria depois da meia-noite. Será que ele ainda estaria vivo quando ela chegasse? Será que o pai dele ainda estava vivo?

Ele sabia que o coelho o agarraria se tentasse correr para a porta dos fundos. "Vou para o meu quarto agora, ok? Não estou tentando fugir. Só vou para o meu quarto." Ele recuou, e o coelho o deixou passar. Assim que entrou no quarto, bateu a porta e a trancou. Respirou fundo e tentou pensar. Havia uma janela em seu quarto, mas era alta e pequena demais para passar por ela. Debaixo da cama, Jinx soltou um rosnado baixo.

Oswald conseguia ouvir o coelho do lado de fora da porta. Se ele fizesse uma ligação, o coelho o ouviria. Mas talvez ele pudesse mandar uma mensagem de texto.

Ele pegou o celular e, com as mãos trêmulas, enviou a seguinte mensagem: **Mãe, Emergência! Algo está errado com o papai. Volte para casa agora!**

Oswald sabia, mesmo enquanto mandava mensagens, que ela não voltaria para casa agora. Como ela sempre lidava com emergências médicas no trabalho, às vezes demorava para checar o celular. Era o pai quem Oswald deveria contatar em caso de emergência. Mas, obviamente, isso não ia funcionar agora.

Uma hora miserável se passou até que o telefone de Oswald vibrou. Temendo que o coelho ainda estivesse ouvindo do lado de fora da porta trancada, ele atendeu sem dizer alô.

"Oswald, o que está acontecendo?" Mamãe parecia apavorada. "Preciso ligar para o 911?"

"Não posso falar agora", sussurrou Oswald. "Estou a caminho de casa, está bem?" Ela desligou.

Quinze minutos pareceram passar mais lentamente do que Oswald imaginava ser possível. Então, bateram à porta de Oswald.

Oswald deu um pulo, com o coração na garganta. "Quem é?" "Sou eu", disse a mãe, com um tom de exasperação. "Abra a porta."

Ele abriu a porta apenas uma fresta para ter certeza de que era mesmo ela. Assim que a deixou entrar, fechou e trancou a porta atrás deles.

"Oswald, você precisa me contar o que está acontecendo." A testa da mãe estava franzida de preocupação.

Por onde começar? Como explicar sem parecer louca? "É o papai. Ele... ele não está bem. Eu nem sei onde ele está—"

A mãe colocou as mãos nos ombros dele. "Oswald, acabei de ver seu pai. Ele está deitado na cama do nosso quarto assistindo TV. Ele fez uma torta de frango para o jantar. Está no fogão."

"O quê? Eu não estou com fome." Ele tentou assimilar as palavras da mãe. "Você viu o papai?"

Mamãe assentiu com a cabeça. Ela o olhava como se ele fosse um de seus pacientes, e não seu filho, como se estivesse tentando descobrir o que havia de errado com ele.

"E ele está bem?"

Ela assentiu novamente. "Ele está bem, mas estou preocupada com você." Ela colocou a mão na testa dele como se estivesse verificando se ele tinha febre.

"Estou bem", disse Oswald. "Quer dizer, se o papai está bem, eu estou bem. Ele só... não parecia bem."

"Talvez seja bom que as aulas estejam voltando. Acho que você está passando muito tempo sozinho."

O que ele poderia dizer? *Na verdade, Tenho passado tempo com meus novos amigos em 1985.* "Talvez sim. Acho que devo ir dormir. Preciso acordar cedo amanhã."

"Acho que é uma boa ideia", disse a mãe. Ela colocou as mãos nas bochechas dele e olhou-o diretamente nos olhos. "E escuta, se você for me mandar mensagem no trabalho, certifique-se de que seja uma emergência de verdade. Você me assustou."

"Pensei que fosse uma emergência de verdade. Me desculpe."

"Tudo bem, querida. Descanse um pouco, tá bom?"

"Está bem." Depois que a mãe saiu, Oswald olhou debaixo da cama. Jinx ainda estava lá, encolhida como se tentasse se tornar o menor e mais invisível possível, com os olhos arregalados e uma expressão de terror. "Está tudo bem, Jinxie", disse Oswald, estendendo a mão debaixo da cama e mexendo os dedos para ela. "A mãe disse que é seguro. Você pode sair agora."

O gato não se mexia.

Oswald estava deitado acordado na cama. Se a mãe disse que o pai estava lá e bem, então devia ser verdade. Por que ela mentiria?

Mas Oswald sabia o que tinha visto.

Ele vira a coisa amarela, como começara a pensar, arrastar seu pai para dentro do buraco. Vira a coisa amarela sair do buraco, sentira seu aperto em seu braço, sentara-se ao lado dela no carro enquanto o levava para casa.

Ou será que tinha visto? Se a mãe disse que o pai estava em casa e bem, então ele devia estar mesmo. Oswald confiava na mãe. Mas se o pai estava bem, significava que Oswald não tinha visto o que pensava ter visto. E isso devia significar que Oswald estava a perder a cabeça.

* * *

Após apenas algumas horas de sono agitado, Oswald acordou com o aroma de presunto frito e biscoitos assando. Seu estômago roncou, lembrando-o de que havia perdido o jantar na noite anterior.

Tudo parecia normal. Talvez ele devesse encarar o dia anterior como um pesadelo e tentar seguir em frente. Um novo ano letivo, um novo começo.

Ele parou no banheiro e depois foi até a cozinha. "Está se sentindo melhor?", perguntou a mãe. Lá estava ela, com o cabelo preso em um rabo de cavalo, vestindo seu roupão rosa felpudo, preparando o café da manhã como sempre. Algo nessa constatação fez Oswald se sentir extremamente aliviado.

"Sim", disse ele. "Na verdade, estou com bastante fome."

"Agora sim, esse é um problema que eu posso resolver", disse a mãe. Ela colocou um prato com dois biscoitos de presunto na mesa e serviu-lhe um copo de suco de laranja.

Oswald devorou o primeiro biscoito de presunto em três grandes mordidas.

A coisa amarela entrou e sentou-se em frente a ele na mesa do café da manhã.

"Hum... Mãe?" O coração de Oswald batia forte como uma britadeira no peito. O biscoito de presunto pesava em seu estômago embrulhado.

"O que foi, querida?" Ela estava de costas, mexendo na cafeteira.

"Onde está o papai?"

Ela se virou, com a cafeteira na mão. "Oswald, seu pai está sentado bem na sua frente! Se isso for algum tipo de pegadinha elaborada, pode parar agora mesmo, porque oficialmente perdeu a graça." Ela serviu uma xícara de café e a colocou na frente da coisa amarela, que olhava fixamente para frente, com um sorriso imutável estampado no rosto.

Oswald sabia que não chegaria a lugar nenhum. Ou ele era louco, ou sua mãe era. "Certo, entendi. Vou parar com isso. Peço desculpas. Posso me retirar para me arrumar para a escola?"

"Claro", disse a mãe, mas estava olhando para ele de um jeito estranho de novo. Oswald parou no banheiro para escovar os dentes e depois foi para o quarto pegar a mochila. Ele espiou debaixo da cama e viu Jinx ainda escondida lá. "Bom, é bom saber que tem mais alguém nessa família que..."

"Tem algum juízo", disse ele. Quando Oswald voltou para a cozinha, a coisa amarela estava parada perto da porta, com as chaves do carro na pata.

"Será que... hum... o papai está me levando para a escola?", perguntou Oswald. Ele não sabia se conseguiria suportar sentar ao lado da criatura no carro novamente, esperando que ela estivesse observando a estrada enquanto encarava o para-brisa com seus olhos vazios.

"Ele sempre faz isso, não é?", disse a mãe. Ele percebeu a preocupação na voz dela. "Tenha um bom dia, tá bom?"

Sem outra opção, Oswald entrou no carro ao lado da coisa amarela. Mais uma vez, todas as portas do lado do motorista se trancaram. O carro saiu de ré da garagem e passou por um vizinho que fazia jogging, o qual acenou para o veículo como se fosse seu pai.

"Eu não entendo", disse Oswald, à beira das lágrimas. "Você é real? Isso é real? Estou ficando louco?"

A coisa amarela não disse nada, apenas ficou olhando para a estrada à frente.

Quando parou em frente à Westbrook Middle School, o guarda de trânsito e as crianças na faixa de pedestres não pareceram notar que o carro era dirigido por um coelho amarelo gigante.

"Ei", disse Oswald antes de sair do carro, "não se preocupe em me buscar esta tarde. Vou pegar o ônibus."

O ônibus escolar era um veículo grande e amarelo que ele conseguia controlar.

Por ser uma espécie de lei cósmica, a primeira pessoa que Oswald viu no corredor foi Dylan, seu algoz. "Ora, ora, ora, se não é Oswald, o Oc—"

"Dá um tempo, Dylan", disse Oswald, passando por ele. "Tenho problemas muito maiores do que você hoje."

Era impossível se concentrar na aula. Normalmente, Oswald era um aluno bastante decente, mas como ele poderia se concentrar com sua vida e possivelmente sua sanidade desmoronando? Talvez ele devesse conversar com alguém, o conselheiro escolar ou o policial da escola. Mas ele sabia que qualquer coisa que saísse de sua boca soaria perigosamente insana. Como ele poderia convencer um policial de que seu pai estava desaparecido se todos que olhassem para a coisa amarela viam o pai de Oswald?

Não havia ninguém para ajudá-lo. Oswald teria que descobrir sozinho como resolver esse problema.

No recreio, ele sentou-se num banco perto do parquinho, grato por não ter que fingir que estava prestando atenção na aula e poder simplesmente pensar. Ele não conseguia imaginar como sua vida poderia ficar ainda mais estranha. A coisa amarela parecia...

Acho que foi o pai dele. Isso já era estranho o suficiente, mas por que todo mundo também achou que foi o pai dele?

"Você se importa se eu compartilhar o banco com você?" Era uma garota que Oswald nunca tinha visto antes. Ela tinha cabelos negros cacheados e grandes olhos castanhos, e segurava um livro grosso.

"Claro, fique à vontade", disse Oswald.

A garota sentou-se na outra ponta do banco e abriu seu livro. Oswald voltou aos seus pensamentos confusos e desconcertantes.

"Você estuda nessa escola há muito tempo?", perguntou a garota depois de alguns minutos. Ela não olhou para Oswald enquanto falava; apenas continuou encarando as páginas do livro. Oswald se perguntou se isso significava que ela era tímida.

"Desde o jardim de infância", disse Oswald, e então, como não conseguia pensar em mais nada para dizer sobre si mesmo, perguntou: "O que você está lendo?"

"Mitologia grega", disse ela. "Histórias de heróis. Você já leu muita mitologia?"

"Não, na verdade não", disse ele, sentindo-se imediatamente estúpido em seguida. Ele não queria dar a impressão de ser o tipo de cara que nunca lia livros. Em um ato de desespero, acrescentou: "Mas eu adoro ler", e então se sentiu ainda mais estúpido.

"Eu também", disse ela. "Já devo ter lido este livro uma dúzia de vezes. É como um livro de conforto para mim. Eu o leio quando preciso ser corajosa."

A palavra *corajosa* tocou uma fibra sensível em Oswald. Ser corajoso era o que ele também precisava ser. "Por quê?"

"Bem, os heróis gregos são super corajosos. Eles estão sempre lutando contra algum tipo de monstro enorme, como o Minotauro ou a Hidra. Isso meio que coloca as coisas em perspectiva, sabe? Não importa o quão ruins sejam meus problemas, pelo menos eu não tenho que lutar contra um monstro."

"É", disse Oswald, mesmo tentando descobrir como lutar contra um monstro — um monstro amarelo de orelhas compridas — em sua própria casa. Ele não podia contar para a garota sobre o negócio amarelo, no entanto. Ela pensaria que ele estava louco e sairia correndo do banco que dividiam. "Então você disse que lê aquele livro quando precisa ser corajosa." Ele ficou surpreso por estar tendo essa conversa, considerando o ritmo acelerado de seus pensamentos. Por algum motivo, era fácil conversar com aquela garota. "Quer dizer, talvez não seja da minha conta, mas eu estava me perguntando por que você precisa... ser corajosa."

Ela deu um sorrisinho tímido. "Primeiro dia em uma escola nova, terceiro dia em uma cidade nova. Ainda não conheço ninguém."

"Sim, você é", disse ele. Estendeu a mão. "Sou Oswald." Ele não sabia por que estava oferecendo a mão como se fosse algum tipo de homem de negócios, mas pareceu-lhe a coisa certa a fazer.

Ela pegou a mão dele e a apertou com uma firmeza surpreendente. "Sou Gabrielle." De alguma forma, essa era a conversa que Oswald precisava ter.

* * *

Ele pegou o ônibus para casa depois da escola. Quando entrou, o aparelho amarelo estava passando o aspirador de pó na sala de estar.

Ele não fez mais perguntas. Não era como se aquilo pudesse lhe dar alguma resposta, e além disso, se ele quisesse que seu plano funcionasse, teria que agir como se tudo estivesse normal. E como qualquer um que o tivesse visto na peça da quarta série sabia, atuar não era um de seus talentos.

Em vez disso, ele fez o que deveria ter feito quando a vida era normal, quando seu pai de verdade estava aspirando a sala. Pegou o espanador no armário de limpeza e tirou o pó da mesa de centro, das mesinhas laterais e dos abajures. Esvaziou a lixeira e arrumou as almofadas do sofá. Depois, foi até a cozinha e levou o lixo e a reciclagem para fora. Assim que saiu, a tentação de correr foi grande, mas ele sabia que correr não era a solução. Se todos vissem aquela coisa amarela como sendo seu pai, ninguém o ajudaria.

A coisa amarela sempre o pegava. Ele voltou para dentro.

Terminadas as tarefas, ele passou direto pela coisa amarela. "Vou relaxar um pouco antes do jantar", disse, embora a possibilidade de relaxar de alguma forma fosse inimaginável. Foi para o quarto, mas não fechou a porta. Em vez disso, tirou os sapatos, se jogou na cama e começou a desenhar em seu caderno de esboços. Não queria desenhar animais mecânicos, mas pareciam ser os únicos que conseguia desenhar. Fechou o caderno e começou a ler um mangá, ou pelo menos fingiu que estava lendo. Normal. O plano só funcionaria se ele agisse como se tudo estivesse normal.

Quando o coelho apareceu na porta, ele conseguiu não soltar um suspiro de espanto. O coelho o chamou da mesma forma que o guiara até a sala dos crimes na Freddy Fazbear's, e ele o seguiu até a cozinha. Sobre a mesa

Era uma das pizzas de supermercado que seu pai guardava no congelador, assada até ficar com uma cor dourada apetitosa, e dois copos do ponche de frutas que Oswald gostava. A pizza já estava cortada, o que era um alívio, porque Oswald não conseguia imaginar o que teria feito se tivesse visto aquela coisa segurando uma faca. Provavelmente sairia correndo e gritando para a rua.

Oswald sentou-se à mesa e pegou uma fatia de pizza. Não estava com muita vontade de comer, mas sabia que não podia fingir que algo estava errado. Deu uma mordida na pizza e um gole no ponche. "Você não vai comer nada... pai?", perguntou. Era difícil chamar aquilo de "pai". *Pai* Mas ele conseguiu.

A coisa amarela estava sentada em silêncio à sua frente, com o olhar fixo e um sorriso congelado, uma fatia de pizza intocada num prato ao lado de um copo de ponche também intocado.

Será que sequer conseguia comer? Oswald se perguntou. Será que precisava mesmo? O que era aquilo, afinal? A princípio, pensou que fosse um homem fantasiado, mas agora já não tinha tanta certeza. Seria algum tipo de animal animatrônico altamente sofisticado ou um coelho gigante de carne e osso? Ele não sabia qual das duas possibilidades era a mais perturbadora.

Com grande esforço, ele terminou sua fatia de pizza e seu copo de ponche, e então disse: "Obrigado pelo jantar, pai. Vou pegar um copo de leite e fazer meu dever de casa agora."

A coisa amarela simplesmente ficou ali parada.

Oswald foi até a geladeira. Verificou se a coisa amarela não estava observando e despejou um pouco de leite em uma tigela. Assim que chegou ao seu quarto, não fechou e trancou a porta, pois não o faria se estivesse em casa com o pai. Normal. Normal para não levantar suspeitas.

Ele deslizou a tigela de leite para debaixo da cama, onde Jinx ainda estava escondida. "Vai ficar tudo bem, garota", sussurrou ele.

Ele esperava estar certo.

Ele sentou-se na cama e, em poucos minutos, ouviu Jinx bebendo leite. Sabia por experiência própria que, mesmo apavorada, ela não conseguia recusar laticínios. Tentou fazer a lição de casa sem muita vontade, mas não conseguia se concentrar. Tudo em que conseguia pensar era no pai. A coisa amarela o arrastara para o poço e para baixo da superfície. Isso significava que seu pai estava na Freddy Fazbear's por volta de 1985, vagando por um fliperama com jogos que jogava quando criança? Essa era a explicação mais provável, a menos que a coisa amarela tivesse matado—

Não. Ele não podia se permitir pensar isso. Seu pai estava vivo. Tinha que estar. A única maneira de saber era voltar para o poço.

Mas primeiro ele teria que sair de casa sem que a coisa amarela o notasse.

Oswald esperou até escurecer, e depois esperou mais um pouco. Finalmente, pegou os sapatos e saiu na ponta dos pés do quarto, de meias, em direção ao corredor. A porta do quarto dos pais estava aberta. Ele deu uma espiada lá dentro enquanto passava sorrateiramente. A coisa amarela estava deitada de costas na cama dos pais. Parecia estar olhando fixamente para o teto.

Ou talvez não estivesse olhando fixamente. Talvez estivesse dormindo. Era difícil dizer, já que seus olhos não se fechavam. Será que precisava dormir?

Prendendo a respiração, ele passou pelo quarto dos pais e entrou na ponta dos pés na cozinha. Se a coisa amarela o pegasse, ele sempre poderia dizer que estava apenas pegando um copo d'água. A cozinha era a melhor rota de fuga. A porta de lá rangia menos do que a da frente.

Ele calçou os sapatos e abriu a porta devagar, centímetro por centímetro. Quando estava entreaberta o suficiente, ele passou por ela e a fechou suavemente atrás de si.

Então ele correu. Correu pelo bairro, passando por vizinhos que passeavam com seus cachorros e crianças que andavam de bicicleta. Algumas pessoas olharam para Oswald de forma estranha, e ele não conseguia entender o porquê. As pessoas corriam naquele bairro o tempo todo.

Mas então ele percebeu que não estava correndo como se estivesse fazendo exercício. Estava correndo como se algo o estivesse perseguindo. E talvez estivesse mesmo.

Era uma longa caminhada até a pizzaria do Jeff, e Oswald sabia que não conseguiria manter aquele ritmo até o final. Ele diminuiu o passo para uma caminhada depois de sair do bairro e optou por andar pelas ruas laterais em vez do caminho mais direto, para que fosse mais difícil segui-lo.

Ele temia que a pizzaria do Jeff estivesse fechada quando chegasse lá, mas quando chegou, suado e ofegante, a pizzaria estava acesa. ABRIR a placa ainda estava Lá dentro, Jeff estava no balcão, assistindo a um jogo de futebol na TV, mas fora isso, o lugar estava vazio.

"Sabe, à noite só servimos pizzas inteiras. Nada de fatias", disse Jeff em seu tom monótono de sempre. Como sempre, ele parecia exausto.

"Sim, eu só parei para pegar um refrigerante para viagem", disse Oswald, com o olhar percorrendo a área isolada por cordas com a piscina de bolinhas.

Jeff pareceu um pouco confuso, mas finalmente disse: "Certo, deixe-me tirar uma torta do forno, depois eu pego para você. De laranja, certo?"

Certo. Obrigado.

Assim que Jeff desapareceu na cozinha, Oswald correu para o canto dos fundos e mergulhou no fosso.

O cheiro familiar de mofo invadiu suas narinas enquanto ele afundava. Sentou-se no chão do fosso. Contou até cem, como sempre fazia, embora não tivesse certeza se aquilo lhe serviria de alguma coisa para dar o salto até a Freddy Fazbear's em 1985. Mexeu-se no chão do fosso e sentiu algo sólido pressionando sua lombar.

Um sapato. Parecia a sola de um sapato. Ele se moveu rapidamente e o agarrou. Era uma bota, uma bota de trabalho com biqueira de aço, como as que seu pai usava para trabalhar na fábrica e que agora usava para trabalhar na Lanchonete. Ele moveu a mão um pouco para cima. Um tornozelo! Um tornozelo com o tipo de meia grossa que seu pai gostava. Ele rastejou mais um pouco pelo chão do fosso. O rosto. Ele precisava sentir o rosto. Se fosse uma cabeça gigante e peluda como a daquela coisa amarela, ele poderia nunca mais parar de gritar. Mas ele precisava descobrir.

Sua mão encontrou um ombro. Ele levou a mão ao peito e sentiu o tecido barato de uma camiseta branca. Tremia enquanto subia mais. Sentiu um rosto inconfundivelmente humano. Pele e barba por fazer. O rosto de um homem. Seria o pai? E ele...?

Ele tinha que estar vivo. Ele tinha que estar.

Oswald tinha visto programas em que pessoas que estiveram em situações de emergência de repente desenvolveram uma força incrível e conseguiram levantar a frente de um carro ou trator. Era esse tipo de força que Oswald precisava encontrar. Seu pai não era um homem grande, mas ainda era um homem e pesava pelo menos o dobro do filho. Ele precisava mover o pai se quisesse salvá-lo.

Se aquele era mesmo o pai dele. Se aquilo não era algum tipo de armação cruel da coisa amarela para prendê-lo. Oswald não podia se permitir esses pensamentos, não se quisesse fazer o que tinha que fazer.

Ele se posicionou atrás da pessoa, agarrou-a pelas axilas e puxou. Nada aconteceu. *Peso morto*, Oswald pensou. *Não, não morto, por favor... não morto.*

Ele puxou novamente, desta vez com mais força, emitindo um som entre um grunhido e um rugido. Desta vez, o corpo se moveu, e Oswald puxou novamente, levantando-se e agarrando a cabeça da pessoa.

com os ombros acima da superfície. Era o pai dele, pálido e inconsciente, mas respirando, definitivamente respirando, e ao redor deles, não a Freddy Fazbear's de 1985, mas a estranheza normal e atual da Jeff's Pizza.

Como Oswald poderia tirá-lo de lá? Ele poderia ligar para a mãe. Como enfermeira, ela saberia o que fazer. Mas e se ela achasse que ele estava louco ou mentindo? Ele se sentia como o Menino que Gritou Lobo. Ou o Menino que Gritou Coelho.

Ele sentiu antes de ver. A presença atrás dele, a consciência de algo em seu espaço pessoal. Antes que pudesse se virar, um par de braços amarelos e peludos o envolveu em um abraço assustador.

Ele conseguiu libertar o braço direito o suficiente para enfiar o cotovelo no meio da coisa amarela. Conseguiu se soltar, mas a coisa bloqueava a saída do fosso. Ele não conseguia sair do fosso sozinho, muito menos com o pobre pai desacordado.

Agindo mais do que pensando, Oswald investiu contra o coelho com a cabeça baixa. Se conseguisse desequilibrá-lo ou afundá-lo, talvez o fizesse parar na Freddy Fazbear's de 1985, dando a Oswald e seu pai tempo para escapar.

Ele deu uma cabeçada na coisa amarela, jogando-a contra as cordas e a rede que cercavam a piscina de bolinhas. Ela cambaleou um pouco, se endireitou e, então, com os braços estendidos, avançou em direção a Oswald. Empurrou Oswald contra a parede da piscina. Com os olhos mortos como sempre, abriu as mandíbulas, revelando fileiras duplas de presas afiadas como cimitarras. Com a boca estranhamente escancarada, tentou atingir a garganta de Oswald, mas ele se defendeu com o braço.

Uma dor aguda percorreu o antebraço de Oswald quando a criatura amarela cravou suas presas em sua pele.

Oswald usou o braço bom para dar um soco forte no rosto do coelho antes que as presas penetrassem fundo demais. Presas. Que tipo de coelho maluco tinha presas?

As mandíbulas da criatura soltaram a presa, mas não havia tempo para avaliar os danos, pois ela cambaleava em direção ao pai de Oswald, com as mandíbulas escancaradas, como uma cobra prestes a engolir sua presa desavisada.

Suas presas estavam vermelhas com o sangue de Oswald.

Oswald empurrou a coisa amarela para o lado com o cotovelo e se colocou entre ela e seu pai, que ainda estava inconsciente. "Deixe... meu pai... EM PAZ!", gritou ele, usando a rede como impulso para subir nas costas da coisa amarela. Ele socou a cabeça dela com os punhos e arranhou seus olhos, que não pareciam os de um ser vivo. O coelho cambaleou de volta para a rede e...

Em seguida, agarraram os braços de Oswald com as cordas e o atiraram com força dos ombros para dentro do fosso.

Oswald afundou de cabeça, agradecido por o fundo do poço ser macio. Seu braço latejava, seu corpo inteiro estava exausto, mas ele precisava se levantar. Precisava salvar seu pai. Como aqueles antigos heróis gregos de que Gabrielle lhe falara, ele precisava ser corajoso e enfrentar o monstro.

Oswald levantou-se cambaleante.

De alguma forma, quando se livrou de Oswald, a criatura amarela deve ter ficado presa nas cordas e na rede que revestiam a piscina de bolinhas. Uma corda estava enrolada em seu pescoço, e ela a agarrou com suas grandes patas, tentando se soltar. Oswald não conseguia entender por que ela não conseguia se libertar até perceber que os pés da criatura amarela não tocavam o fundo da piscina. A criatura amarela estava suspensa pela corda, que estava firmemente amarrada a uma haste de metal no topo da piscina de bolinhas.

O coelho havia se enforcado. Sua boca abria e fechava como se estivesse ofegando, mas nenhum som saía. Suas patas arranhavam desesperadamente as cordas. Seu olhar, ainda aterrador em sua inexpressividade, estava fixo na direção de Oswald, como se lhe pedisse ajuda.

Oswald certamente não iria resgatá-lo.

Após mais alguns segundos de luta, a coisa amarela ficou imóvel. Oswald piscou. Pendurada na corda, não havia nada além de uma fantasia de coelho amarela, suja e vazia.

Os olhos do pai se abriram. Oswald correu para o seu lado.

“Não entendo por que estou aqui”, disse papai. Seu rosto estava pálido e por fazer, seus olhos inchados com olheiras profundas. “O que aconteceu?”

Oswald ponderou sobre o que dizer: *Você foi atacado e dado como morto por um coelho gigante e maligno que tentou tomar o seu lugar, e eu fui a única pessoa que percebeu que não era você. Até a mamãe achou que era você.*

Não. Parecia uma loucura, e Oswald não gostava da ideia de passar anos em terapia dizendo: *Mas o coelho malvado ERA real.*

Jinx era a única outra integrante da família que sabia a verdade, e sendo uma gata, ela não ia dizer nada em sua defesa.

Além disso, seu pai já havia sofrido o suficiente.

Oswald sabia que mentir era errado. Ele também sabia que mentir não era uma habilidade que possuía. Quando tentava, sempre ficava nervoso e suado e dizia...

"Hum", ele dizia com frequência. Mas, nessa situação, mentir talvez fosse a única saída. Ele respirou fundo.

"Então, é... eu me escondi na piscina de bolinhas para te pregar uma peça, o que eu não deveria ter feito. Você veio me procurar e acho que deve ter batido a cabeça e desmaiado." Oswald respirou fundo. "Desculpe, pai. Eu não queria que as coisas saíssem tanto do controle."

Essa parte, pelo menos, era verdade.

"Aceito suas desculpas, filho", disse o pai. Ele não parecia zangado, apenas cansado. "Mas você tem razão — você não deveria ter feito isso. E o Jeff realmente deveria se livrar dessa piscina de bolinhas antes que tenha um processo judicial nas mãos."

"Com certeza", disse Oswald. Ele sabia que nunca mais colocaria os pés naquele fosso. Sentiria falta de Chip e Mike, mas precisava fazer amigos por conta própria. Sua mente se voltou para a garota no banco durante o recreio. Gabrielle. Ela parecia legal. Inteligente também. Eles tinham tido uma boa conversa.

Oswald estendeu a mão para o pai. "Deixa eu te ajudar a levantar." Com Oswald o amparando, o pai se levantou e deixou o filho guiá-lo até a saída da piscina de bolinhas. Ele parou para olhar para a fantasia amarela pendurada. "O que é essa coisa assustadora?"

"Não faço a mínima ideia", disse

Oswald. Isso também era verdade.

Eles saíram do buraco e entraram na pizzaria do Jeff. Jeff estava limpando o balcão, ainda assistindo ao jogo de futebol na TV do restaurante. Será que ele não tinha visto nem ouvido nada?

Ainda segurando a mão de Oswald — quando foi a última vez que ele e o pai deram as mãos? — o pai levantou o braço do filho e olhou para ele. "Você está sangrando."

"É", disse Oswald, "devo ter arranhado o braço quando tentei te tirar do buraco."

O pai dele balançou a cabeça. "Como eu disse, isso é uma questão de segurança pública. Simplesmente colocar uma placa dizendo..." "PROIBIDA A ENTRADA não é suficiente." Ele soltou O braço de Oswald. "Vamos limpar seu braço em casa, e então sua mãe poderá fazer o curativo quando chegar do trabalho."

Oswald se perguntou o que sua mãe diria ao ver as marcas de presas.

Ao se aproximarem da porta da frente, Oswald disse: "Pai, eu sei que às vezes posso ser um chato, mas eu realmente te amo, sabia?"

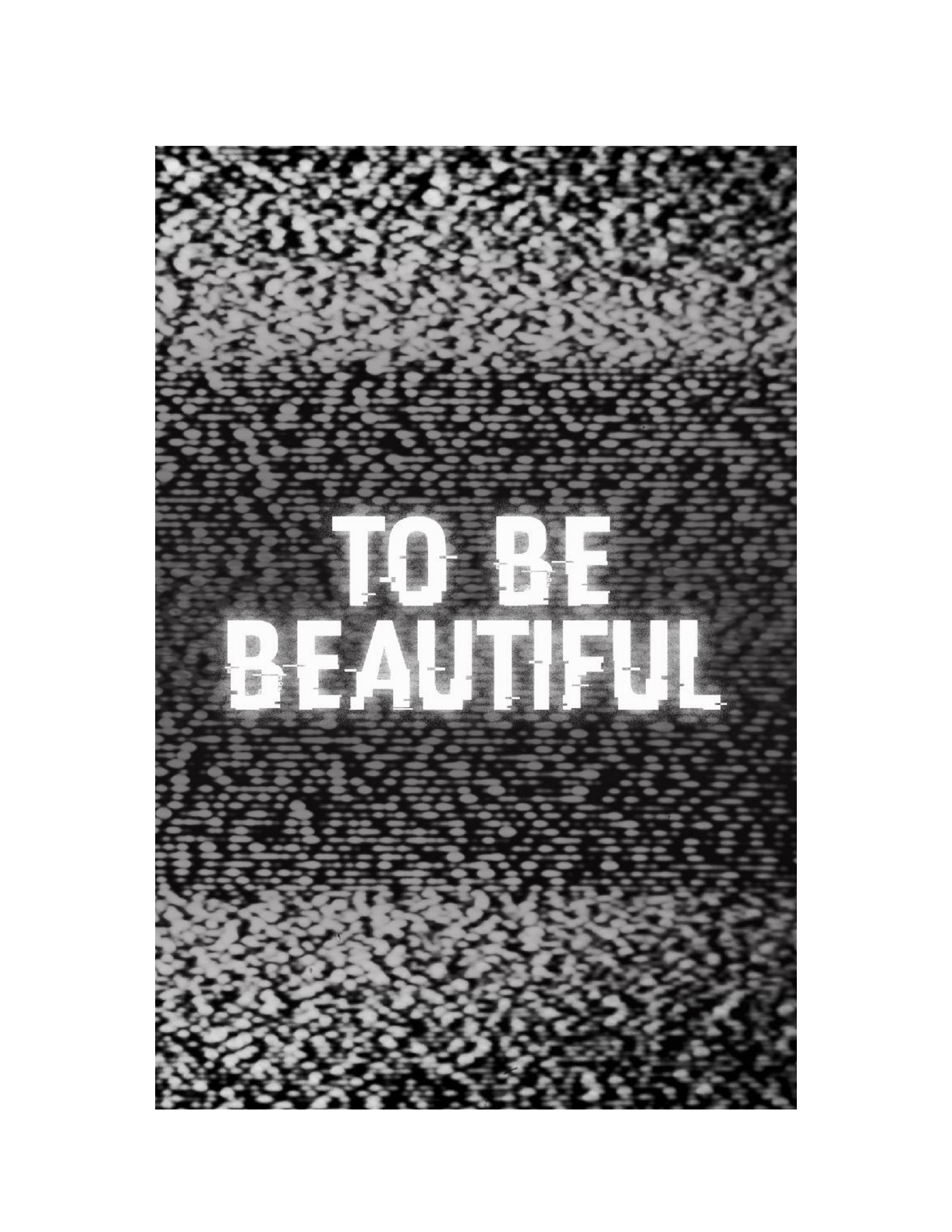
Papai olhou para ele com uma expressão que parecia ao mesmo tempo satisfeita e surpresa. "Eu também, garoto." Ele bagunçou o cabelo de Oswald. "Mas você tem..."

"Péssimo gosto para filmes de ficção científica."

"Ah, é?" disse Oswald, sorrindo. "Bem, você tem um gosto musical péssimo. E gosta de sorvete sem graça."

Juntos, eles abriram a porta para o ar fresco da noite. Atrás deles,

Jeff gritou: "Ei, garoto! Você esqueceu seu refrigerante!"



**TO BE
BEAUTIFUL**

FlategordoEssas eram as duas palavras que Sarah pensava quando se olhava no espelho. O que ela fazia com frequência.

Como alguém com uma barriga tão curvada podia ser tão plana quanto uma tábua de passar roupa em todo o resto do corpo? Outras garotas descreviam seus corpos como ampolheta ou pera. Sarah tinha o formato de uma batata. Olhando para seu nariz bulboso, suas orelhas proeminentes e como todas as suas partes pareciam coladas aleatoriamente em seu corpo, ela se lembrou da boneca Mrs. Mix-and-Match que tinha quando criança. Aquela com olhos, orelhas, narizes, bocas e outras partes do corpo diferentes que você podia encaixar para deixá-la com a aparência mais engraçada possível. E foi assim que ela criou o apelido para si mesma: Mrs. Mix-and-Match.

Mas pelo menos a Sra. Mix-and-Match tinha o Sr. Mix-and-Match. Ao contrário das garotas da escola que ela chamava de Bonitas, Sarah não tinha namorado nem qualquer perspectiva de ter um. Claro, havia um garoto por quem ela tinha um olhar, com quem sonhava, mas sabia que ele não a olhava nem sonhava com ela. Imaginava que, assim como a Sra. Mix-and-Match em seus tempos de solteira, teria que esperar até que algum rapaz igualmente azarado aparecesse.

Mas, enquanto isso, ela precisava terminar de se arrumar para a escola. Ainda encarando seu pior inimigo, o espelho, ela passou rímel e um hidratante labial rosado. Para o seu aniversário, sua mãe finalmente lhe dera permissão para usar um pouco de maquiagem leve. Ela escovou bem seus cabelos castanhos sem brilho e sem vida. Suspirou. Era o melhor que conseguiria. E não era bom.

As paredes do quarto de Sarah estavam decoradas com fotos de modelos e estrelas pop que ela havia recortado de revistas. Seus olhos eram esfumados, seus lábios carnudos, suas pernas longas. Eram esbeltas, curvilíneas e confiantes, jovens, mas femininas, e seus corpos perfeitos vestiam roupas que Sarah nem sequer sonhava em comprar. Às vezes, quando se arrumava de manhã, sentia como se essas deusas da beleza a olhassem com decepção. *Oh, pareciam dizer, É ISSO que você está vestindo? Ou, Nenhuma chance de carreira de modelo para você, querida.* Ainda assim, ela gostava de ter as deusas ali. Se não conseguia ver beleza quando se olhava no espelho, pelo menos conseguia vê-la quando olhava para as paredes.

Na cozinha, sua mãe estava vestida para o trabalho com um longo vestido estampado de flores, seus cabelos grisalhos longos e soltos caindo pelas costas. Sua mãe nunca usava maquiagem nem fazia nada de especial com o cabelo, e ela tinha um

Ela tinha tendência a acumular gordura nos quadris. Mesmo assim, Sarah teve que admitir que sua mãe possuía uma beleza natural que ela própria não tinha. *Talvez pule uma geração*, Sarah pensou.

"Ei, meu bem", disse a mãe. "Comprei uns bagels. Comprei aquele tipo que você gosta, com todas as sementes. Quer que eu coloque um na torradeira para você?"

"Não, vou querer só um iogurte", disse Sarah, embora sua boca se enchesse de água ao pensar em um bagel torrado com tudo e coberto com cream cheese. "Não preciso de todos esses carboidratos."

A mãe revirou os olhos. "Sarah, esses potinhos de iogurte que você come têm só noventa calorias. É um milagre você não desmaiar de fome na escola." Ela deu uma mordida generosa no bagel que tinha preparado para si mesma. Ela juntou a parte de cima com a de baixo, como um sanduíche, e o cream cheese escorreu quando ela mordeu. "Além disso", disse a mãe, com a boca cheia, "você é muito nova para se preocupar com carboidratos."

E você já é muito velho. não ter que se preocupar com eles, Sarah queria dizer algo, mas se conteve. Em vez disso, disse: "Um iogurte e uma garrafa de água serão suficientes para me sustentar até a hora do almoço."

"Faça como quiser", disse minha mãe. "Mas eu te digo, este bagel está delicioso."

* * *

Ao contrário da maioria das manhãs, Sarah conseguiu chegar a tempo para o ônibus escolar, então não precisou ir a pé. Sentou-se sozinha e assistiu a tutoriais de maquiagem no YouTube pelo celular. Talvez no seu próximo aniversário a mãe a deixasse usar algo além de rímel, BB cream e protetor labial com cor. Ela poderia comprar o que precisava para fazer um contorno de verdade, para que suas maçãs do rosto parecessem mais definidas e seu nariz menos bulboso. Fazer as sobrancelhas profissionalmente também ajudaria bastante. No momento, ela e sua pinça travavam uma batalha diária contra a monocelha.

Antes da primeira aula, enquanto pegava seu livro de ciências no armário, ela os viu. Eles desfilavam pelo corredor como supermodelos em uma passarela, e todos—*todo mundo*—pararam o que estavam fazendo para observá-las. Lydia, Jillian, Tabitha e Emma. Elas eram líderes de torcida. Eram da realeza. Eram estrelas. Eram o tipo de garota que todas as meninas da escola queriam ser e com quem todos os meninos da escola queriam estar.

Eles eram os Belos.

Cada garota tinha seu próprio tipo de beleza. Lydia tinha cabelos loiros, olhos azuis e pele rosada, enquanto Jillian tinha cabelos ruivos vibrantes e olhos verdes felinos. Tabitha era morena, com olhos castanho-chocolate e cabelos negros brilhantes, e Emma tinha cabelos castanhos e enormes olhos castanhos, como os de uma corça. Todas as garotas tinham cabelos longos — perfeitos para caírem com elegância sobre os ombros — e eram esbeltas, mas com curvas suficientes para preencher as roupas no busto e nos quadris.

E as roupas deles!

As roupas delas eram tão bonitas quanto elas próprias, todas compradas em lojas de grife nas grandes cidades que visitavam nas férias. Hoje, todas vestiam preto e branco: um vestido preto curto com gola e punhos brancos para Lydia, uma camisa branca com uma minissaia de bolinhas pretas e brancas para Jillian, uma blusa listrada preta e branca...

"O que são eles, pinguins?" Uma voz interrompeu os pensamentos admirados de Sarah. "Hã?" Sarah se virou e viu Abby, sua melhor amiga desde o jardim de infância, ao seu lado. Ela estava usando uma espécie de poncho horrível e uma saia longa e solta com estampa floral. Parecia que ela deveria estar trabalhando em uma barraca de adivinhação na festa junina da escola.

"Eu disse que eles parecem pinguins", disse Abby. "Vamos torcer para que não haja nenhuma foca faminta por perto." Ela imitou um latido alto e depois riu.

"Você está louca", disse Sarah. "Eu acho que eles estão perfeitos."

"Você sempre faz isso", disse Abby, abraçando seu livro de estudos sociais contra o peito. "E eu tenho uma teoria sobre o porquê."

"Você tem uma teoria sobre tudo", disse Sarah. Era verdade. Abby queria ser cientista, e todas aquelas teorias provavelmente seriam úteis um dia, quando ela estivesse fazendo seu doutorado.

"Sabe como a gente brincava de Barbie quando era pequena?", perguntou Abby.

Quando eram pequenas, Sarah e Abby tinham cada uma uma maleta rosa cheia de Barbies e seus diversos acessórios e roupas. Elas se revezavam carregando as maletas para a casa uma da outra e brincavam por horas, parando apenas para tomar suco de caixinha e comer biscoitos. A vida era tão fácil naquela época.

"É", disse Sarah. Era engraçado. Abby não tinha mudado muito desde aqueles dias. Ela ainda usava o cabelo trançado da mesma forma, ainda usava óculos de armação dourada. O aparelho nos dentes e alguns centímetros a mais de altura eram as únicas diferenças. Mesmo assim, quando Sarah olhava para Abby, ela conseguia pelo menos...

Percebeu que a oportunidade para a beleza estava ali. Abby tinha uma pele impecável, cor de café com leite, e olhos castanhos impressionantes por trás daqueles óculos. Ela fazia aulas de dança depois da escola e tinha um corpo gracioso e esguio, mesmo que o escondesse sob ponchos horríveis e outras roupas largas. Sarah não tinha beleza, e isso a atormentava. Abby tinha beleza, mas não se importava o suficiente para notar.

"Minha teoria", disse Abby, animando-se como fazia quando dava palestras, "é que você adorava brincar de Barbie, mas agora que está velha demais para elas, precisa de um substituto. Essas fashionistas fúteis são o seu substituto para a Barbie. É por isso que você quer brincar com elas."

Jogar? Às vezes, parecia que Abby ainda era uma criancinha.

"Não quero brincar com eles", disse Sarah, embora não tivesse certeza se isso era exatamente verdade. "Estou velha demais para querer brincar com alguém. Eu só... os admiro, só isso."

Abby revirou os olhos. "O que há para admirar? O fato de elas conseguirem combinar a sombra dos olhos com a roupa? Com licença, acho que vou continuar admirando Marie Curie e Rosa Parks."

Sarah sorriu. Abby sempre fora uma nerd. Uma nerd adorável, mas ainda assim, uma nerd. "Bem, você nunca teve muito interesse em moda. Lembro-me de como você tratava suas Barbies."

Abby sorriu de volta. "Bem, teve aquela que eu raspei a cabeça. E teve aquela com o cabelo que eu pinteí de verde com uma caneta permanente, para ela ficar parecendo uma supervilã maluca." Ela arqueou as sobrancelhas. "Agora, se aquelas rainhas adolescentes me deixassem brincar com elas desse jeito, eu poderia me interessar."

Sarah riu. "Você é que é o supervilão."

"Não", disse Abby, "só uma espertinha. É por isso que sou muito mais divertida do que aquelas líderes de torcida." Abby acenou levemente e saiu correndo para a aula.

No almoço, Sarah sentou-se em frente a Abby. Era sexta-feira, dia da pizza, e na bandeja de Abby havia uma fatia retangular da pizza da escola, um copo de salada de frutas e uma caixinha de leite. A pizza da escola não era das melhores, mas ainda era pizza, então estava bem gostosa. Carboidratos demais, porém. Sarah optou pelo buffet de saladas e pegou uma salada verde com molho vinagrete light. Ela gostava muito mais de molho ranch do que de vinagrete, mas o ranch adicionava calorias demais.

As outras crianças na mesa eram os nerds que terminavam o almoço correndo para poderem jogar cartas até o sinal tocar. Sarah sabia que os populares chamavam aquela mesa de mesa dos perdedores.

Sarah cutucou a alface com seu garfo de plástico sem corte. "O que você faria", perguntou ela a Abby, "se tivesse um milhão de dólares?"

Abby sorriu. "Ah, isso é fácil. Primeiro eu—"

"Espere", disse Sarah, porque sabia o que Abby ia dizer. "Você não pode dizer que vai doar para a Sociedade Protetora dos Animais, para os sem-teto ou qualquer outra coisa. O dinheiro é só para você gastar consigo mesma."

Abby sorriu. "E como é dinheiro imaginário, não preciso me sentir culpada."

"Isso mesmo", disse Sarah, mastigando uma cenoura pequena.

"Certo." Abby deu uma mordida na pizza e mastigou pensativa. "Bem, nesse caso, eu usaria para viajar. Primeiro para Paris, eu acho, com minha mãe, meu pai e meu irmão. Ficaríamos em um hotel chique, iríamos à Torre Eiffel e ao Louvre, comeríamos nos melhores restaurantes, nos fartaríamos de doces, tomaríamos café em cafeterias elegantes e observaríamos as pessoas. O que você faria?"

Sarah mexeu na salada no prato. "Bom, eu definitivamente faria um clareamento dental profissional e iria a um daqueles salões chiques para cortar e pintar o cabelo. Loiro, mas um loiro natural. Faria tratamentos de pele e uma transformação com maquiagem de qualidade, não aquela baratinha de farmácia. E faria uma rinoplastia. Há outros procedimentos estéticos que eu gostaria de fazer, mas acho que não fazem em crianças."

"E não deveriam!" disse Abby. Ela parecia chocada, como se Sarah tivesse dito algo muito ruim. "Sério, você se submeteria a toda essa dor e sofrimento só para mudar a forma como você *olhar*— Eu tirei as amígdalas e foi horrível. Nunca mais farei outra cirurgia, se puder evitar. — Ela olhou para Sarah intensamente. — O que há de errado com o seu nariz, afinal?"

Sarah levou a mão ao nariz. "Não é óbvio? É enorme."

Abby riu. "Não, não é. É só um nariz normal. Um nariz bonito. E pensando bem, será que alguém realmente tem um nariz bonito? Narizes são meio estranhos. Eu, na verdade, gosto mais de narizes de animais do que de narizes de pessoas. Meu cachorro tem um nariz muito fofo."

Sarah lançou um olhar rápido para a mesa das Bonitas. Todas elas tinham narizes minúsculos e perfeitos, adoráveis botões. Nenhum narizinho achatado no meio delas.

Abby olhou para a mesa onde Sarah estava olhando. "Ah, os pinguins de novo? Ok, então, o negócio dos pinguins é que eles podem ser fofos, mas

Todos eles se parecem. Você é uma pessoa e deve ter uma aparência individual."

"É, uma pessoa feia", disse Sarah, afastando o prato de salada. "Não, uma pessoa bonita que se preocupa demais com a aparência." Abby estendeu a mão e tocou o antebraço de Sarah. "Você mudou muito nos últimos anos, Sarah. Antes a gente conversava sobre livros, filmes e música. Agora você só quer falar de como não gosta da sua aparência e de todas as roupas, penteados e maquiagens que gostaria de poder comprar. E em vez de ter fotos de filhotes fofos na parede, como você tinha antes, agora você tem fotos de modelos magérrimas. Eu gostava muito mais dos filhotes."

Sarah sentiu a raiva subir como bile pela garganta. Como Abby se atrevia a julgá-la? Amigos deveriam ser pessoas que não julgam. Ela se levantou. "Você tem razão, Abby", disse em voz alta o suficiente para que as outras pessoas à mesa se virassem para olhá-la. "Eu mudei. Eu amadureci, e você não. Eu penso em coisas de adulto, e você ainda compra figurinhas, assiste a desenhos animados e desenha cavalos!"

Sarah ficou tão irritada que saiu marchando e deixou sua bandeja na mesa para que outra pessoa a limpasse.

Ao final do ano letivo, Sarah tinha um plano. Ela não ia mais sentar na mesa dos perdedores, porque não ia mais ser uma perdedora. Ela ia ser o mais popular e bonita possível.

Foi incrível como o plano dela se concretizou rapidamente. Assim que chegou em casa, ela vasculhou a gaveta da cômoda onde guardava o dinheiro. Tinha vinte dólares que ganhou de aniversário da avó e dez que sobraram da mesada. Era o suficiente.

A loja de produtos de beleza ficava a apenas quinze minutos de caminhada de sua casa. Ela conseguia ir e voltar e fazer o que precisava antes que sua mãe chegasse em casa às seis.

A loja era bem iluminada, com fileiras e mais fileiras de produtos de beleza: escovas e modeladores de cachos, secadores de cabelo, esmaltes e maquiagem. Ela se dirigiu ao corredor com a placa...COR DE CABELO Ela não precisava ter um milhão de dólares. para ficar loira. Ela poderia fazer isso por cerca de dez dólares e ficar parecendo milionária. Ela selecionou uma caixa marcada PLATINA PURA, decorado com um Foto de uma modelo sorridente com longos cabelos loiros platinados e luminosos. Linda.

A mulher no caixa tinha obviamente o cabelo tingido de vermelho vivo e cílios postiços que a faziam parecer uma girafa. "Agora, se você quiser..."

Para que seu cabelo fique igual ao da foto, você terá que descolori-lo primeiro", disse ela.

"Desinfetar com água sanitária... como?" perguntou Sarah. Sua mãe às vezes usava água sanitária e água para limpar o chão. Certamente não era a mesma coisa.

"Você vai querer pegar a água oxigenada que está lá no corredor dois", disse a caixa.

Quando Sarah voltou com a garrafa de plástico, a mulher olhou para ela com os olhos semicerrados. "Sua mãe sabe que você vai pintar o cabelo, querida?"

"Ah, claro", disse Sarah, sem fazer contato visual. "Ela não se importa." Ela não sabia se sua mãe se importaria ou não. Imaginou que descobriria depois.

"Que bom, então", disse ela, passando as compras de Sarah no caixa. "Talvez ela possa te ajudar. Certifique-se de que a cor fique bem uniforme."

Em casa, Sarah trancou-se no banheiro e leu as instruções na caixa da tintura de cabelo. Pareciam bem simples. Ela colocou as luvas de plástico que vieram com o kit, enrolou uma toalha nos ombros e aplicou a água oxigenada nos cabelos. Como não tinha certeza de quanto tempo deveria deixar a água oxigenada agir, sentou-se na beira da banheira, jogou alguns jogos no celular e assistiu a alguns tutoriais de maquiagem no YouTube.

Primeiro, seu couro cabeludo começou a coçar. Depois, começou a arder. Ardia como se alguém tivesse jogado um punhado de fósforos acesos em seu cabelo. Ela rapidamente digitou no celular: "quanto tempo devo deixar a água oxigenada no cabelo".

A resposta que apareceu foi "no máximo 30 minutos".

Quanto tempo ela havia deixado o produto agir? Ela se levantou num pulo, pegou o chuveiro de mão, abriu a água fria, inclinou a cabeça sobre a banheira e começou a se lavar. A água gelada acalmou seu couro cabeludo em chamas.

Quando se olhou no espelho do banheiro, seu cabelo estava completamente branco, como se tivesse envelhecido muito antes do tempo. O banheiro cheirava a água sanitária, fazendo seu nariz escorrer e seus olhos lacrimejarem. Ela entreabriu a janela e abriu o frasco de tintura de cabelo.

Chegou a hora de completar sua transformação.

Ela misturou os ingredientes da tintura de cabelo em um frasco aplicador, espalhou a mistura por todo o cabelo e massageou. Programou o alarme do celular para tocar em vinte e cinco minutos e se acomodou para esperar. Quando sua mãe chegasse em casa, Sarah estaria com uma aparência completamente diferente.

Ela mexeu alegremente no celular até o alarme tocar, depois se enxaguou novamente com o chuveiro de mão. Ela não se preocupou com o

Ela usou o condicionador que veio no kit de coloração porque estava ansiosa demais para ver o resultado. Secou o cabelo com a toalha e foi até o espelho para ver seu novo visual.

Ela gritou.

Ela gritou tão alto que o cachorro do vizinho começou a latir. Seu cabelo não era loiro platinado, mas verde esgoto. Ela se lembrou de Abby quando eram pequenas, colorindo o cabelo da sua Barbie com uma caneta permanente verde. Agora ela era Aquela Barbie.

Como? Como ela pôde fazer algo para se embelezar e acabar ainda mais feia do que antes? Por que a vida era tão injusta? Ela correu para o quarto, se jogou na cama e chorou. Deve ter chorado tanto que caiu num sono profundo, porque, de repente, sua mãe estava sentada na beira da cama perguntando: "O que aconteceu aqui?"

Sarah ergueu o olhar. Ela podia ver o choque nos olhos da mãe. "Eu... eu estava tentando pintar o cabelo", soluçou Sarah. "Eu queria ser loira, mas eu... eu..."

"Você está verde. Eu consigo ver isso", disse a mãe. "Bem, eu diria que haveria consequências por você pintar o cabelo sem a minha permissão, mas acho que você já está sentindo algumas delas. Você vai limpar o banheiro, no entanto. Mas, por enquanto, precisamos ver o que podemos fazer para que você pareça menos com... uma marciana." Ela tocou no cabelo de Sarah. "Ufa! Parece palha. Escuta, calce os sapatos. O salão de cabeleireiro do shopping ainda deve estar aberto. Talvez eles possam consertar isso."

Sarah calçou os sapatos e enfiou seus cabelos cor de musgo sob um boné de beisebol. Quando chegaram ao salão e Sarah arrancou o boné, a cabeleireira exclamou: "Bom, ainda bem que você ligou para o 911. Isso é definitivamente uma emergência capilar."

Uma hora e meia depois, Sarah estava com o cabelo castanho novamente, agora alguns centímetros mais curto porque o cabeleireiro teve que cortar as pontas danificadas.

"Bem", disse a mãe, assim que entraram no carro a caminho de casa, "isso representou uma boa parte do meu salário. Eu provavelmente deveria ter deixado você ir para a escola com o cabelo verde. Teria sido bem feito para você."

* * *

Sarah voltou para a escola não com o cabelo loiro platinado deslumbrante, mas com seu habitual tom castanho-claro. Mesmo assim, quando chegou a hora do almoço, ela decidiu que, mesmo sem o cabelo loiro, não se sentaria na mesa dos perdedores.

Ela se serviu no buffet de saladas e passou direto por onde Abby estava sentada. Ela não precisava das críticas de Abby hoje.

Um nó se formou em seu estômago quando ela se aproximou da mesa das Bonitas. Elas deviam ter decidido que hoje era o Dia do Jeans, porque todas estavam usando calças jeans skinny charmosas com blusas justas em tons de joia e tênis de lona combinando.

Sarah sentou-se na extremidade oposta da mesa, suficientemente longe para não parecer estar a incomodar, mas perto o bastante para que a pudessem incluir se quisessem.

Ela esperou alguns minutos, esperando que um deles lhe dissesse para ir embora, mas ninguém o fez. Ela ficou aliviada e esperançosa, mas então percebeu que nenhum deles parecia sequer vê-la. Eles simplesmente continuaram a conversa como se ela fosse invisível.

"Ela não disse isso!"

"Ah, disse sim!"

"Não!"

"Sim!"

"E depois, o que ele disse?"

Sarah mexeu na salada no prato e tentou acompanhar a conversa, mas não fazia ideia de quem estavam falando e certamente não ia perguntar. Provavelmente nem a ouviriam se dissesse alguma coisa. Se não conseguiam vê-la, provavelmente também não a ouviriam. Ela se sentia como um fantasma.

Ela pegou sua bandeja e foi em direção à lixeira, desesperada para sair do refeitório — desesperada para sair da escola inteira, na verdade. Mas ainda tinha o sétimo e o oitavo período para aguentar, as chatas aulas de história e matemática. Perdida em seu sofrimento, ela esbarrou em um garoto alto, derrubando o resto da salada em sua camisa branca impecável.

Ela ergueu os olhos para os olhos azuis como o oceano de Mason Blair, o rapaz mais perfeito da escola, o rapaz que ela sempre esperou que a notasse.

"Ei, olha por onde anda", disse ele, tirando uma fatia de pepino de sua camisa de grife cara. O vegetal coberto de vinagrete havia deixado um círculo oleoso perfeito no meio do seu peito.

"Desculpe!" ela exclamou, jogou o resto da salada — a parte que Mason não estava vestindo — no lixo e saiu correndo do refeitório.

Que pesadelo. Ela queria que Mason a notasse, mas não desse jeito. Não como a garota feia e desajeitada, com o cabelo castanho frisado e ressecado, que dava uma...

novo significado para as palavras *salada mista* Por que tudo tinha que dar errado para ela? As Belas nunca faziam nada estúpido ou desajeitado, nunca se humilhavam na frente de um rapaz bonito. Sua beleza era como uma armadura que as protegia da dor e do constrangimento da vida.

Quando o dia de aula finalmente chegou ao fim, Sarah decidiu ir andando para casa em vez de pegar o ônibus. Dado como tinha sido o seu dia, ela não achava que deveria correr o risco de estar novamente com um grande grupo de crianças. Seria como pedir para dar errado.

Ela caminhava sozinha, dizendo a si mesma que era melhor se acostumar com a solidão. Ela sempre estaria sozinha. Passou pela Vaca Marrom, a sorveteria onde as Bonitas iam com seus namorados depois da escola, rindo enquanto se sentavam juntas em mesas de piquenique, dividindo milk-shakes ou sundaes. E, claro, as Bonitas podiam devorar todo o sorvete que quisessem sem engordar um grama sequer. A vida era tão injusta.

Para chegar em casa, Sarah teve que passar pelo ferro-velho. Era uma extensão horrível de terra, repleta de carcaças de carros destruídos. Havia caminhonetes amassadas, SUVs esmagadas e veículos reduzidos a nada mais do que montes de sucata enferrujada. Ela tinha certeza de que nenhum dos Belos precisava passar por um lugar tão horrível a caminho de casa.

Embora o ferro-velho fosse horrível — ou talvez *porque* Foi tão horrível — ela não conseguiu evitar olhar quando passou por ali. Ela estava como um motorista que passa boquiaberto diante de um acidente na beira da estrada.

O carro mais próximo da cerca definitivamente se encaixava na categoria "montanha de sucata". Era um daqueles sedãs grandes e antigos que só pessoas muito idosas ainda dirigiam, o tipo de carro que a mãe de Sarah chamava de iate terrestre. Esse iate já tinha visto dias melhores. Antes, fora azul-claro, mas agora estava quase todo enferrujado, num tom marrom-alaranjado. Em alguns lugares, a ferrugem havia corroído completamente o metal, e a lataria estava tão destruída que parecia ter sido atacada por uma multidão enfurecida armada com tacos de beisebol.

Então ela viu o braço.

Um braço fino e delicado saía do porta-malas do carro, sua pequena mão branca com os dedos estendidos como se estivesse acenando. Ou pedindo ajuda, como alguém que estivesse se afogando.

Sarah estava fervendo de curiosidade. A que estava ligada aquela mão?

O portão estava destrancado. Ninguém parecia estar observando. Depois de olhar ao redor para se certificar de que não havia ninguém por perto, ela entrou no ferro-velho.

Ela se aproximou do velho sedã e tocou no braço, depois na mão. Era de metal, pelo toque. Encontrou a maçaneta do porta-malas e puxou, mas a alavanca não se mexia. O carro estava tão amassado e destruído que o porta-malas não abria nem fechava direito.

Sarah lembrou-se da história que uma professora havia lido para sua turma na escola primária, sobre o Rei Arthur tirando uma espada de uma pedra quando ninguém mais conseguia. Será que ela conseguiria tirar aquela boneca — ou o que quer que fosse — daquele veículo destruído? Ela olhou ao redor até encontrar um pedaço de metal resistente e plano que talvez pudesse servir como um pé de cabra improvisado.

Sarah apoiou o pé no para-choque amassado do carro, deslizou a peça de metal para dentro da porta do porta-malas e fez alavanca para cima. Na primeira tentativa, não cedeu, mas na segunda, abriu de repente e a desequilibrou. Ela caiu para trás e bateu com o traseiro no chão. Levantou-se para examinar a dona da mão que vira saindo do porta-malas.

Seria uma boneca descartada, que alguma menina não usava mais e foi jogada no lixo para acabar no aterro sanitário? O pensamento deixou Sarah triste.

Sarah tirou a boneca do baú e a colocou de pé, mas depois de olhar para ela, não tinha certeza. *boneca* "Era a palavra certa" para descrevê-lo. Era alguns centímetros mais alto que a própria Sarah e tinha articulações que davam a impressão de que seus membros e cintura eram móveis. Seria algum tipo de marionete? Um robô?

Fosse o que fosse, era linda. Tinha olhos grandes, verdes e com cílios longos, lábios rosados em forma de arco de Cupido e círculos rosados nas bochechas. Seu rosto estava pintado como o de um palhaço, mas um palhaço bonito. Seu cabelo ruivo estava preso em duas tranças no alto da cabeça, e seu corpo era esguio e prateado, com um pescoço longo, cintura fina e busto e quadris arredondados. Suas pernas e braços eram longos, finos e elegantes. Parecia uma versão robótica das lindas supermodelos cujas fotos decoravam as paredes do quarto de Sarah.

De onde teria vindo? E por que alguém iria querer se desfazer de um objeto tão bonito e perfeito?

Bem, se quem jogou essa coisa no lixo não a queria, então Sarah queria. Ela pegou o robô em forma de menina e o achou surpreendentemente leve. Ela o carregou de lado, com o braço em volta de sua cintura delicada.

Em casa, no seu quarto, Sarah colocou a robô no chão. Estava um pouco desgastada e empoeirada, como se tivesse estado no lixo por algum tempo. Sarah foi até a cozinha, pegou um pano e um frasco de produto de limpeza que supostamente era seguro para superfícies metálicas. Ela borrifou e limpou a parte da frente da robô.

O robô, centímetro por centímetro, da cabeça aos pés. O brilho o tornava ainda mais bonito. Quando Sarah se posicionou atrás do robô para limpar o outro lado, notou um interruptor liga/desliga na parte inferior das costas. Depois de terminar de limpá-lo, ela girou o interruptor para a posição "ligado".

Nada aconteceu. Sarah se virou, um pouco decepcionada. O robô ainda era legal de se ter, mesmo que não fizesse nada.

Mas então um ruído estridente fez Sarah se virar novamente. O robô estava tremendo por inteiro, como se fosse ligar de repente ou quebrar completamente. Depois, parou.

Sarah resignou-se mais uma vez à ideia de que o robô não faria nada.

Até que aconteceu.

A cintura do robô girou, fazendo com que a parte superior do corpo se movesse. Ele ergueu os braços lentamente e depois os abaixou. Sua cabeça virou-se para Sarah, parecendo olhá-la com seus grandes olhos verdes.

"Olá, amigo", disse a voz, com um timbre ligeiramente metálico, imitando a voz de uma menina. "Meu nome é Eleanor."

Sarah sabia que a coisa não podia estar falando com ela pessoalmente, mas parecia que sim. "Oi", sussurrou, sentindo-se um pouco boba por iniciar uma conversa com um objeto inanimado. "Meu nome é Sarah."

"Prazer em conhecê-la, Sarah", disse a robô.

Uau. Como é que aquilo conseguiu repetir o nome dela? *Deve ter algum computador embutido bastante sofisticado ou algo do tipo.* Sarah pensou. Era o tipo de coisa que seu irmão talvez soubesse; ele estava na faculdade cursando ciência da computação.

O robô deu alguns passos surpreendentemente suaves em direção a Sarah. "Obrigada por me resgatar e me limpar, Sarah", disse Eleanor, o robô. "Me sinto como nova." Ela deu uma voltinha graciosa e feminina, com sua saia curta esvoaçando.

Sarah estava boquiaberta. Será que aquela coisa era capaz de conversar de verdade, de realmente... *pensamento* "Hum... de nada?", disse ela.

"Agora", disse Eleanor, colocando sua mãozinha fria e áspera na bochecha de Sarah. "Diga-me o que posso fazer por você, Sarah."

Sarah encarou o rosto bonito e inexpressivo do robô. "O que você quer dizer?"

"Você fez algo legal para mim. Agora eu preciso fazer algo legal para você." *você.* Eleanor inclinou a cabeça como um cachorrinho adorável. "O que você quer, Sarah?" "Quero realizar seus desejos."

"Hum, nada, na verdade", disse Sarah. Não era a verdade, mas, afinal, como esse robô poderia realizar seus desejos?

"Todo mundo quer alguma coisa", disse Eleanor, afastando os cabelos do rosto de Sarah. "O que você quer, Sarah?"

Sarah respirou fundo. Olhou para as imagens de modelos, atrizes e estrelas pop em suas paredes. Ela bem que podia dizer. Eleanor era um robô; não a julgaria. "Eu quero...", sussurrou, sentindo-se envergonhada. "Eu quero... ser bonita."

Eleanor bateu palmas. "Ser bonita! Que desejo maravilhoso! Mas é um desejo ambicioso, Sarah, e eu sou pequena. Me dê 24 horas e terei um plano para começar a realizar esse desejo."

"Certo, claro", disse Sarah. Mas ela não acreditava nem por um minuto que aquele robô tivesse a capacidade de transformar sua aparência. Ela nem conseguia acreditar que estava tendo uma conversa de verdade com ele.

* * *

Quando Sarah acordou na manhã seguinte, Eleanor estava parada num canto, tão imóvel e sem vida quanto os outros objetos decorativos do quarto de Sarah, tão sem vida quanto o Freddy Fazbear de pelúcia que ela tinha na cama desde os seis anos. Talvez a conversa com Eleanor tivesse sido apenas um sonho particularmente vívido.

* * *

Naquela tarde, quando Sarah chegou da escola, Eleanor girou a cintura, ergueu e abaixou os braços e caminhou suavemente até Sarah. "Fiz uma coisa para você, Sarah", disse ela. Eleanor colocou as mãos atrás das costas e tirou um colar. Era uma corrente grossa de prata com um pingente grande de coração de prata, com um estilo meio caricato, pendurado nela. Era incomum. Bonito.

"Você fez isso para mim?", disse Sarah.

"Sim, eu fiz", disse Eleanor. "Quero que você me faça uma promessa. Quero que você coloque este colar e nunca, jamais o tire. Você promete que vai usá-lo sempre?"

"Eu prometo", disse Sarah. "Obrigada por ter feito isso para mim. É lindo."

"E você também ficará linda", disse Eleanor. "Como seu desejo é tão grande, Sarah, só posso realizá-lo aos poucos. Mas se você usar isto

"Use o colar e continue usando, a cada manhã, ao acordar, você estará um pouco mais bonita do que no dia anterior." Eleanor estendeu o colar e Sarah o pegou.

"Está bem, obrigada", disse Sarah, sem acreditar em Eleanor por um instante. Mas mesmo assim, ela colocou o colar porque era bonito.

"Ficou ótimo em você", disse Eleanor. "Agora, para o colar funcionar, você precisa me deixar cantar para você dormir."

"Tipo, agora?" perguntou Sarah.

Eleanor assentiu.

"Ainda é cedo. Mamãe nem chegou do trabalho ainda—"

"Para o colar funcionar, você precisa me deixar cantar para você dormir", repetiu Eleanor.

"Bem, acho que posso tirar um cochilo", disse Sarah, sem ter certeza se já não estava dormindo e sonhando.

"Deite-se na cama", disse Eleanor, caminhando com sua elegância até a lateral da cama de Sarah. Mesmo sendo um robô, tudo em Eleanor era tão feminino e encantador.

Sarah puxou os cobertores e deitou-se na cama. Eleanor sentou-se na beira da cama e acariciou os cabelos de Sarah com sua mãozinha fria. Ela cantou,

*Durma, durma, durma, minha doce
Sarah, quando você acordar, quando
você acordar, todos os seus sonhos se
tornarão realidade.*

Antes que Eleanor cantasse a última nota, Sarah já estava dormindo.

* * *

Sarah geralmente ficava sonolenta e mal-humorada pela manhã, mas naquela manhã acordou se sentindo ótima. Ela notou que Eleanor estava parada num canto do quarto, em sua pose de objeto inanimado. De alguma forma, a presença de Eleanor ali fazia Sarah se sentir segura, como se Eleanor estivesse de guarda.

Talvez Eleanor fosse apenas um objeto inanimado, pensou Sarah enquanto se sentava na cama. Mas então ela levou a mão à garganta e sentiu o pingente de coração de prata pendurado logo abaixo dela. Se o colar fosse real, a conversa que ela tivera com Eleanor também deveria ser. Ao afastar a mão do colar, ela percebeu algo mais.

O braço dela. Na verdade, os dois braços. Estavam mais finos e tonificados, e a pele, geralmente pálida, estava saudável e radiante. As manchas secas que costumavam aparecer tinham desaparecido, e ambos os braços estavam macios e suaves ao toque. Até mesmo os cotovelos, normalmente rachados, estavam macios como o focinho de um gatinho.

E os dedos dela — ao tocar os braços com eles, ela sentiu que também estavam diferentes. Estendeu as mãos para inspecioná-los. Seus dedos, antes curtos e grossos, estavam longos, elegantes e afilados. Suas unhas, antes curtas e grossas, agora eram mais compridas que as pontas dos dedos e tinham o formato de ovais perfeitos. Incrivelmente, estavam pintadas de um rosa suave e lindo, cada unha como uma pétala de rosa perfeita.

Sarah correu até o espelho para se examinar por completo. O mesmo rosto, nariz e corpo de sempre, mas agora com braços e mãos perfeitos. Ela se lembrou das palavras de Eleanor na noite anterior: "A cada manhã, ao acordar, você estará um pouco mais bonita do que no dia anterior."

Sarah estava definitivamente um pouco mais bonita. Seria assim que as coisas funcionariam — que a cada manhã uma parte diferente dela se transformaria?

Ela correu para o canto onde Eleanor estava parada. "Adorei meus novos braços e mãos! Obrigada!", disse ela para o robô imóvel. "Então, tipo, vou acordar toda manhã com uma parte nova até estar totalmente transformada?"

Eleanor não se mexeu. Seu rosto manteve a mesma expressão impassível. "Bem, talvez eu só tenha que esperar para ver, né?", disse Sarah. "Obrigada de novo." Ela ficou na ponta dos pés, beijou o robô em sua bochecha fria e dura e correu para a cozinha para tomar café da manhã.

A mãe dela estava sentada à mesa com uma xícara de café e metade de uma toranja. "Nossa, eu nem precisei gritar com você para sair da cama hoje de manhã", disse a mãe. "O que está acontecendo?"

Sarah deu de ombros. "Não sei. Só acordei me sentindo bem. Acho que dormi bem." Ela despejou alguns flocos de milho em uma tigela e os regou com leite.

"Bom, você já estava dormindo profundamente quando cheguei em casa. Pensei em te acordar para o jantar, mas você apagou", disse a mãe. Ela observou Sarah devorar a tigela de cereal. "E você também está comendo comida de verdade. Quer a outra metade desta toranja?"

"Claro, obrigada", disse Sarah.

Quando ela estendeu a mão para pegar a toranja, sua mãe segurou a sua mão. "Ei, quando foi que você deixou suas unhas crescerem?"

Sarah sabia que não podia dizer "ontem à noite", então disse: "Acho que nas últimas duas semanas".

"Nossa, elas estão ótimas", disse a mãe, apertando a mão dela antes de soltá-la. "E saudáveis também. Você tem tomado as vitaminas que eu comprei?"

Sarah não tinha ido, mas aceitou mesmo assim.

"Ótimo", disse a mãe dela, sorrindo. "Definitivamente está dando resultado."

Depois do café da manhã, Sarah escolheu uma blusa rosa que combinava com a cor do seu esmalte e dedicou um tempo extra ao cabelo e à maquiagem. Na escola, ela se sentiu um pouco menos invisível.

Enquanto ela estava no banheiro lavando as mãos, Jillian, uma das Beautifuls, entrou. Ela checou seu rosto e cabelo perfeitos no espelho e, em seguida, olhou para as mãos de Sarah. "Nossa, adorei esse esmalte", disse ela.

Sarah ficou tão chocada que mal conseguiu dizer "Obrigada". Jillian saiu do banheiro pisando duro, sem dúvida para se juntar às suas amigas populares.

Mas ela tinha *visto* Sarah. Ela tinha *percebido* Sarah, e ela tinha gostado de pelo menos uma coisa nela.

Sarah sorriu para si mesma pelo resto do dia.

* * *

Eleanor era principalmente noturna. Quando os últimos raios de sol do inverno começavam a desaparecer, ela girava a cintura, movia os braços para cima e para baixo e ganhava vida.

"Olá, Sarah", disse ela com sua vozinha fina. "Você está um pouco mais bonita hoje do que ontem, como eu prometi?"

"Sim", disse Sarah. Ela não se lembrava de jamais ter se sentido tão grata.

"Obrigada."

Eleanor assentiu com a cabeça. "Ótimo. E você está um pouco mais feliz hoje do que ontem?"

"Sou eu", disse Sarah.

Eleanor bateu palmas com suas mãozinhas. "Ótimo. É isso que eu quero. Realizar seus desejos e te fazer feliz."

Sarah ainda não conseguia acreditar que tudo aquilo estava acontecendo. "Que gentileza da sua parte. Mas por quê?"

"Eu já te expliquei o porquê. Você me salvou, Sarah. Você me tirou do lixão, me limpou e me trouxe de volta à vida. E agora eu quero realizar seus desejos, como uma fada madrinha. Você gostaria?" Sua voz, embora metálica, também soava gentil.

"Sim", disse Sarah. "Quem não gostaria de ter uma fada madrinha?"

"Ótimo", disse Eleanor. "Então nunca, jamais tire esse colar e deixe-me cantar para você dormir. Quando você acordar, estará um pouco mais bonita do que está hoje."

Sarah hesitou. Ela sabia que sua mãe tinha achado estranho chegar em casa na noite anterior e encontrá-la já dormindo. Se Sarah adormecesse cedo todas as noites, sua mãe se preocuparia, pensando que ela estava doente ou algo assim. Além disso, havia a questão da lição de casa. Se ela parasse de fazer a lição de casa, isso também levantaria suspeitas, tanto em casa quanto na escola.

"Vou deixar você cantar para eu dormir", disse Sarah. "Mas será que pode ser daqui a algumas horas? Preciso jantar com a minha mãe e depois fazer a minha lição de casa."

"Se for mesmo necessário", disse Eleanor, parecendo um pouco desapontada. "Mas é preciso que você me deixe colocá-la para dormir o mais cedo possível. É importante que você tenha seu sono de beleza."

Depois de um jantar de espaguete e uma hora e meia de matemática e inglês, Sarah tomou um banho rápido, escovou os dentes e vestiu sua camisola. Em seguida, aproximou-se de Eleanor, que estava parada em seu canto.

"Estou pronta", disse Sarah.

"Então vá para a cama como uma boa menina", disse Eleanor.

Sarah se enfiou debaixo das cobertas e Eleanor se aproximou da cama com seu andar característico. Sentou-se na beirada e estendeu a mão para tocar o pingente em forma de coração de Sarah. "Lembre-se de usá-lo sempre e nunca, jamais o tire", disse Eleanor.

"Eu vou me lembrar", disse Sarah.

Eleanor acariciou os cabelos de Sarah com sua mãozinha fria e cantou sua canção de ninar:

*Durma, durma, durma, minha doce
Sarah, quando você acordar, quando
você acordar, todos os seus sonhos se
tornarão realidade.*

Mais uma vez, Sarah adormeceu sem perceber o que estava acontecendo.

Ela acordou sentindo-se revigorada e, ao se levantar, pareceu estar um pouco mais ereta, um pouco mais orgulhosa, um pouco... MAIS ALTA?

Ela correu até o espelho e levantou a camisola, revelando as pernas. Eram magníficas. Ela não era mais a baixinha rechonchuda com pés sem pernas grudados em seu corpo desajeitado. Suas pernas eram longas e torneadas, com panturrilhas firmes e tornozelos delicados, pernas de modelo. Ao passar as mãos sobre elas, percebeu que a pele era lisa e macia. Olhou para baixo e notou que as unhas dos seus dedos perfeitos e adoráveis estavam pintadas com o mesmo rosa vibrante das unhas das mãos.

Sarah geralmente usava calças jeans para ir à escola, para disfarçar melhor suas pernas curtas. Mas hoje ela ia usar um vestido. Correu até o armário e pegou um lindo vestido lilás que sua mãe havia lhe dado na primavera passada. Ela não tinha gostado de como o vestido ficava nela na época, mas agora ele realçava seus braços e pernas longos e torneados. Calçou umas sapatilhas e admirou seu reflexo no espelho.

Ela ainda não estava exatamente como queria (aquele nariz de batata tinha que ir embora, por exemplo), mas definitivamente estava progredindo. Ela passou a pouca maquiagem que lhe era permitido usar, penteou o cabelo e desceu para tomar café da manhã.

A mãe dela estava em pé no fogão, mexendo ovos em uma frigideira. "Olha só para você! Você está um arraso!" A mãe a olhou de cima a baixo, sorrindo. "É dia de foto na escola ou algo assim?"

"Não", disse Sarah, sentando-se à mesa e servindo-se de um copo de suco de laranja. "Só queria me esforçar um pouco hoje."

"Tem alguém especial por quem você está se esforçando?", perguntou a mãe em tom de brincadeira.

Por um instante, Sarah pensou em Mason Blair, mas logo a imagem se transformou nela esbarrando nele e o cobrindo de salada. "Não, acho que só para mim."

Mamãe sorriu. "Nossa, que bom ouvir isso. Ei, você quer uns ovos?"

Sarah sentiu uma fome repentina e voraz. "Claro", disse ela.

A mãe serviu ovos mexidos e torradas para cada uma delas e depois sentou-se. "Não sei o que é", disse a mãe, "mas nos últimos dois dias você pareceu muito mais madura e fácil de conversar." Ela tomou um gole de café e pareceu pensativa. "Talvez você estivesse apenas indo

Você passou por uma fase estranha no último ano, mais ou menos, e está começando a superá-la."

Sarah sorriu. "Sim, acho que pode ser isso mesmo." *A fase estranha foi toda a minha vida antes de conhecer Eleanor.* Sarah pensou.

Na escola, Sarah viu Abby no corredor e sentiu uma pontada de saudade. As duas tinham tanta história juntas, desde os tempos de tinta para dedos e massinha de modelar. Mas Abby era teimosa. Se Sarah esperasse que Abby se desculpasse, isso talvez nunca acontecesse.

Ela caminhou até Abby, que estava perto de seu armário. "Oi", disse Sarah.

"Ei." Abby procurou algo em seu armário e não fez contato visual com ela.

"Escuta", disse Sarah, "me desculpe por ter dito aquelas coisas horríveis para você outro dia."

Abby finalmente olhou para ela. "Ei, eles não estavam errados. Eu ainda gosto de desenhos animados, adesivos e cavalos."

"Sim, e não há nada de errado nisso. Adesivos, cavalos e desenhos animados são legais. E você é legal. E me desculpe. Amigas?" Ela estendeu a mão, e Abby riu e a abraçou.

Quando Abby se afastou do abraço, olhou Sarah de cima a baixo. "Ei, você cresceu ou algo assim?"

Ela não tinha como explicar. "Não, eu só estou trabalhando para melhorar minha postura."

"Bem, você definitivamente está tendo sucesso."

* * *

Na noite anterior, Eleanor havia embalado Sarah para dormir com sua doce canção de ninar de costume. Naquela manhã, ainda deitada na cama, ela olhou para o próprio corpo para ver se conseguia identificar quais partes haviam melhorado. Para sua surpresa, as partes que antes eram macias e flácidas agora estavam firmes e tonificadas, e as partes que antes eram planas e infantis agora estavam arredondadas e femininas.

Sarah escolheu uma camiseta justa e uma minissaia jeans para usar na escola. Seu sutiã de treino, que já estava bem gasto, não fechava mais, então ela improvisou com o top esportivo que usava nas aulas de educação física. Ficou bem apertado.

No café da manhã, ela perguntou à mãe: "Podemos ir às compras neste fim de semana?"

"Bem, recebo meu pagamento na sexta-feira, então umas comprinhas não seriam um problema", disse a mãe, servindo-se de mais café. "Algo em particular?"

O que você está procurando?

Sarah olhou para o próprio peito e depois deu um sorriso sem graça.

"Oh!" disse a mãe, parecendo surpresa. "Bem, isso me pegou de surpresa. Claro que podemos comprar alguns sutiãs que sirvam." Ela sorriu e balançou a cabeça. "Não acredito como você está crescendo rápido."

"Nem eu consigo." Era verdade.

"Parece que aconteceu da noite para o dia", disse a mãe. *Porque sim*, Sarah pensou.

* * *

Na escola, Sarah sentia olhares sobre ela. Olhares de meninos. Pela primeira vez, ela se sentiu notada. Ela se sentiu vista. Era vertiginoso. Emocionante.

No corredor a caminho da aula de inglês, um trio de garotos — garotos bonitos — olhou para ela, depois olhou um para o outro, cochichou algo e riu. Mas não era uma risada maldosa ou zombeteira.

Curiosa para saber o que eles tinham dito, Sarah olhou para trás e esbarrou em—não, não podia ser! De novo não!—Mason Blair.

Ela sentiu o rosto corar e se preparou para que ele lhe dissesse para prestar atenção por onde andava... de novo.

Mas, em vez disso, ele sorriu. Ele tinha dentes realmente ótimos, retos e brancos. "Temos que parar de nos esbarrar assim", disse ele.

"Na verdade, acho que fui eu que esbarrei em você", disse Sarah. "Pelo menos eu não estava carregando uma salada desta vez."

"Sim." Seu sorriso era deslumbrante. "Isso foi muito engraçado."

"Sim", disse Sarah, embora lhe parecesse estranho que ele dissesse agora que o incidente da salada era engraçado. Quando aconteceu, ele pareceu irritado.

"Bem, se você vai continuar esbarrando em mim, pelo menos preciso saber seu nome. Não posso ficar te chamando de Garota da Salada."

"Meu nome é Sarah. Mas pode me chamar de Garota da Salada, se quiser." "Prazer em conhecê-la, Sarah. Meu nome é Mason."

"Eu sei." Ela se repreendeu mentalmente. Tanto esforço para manter a calma. "Ok, então, a gente se vê por aí, Sarah, a Garota da Salada." Ele lhe deu um último sorriso rápido.

"Até logo", disse Sarah. Ela continuou seu caminho até a aula de inglês, mas tudo em que conseguia pensar era que acabara de ter uma conversa — uma conversa real, humana — com Mason Blair.

Sarah sentou-se ao lado de Abby na aula. "Mason Blair acabou de falar comigo", sussurrou Sarah. "Tipo..." *falou comigo* conversou comigo."

"Não me surpreende", sussurrou Abby de volta. "Há algo diferente em você ultimamente."

"O que você quer dizer?"

Abby franziu a testa, como fazia quando estava pensando profundamente. "Não sei. Não consigo explicar exatamente com palavras. É como se você estivesse brilhando de dentro para fora."

Sarah sorriu. "É, é exatamente assim." Mas, na verdade, eram as mudanças externas que a faziam brilhar por dentro.

* * *

À noite, depois que Eleanor fez seus movimentos para acordar, Sarah a abraçou com força. Era estranho abraçar algo tão duro e frio, e quando os braços de Eleanor a envolveram, Sarah sentiu um lampejo do que poderia ter sido medo, mas logo afastou o sentimento. Não havia nada a temer. Eleanor era sua amiga.

"Eleanor", disse Sarah, afastando-se do abraço, "não poderia estar mais feliz com meu novo corpo. É perfeito. Muito obrigada!"

"Fico feliz", disse Eleanor, inclinando a cabeça. "Tudo o que eu quero é que você seja feliz, Sarah."

"Bem, estou muito mais feliz do que antes de te encontrar", disse Sarah. "Hoje foi como se eu pudesse sentir todas essas pessoas." *vendo* Eu. E eles gostaram do que viram. O cara por quem eu tenho uma queda há meses até me notou e falou comigo."

"Que maravilha", disse Eleanor. "Fico feliz por ter conseguido realizar todos os seus desejos, Sarah."

Uma nuvem escura pairou repentinamente sobre o bom humor de Sarah. "Bem", disse ela, "nem todos". Ela levou a mão ao nariz, que parecia uma batata.

"Sério?" Eleanor pareceu surpresa. "O que você ainda deseja, Sarah?"

Sarah respirou fundo. "Eu amo meu novo corpo", disse ela. "Amo mesmo. Mas eu sou o que alguns caras chamam de bonita de longe, mas estou longe de ser bonita."

Eleanor inclinou a cabeça novamente. "Bonita de longe? Não entendo, Sarah."

"Bem, você sabe, os caras costumam dizer: 'Ela fica ótima de longe, mas não chegue muito perto do rosto dela.'"

"Oh! Distante de linda!" Eleanor disse: "Agora entendi." Ela riu, um tilintar metálico. "É muito engraçado."

"Não importa se alguém está usando isso para descrever você", disse Sarah.

"Acho que não", disse Eleanor. Ela estendeu a mão e tocou a bochecha de Sarah. "Sarah, você realmente quer que eu mude tudo isso? Você quer um rosto novo?"

"Sim, quero", disse Sarah. "Quero um narizinho pequeno, lábios carnudos e maçãs do rosto altas. Quero cílios longos e escuros e sobrancelhas bem definidas. Não quero mais parecer a Dona Mix-and-Match."

Eleanor deu sua risadinha cristalina novamente. "Eu posso fazer isso por você, Sarah, mas você precisa entender, é uma grande mudança. Você pode se olhar no espelho e ver pernas mais compridas ou um corpo mais curvilíneo, e simplesmente parece que você cresceu. Mais rápido do que o esperado, talvez, mas ainda assim, crescer é normal para uma criança. É algo que você sabe que vai acontecer. A vida toda, porém, você se olhou no espelho, viu seu rosto e disse: 'Essa sou eu'. É verdade que seu rosto muda um pouco conforme você cresce, mas ainda é reconhecível como você. Ver um rosto totalmente diferente refletido em seu reflexo pode ser um choque."

"É um choque que eu quero", disse Sarah. "Odeio meu rosto do jeito que ele é." "Muito bem, Sarah", disse Eleanor, olhando-a nos olhos. "Contanto que você tenha certeza."

* * *

Depois de jantar com a mãe e fazer a lição de casa, Sarah tomou banho e se preparou para que Eleanor a colocasse para dormir mais uma vez. Mas, enquanto se aconchegava debaixo das cobertas, um pensamento perturbador lhe ocorreu.

"Eleanor?"

"Sim, Sarah?" Ela já estava ao lado da cama de Sarah.

"O que minha mãe vai pensar se eu sentar para tomar café da manhã amanhã e estiver com uma cara completamente diferente?"

Eleanor sentou-se na cama. "É uma boa pergunta, Sarah, mas ela não vai notar, não de verdade. Ela pode achar que você parece especialmente descansada ou bem, mas não vai perceber que seu rosto comum foi substituído por um rosto bonito. As mães sempre acham seus filhos bonitos, então, quando sua mãe olha para você, ela sempre vê uma grande beleza."

"Ah, tudo bem", disse Sarah, sentindo-se relaxada novamente. Não era de admirar que sua mãe não entendesse seus problemas. Ela achava que a filha já era linda. "Então estou pronta."

Eleanor tocou no pingente de coração de Sarah. "E você se lembra—" "Que eu sempre tenho que usá-lo e nunca, jamais posso tirá-lo. Sim, eu me lembro."

"Ótimo." Eleanor acariciou os cabelos de Sarah e cantou mais uma vez.

*Durma, durma, durma, minha doce
Sarah, quando você acordar, quando
você acordar, todos os seus sonhos se
tornarão realidade.*

* * *

Assim como antes, Sarah sentiu as mudanças antes mesmo de vê-las. Logo que acordou, levou a mão ao nariz e o tocou. Não sentiu um bulbo achatado, mas sim uma pontinha arrebitada. Passou as mãos pelas laterais do rosto e sentiu as maçãs do rosto bem definidas. Tocou os lábios e percebeu que estavam mais carnudos do que antes. Saltou da cama para dar uma olhada.

Foi incrível. A pessoa que olhava para Sarah era completamente diferente. Eleanor tinha razão: foi chocante. Mas um choque bom. Tudo o que ela odiava em sua aparência havia desaparecido, substituído por uma perfeição absoluta. Seus olhos eram grandes, de um azul mais profundo, emoldurados por longos cílios escuros. Suas sobrancelhas eram delicadamente arqueadas. Seu nariz era pequeno e perfeitamente reto, e seus lábios formavam um arco de Cupido rosado. Seu cabelo, embora ainda castanho, estava mais volumoso e brilhante, caindo em lindas ondas suaves. Ela se olhou de cima a baixo. Sorriu para si mesma, mostrando seus dentes brancos e perfeitos. Linda. Ela era a perfeição em pessoa.

Ela examinou as roupas em seu armário. Nenhuma delas parecia digna de sua nova beleza. Talvez quando a mãe a levasse para comprar sutiãs, elas também pudessem escolher algumas roupas. Depois de muita deliberação, ela finalmente escolheu um vestido vermelho que comprara por impulso, mas nunca tivera coragem de usar. Agora, porém, ela merecia ser o centro das atenções.

A escola era uma experiência totalmente nova. Ela sentia todos os olhares sobre ela, tanto dos rapazes quanto das garotas. Quando olhou para as Bonitas, que por acaso também estavam vestindo vermelho naquele dia, elas retribuíram o olhar, não com desdém, mas com interesse.

Durante o almoço, ela sussurrou. Em seguida, dirigiu-se a Abby, indo direto para onde os Beautifuls estavam sentados. Desta vez, não se sentou diretamente à mesa deles, mas fez questão de passar casualmente por ela.

“Ei, garota nova”, chamou Lydia. “Quer sentar com a gente?”

Ela não era nem de longe uma aluna nova na escola, mas tinha a aparência de uma. “Claro, obrigada”, disse ela. Tentou parecer casual, como se não fizesse diferença se sentasse com eles ou com outra pessoa, mas por dentro estava tão animada que dava cambalhotas.

Todas as moças bonitas estavam comendo saladas, assim como ela. “Então”, disse Lydia, “qual é o seu nome?”

“Sarah.” Ela esperava que Sarah fosse um nome que eles considerassem aceitável. Não era tão ruim. Não era como Hilda ou Bertha ou algo do tipo.

“Eu sou Lydia.” Lydia jogou seus cabelos loiros e brilhantes para trás. Ela era tão bonita, bonita o suficiente para ser modelo. Ela se encaixaria perfeitamente com as fotos nas paredes do quarto de Sarah. “E estas são Jillian, Tabitha e Emma.”

É claro que não precisavam de apresentações, mas Sarah disse “oi” como se nunca os tivesse visto antes.

“Então”, disse Lydia, “de quem é o seu vestido?”

Sarah já tinha assistido a desfiles de moda suficientes na TV para saber que Lydia estava perguntando sobre o estilista. “É da Saks Fifth Avenue”, disse ela. Era verdade. A etiqueta do vestido dizia: SAKS QUINTA AVENIDA. No entanto, Sarah

E a mãe dela tinha comprado em um brechó local. A mãe dela ficou tão animada quando encontraram. Ela adorava comprar em brechós.

“Com que frequência você vem a Nova York?”, perguntou Lydia.

“Uma ou duas vezes por ano”, mentiu Sarah. Ela tinha ido a Nova York uma vez, quando tinha onze anos. Ela e a mãe assistiram a um espetáculo da Broadway, fizeram um passeio de balsa até a Estátua da Liberdade e subiram ao Empire State Building. Não fizeram compras em lojas de grife. A única roupa que Sarah comprou foi um vestido. EU AMO NOVA YORK Camiseta comprada em uma loja de souvenirs. Algumas lavagens.

Ela já o tinha usado tanto que estava tão fino quanto papel de seda, mas ainda assim dormia com ele às vezes.

“Então, Sarah”, disse Emma, olhando para ela com seus olhos castanhos expressivos, “o que seus pais fazem da vida?”

Sarah tentou não demonstrar irritação visível ao ouvir a palavra. *pai* “Mamãe é assistente social, e papai—” Antes de abandonar Sarah e sua mãe, o pai era caminhoneiro. Agora ela nem sabia ao certo o que ele fazia ou onde morava. Ele se mudava muito, trocava de namorada o tempo todo. Ligava para ela no Natal e no aniversário dela. “Ele é... ele é advogado.”

As belas assentiram com a cabeça em sinal de aprovação. "Mais uma pergunta" — disse Jillian, a ruiva de olhos verdes felinos. "Você tem namorado?"

Sarah sentiu o rosto esquentar. "Não, não no momento." "Bem", disse Jillian, inclinando-se para a frente. "Tem algum garoto de quem você gosta?" Sarah sabia que seu rosto devia estar tão vermelho quanto seu vestido. "Sim."

Jillian sorriu. "E o nome dele é...?"

Sarah olhou em volta para se certificar de que ele não estava por perto. "Mason Blair", ela sussurrou.

"Nossa, ele é gato", disse Jillian. "Com certeza é gato", concordou Lydia.

"Que gata!", repetiam as outras garotas em coro.

"Então", disse Lydia, examinando Sarah de cima a baixo. "Não fique nos seguindo como um cachorrinho, mas se quiser sentar com a gente no almoço, fique à vontade. Aos domingos à tarde, vamos ao shopping experimentar roupas e maquiagem, talvez tomar um iogurte congelado. É bobo, mas é alguma coisa para fazer. Esta cidade é tão chata." Ela bocejou dramaticamente.

"Que chato", concordou Sarah, mas por dentro estava fervilhando de animação. Lydia assentiu. "Vamos passar um tempo juntas e ver como as coisas vão. Se der certo, talvez você possa se candidatar para líder de torcida no ano que vem. Considere isso um período de teste."

Sarah saiu do refeitório sorrindo para si mesma. Abby a alcançou. "Parecia que você estava tendo uma entrevista de emprego intensa lá dentro", disse Abby. Ela estava usando calças de moletom cinza com um suéter roxo volumoso que não favorecia em nada suas curvas.

"Sim, mais ou menos. Eles me convidaram para sair, então acho que passei no teste." Ela não conseguiu conter o sorriso.

Abby ergueu uma sobrancelha. "E são esses os tipos de amigos que você quer? O tipo que te faz passar em uma prova?"

"Elas são legais, Abby. Elas entendem tudo de moda, maquiagem e garotos."

"São rasas, Sarah. Tão rasas quanto uma poça de chuva. Não, retiro o que disse. São tão rasas que fazem uma poça de chuva parecer o oceano."

Sarah balançou a cabeça. Ela amava Abby, de verdade, mas por que tinha que ser tão crítica? "Mas eles mandam na escola. É assim que funciona. São as pessoas bonitas que conseguem o que querem." Ela olhou para Abby.

Sua linda pele morena e seus marcantes olhos cor de avelã. "Você também poderia ser linda, Abby. Seria a garota mais bonita da escola se tirasse os óculos e as tranças e comprasse roupas que não fossem tão largas."

"Se eu não usasse meus óculos, ia ficar esbarrando nas paredes", disse Abby, com um tom de voz um pouco áspero. "E eu gosto das minhas tranças e das minhas roupas largas. Principalmente deste suéter. É aconchegante." Ela deu de ombros. "Acho que simplesmente gosto de mim do jeito que sou. Desculpe se não sou chique ou estilosa o suficiente para você. Não sou como as líderes de torcida ou todas aquelas modelos e estrelas pop cujas fotos você tem espalhadas pelo seu quarto. Mas sabe de uma coisa? Sou uma pessoa legal e não julgo as pessoas pela aparência ou pela quantidade de dinheiro que têm, e não preciso fazer um teste surpresa para decidir se deixo alguém sair comigo ou não!" Abby olhou para o rosto de Sarah, inquisitivamente. "Você mudou, Sarah. E não para melhor." Abby virou as costas para Sarah e saiu marchando pelo corredor.

Sarah sabia que Abby estava um pouco chateada com ela. Mas também sabia que um pedido de desculpas e um abraço resolveriam tudo assim que ela se acalmasse.

Após o toque do sinal, enquanto caminhava em direção ao ônibus escolar, Sarah percebeu subitamente uma presença ao seu lado.

"Olá", disse uma voz masculina.

Ela se virou e viu Mason Blair, impecável em uma camisa azul que realçava a cor de seus olhos. "Ah... oi."

"Então, a Lydia disse que vocês estavam falando de mim no refeitório hoje." "Bem, eu... é..." Sarah lutou contra a vontade de fugir.

"Ei, se você não tiver mais nada para fazer, quer ir até a Brown Cow tomar um sorvete comigo?"

Sarah sorriu. Ela mal podia acreditar na sorte que tinha hoje. "Não tenho mais nada para fazer."

A Brown Cow era basicamente um pequeno barracão de blocos de concreto que vendia sorvete expresso e milk-shakes. Ficava bem em frente à escola, mas Sarah geralmente resistia à tentação de parar lá, já que sempre se preocupava com o peso.

Ela estava ao lado de Mason no balcão onde a mesma senhora idosa, com ar entediado, sempre atendia os pedidos. "Chocolate, baunilha ou misto?", perguntou ele.

"Gire", disse ela, fazendo menção de abrir a bolsa.

"Não", disse Mason, levantando a mão. "Eu pago. É um encontro barato. Eu consigo lidar com isso."

"Obrigado", disse ele. *data*Foi um encontro de verdade. O primeiro da Sarah.

Eles se sentaram um de frente para o outro em uma mesa de piquenique. Mason atacou seu sorvete com gosto, mas Sarah deu apenas pequenas lambidas. Ela não queria comer como uma porca na frente de Mason e tinha medo de que o sorvete pingasse em seu vestido e a fizesse parecer desleixada. Mesmo com sua timidez, porém, ela teve que admitir que a guloseima gelada e cremosa estava deliciosa. "Faz séculos que não como sorvete", disse ela.

"Por quê?" perguntou Mason. "Para controlar o peso?"

Sarah assentiu.

"Não precisa se preocupar com isso", disse Mason. "Você está ótima. É engraçado. Você estuda nessa escola há muito tempo, não é? Não sei como só agora te notei."

Sarah sentiu-se corar. "Você me notou quando esbarrei em você com aquela salada, não é?"

Mason olhou para ela com seus olhos azuis-marinhos de cílios escuros. "Não te notei como deveria. Preciso prestar mais atenção."

"Eu também", disse Sarah, "para não ficar esbarrando nas pessoas com bandejas de salada."

Mason riu, mostrando aqueles dentes brancos e perfeitos.

Sarah ficou impressionada com a confiança que seu novo visual lhe dava. Ela podia tomar sorvete com um rapaz bonito e fazer piadas com ele. A antiga Sarah seria tímida demais. Não que um rapaz bonito fosse convidar a antiga Sarah, a dona do visual "misture e combine", para tomar sorvete, para começo de conversa.

Assim que terminaram de comer os cones, Mason disse: "Ei, sua casa é perto? Eu poderia te acompanhar até lá, se quiser."

Sarah sentiu uma pontada de ansiedade. O pai de Mason era médico e a mãe, uma corretora de imóveis bem-sucedida, cujo rosto estampava outdoors. Provavelmente, a família dele morava em uma mansão na parte mais chique da cidade. Ela não estava preparada para que ele a acompanhasse até o pequeno e simples bangalô de dois quartos que dividia com a mãe solteira, que vivia de salário em salário. "Hum... na verdade, preciso fazer algumas coisas hoje à tarde. Talvez em outra hora?"

"Ah, claro. Ok." Será que foi imaginação da Sarah, ou ele pareceu meio desapontado? Ele olhou para os próprios sapatos e depois para Sarah. "Ei, talvez a gente pudesse sair de verdade qualquer dia desses. Pizza e cinema, quem sabe?"

Sarah tinha quase certeza de que seu coração acabara de dar um salto mortal para trás. "Eu gostaria disso."

Sua expressão se iluminou. "Que tal neste sábado à noite? Se você estiver livre, é claro."

Sarah lutou contra a vontade de rir. Já houve alguma noite de sábado em que ela...*não era*De graça? Mesmo assim, ela não queria parecer muito ansiosa. "Acho que sim, claro."

"Ótimo. Então vamos planejar isso."

* * *

Sarah mal podia esperar que Eleanor acordasse para lhe contar sobre o seu dia. Finalmente, depois do que pareceu uma eternidade, Eleanor girou a cintura, ergueu os braços e disse: "Olá, Sarah."

Sarah correu até Eleanor e segurou as duas mãos dela nas suas. "Oh, Eleanor, eu acabei de ter o melhor dia da minha vida!"

Eleanor virou a cabeça. "Nem me fale, Sarah."

Sarah se jogou na cama e se apoiou em um travesseiro. "Nem sei por onde começar. Os Beautifuls me deixaram sentar à mesa deles no almoço e depois me convidaram para encontrá-los no shopping no domingo."

Eleanor assentiu com a cabeça. "São boas notícias, Sarah."

Sarah inclinou-se para a frente e abraçou o velho ursinho de pelúcia do Freddy Fazbear que estava em sua cama. "E aí o Mason Blair me levou para tomar sorvete depois da aula e me convidou para jantar e assistir a um filme no sábado!"

"Que emocionante!" Eleanor aproximou-se de Sarah, curvou-se e tocou-lhe a bochecha. "Ele é um rapaz bonito, Sarah?"

Sarah assentiu com a cabeça. Ela não conseguia parar de sorrir. "Sim.

Muito." "Você está feliz, Sarah?"

Sarah riu e repetiu: "Sim. Muito." "Eu te dei tudo o que você desejava?"

Sarah não conseguia pensar em mais nenhum desejo. Ela era linda e perfeita, e sua vida era linda e perfeita para combinar. "Sim, você tem."

"Então eu também tenho tudo o que desejei", disse Eleanor. "Mas lembre-se, mesmo que todos os seus desejos sejam realizados, o colar ainda precisa ficar no seu dedo. Você pode—"

"Nunca, jamais tire isso. Eu me lembro", disse Sarah. Ela sempre tinha vontade de perguntar a Eleanor o que aconteceria se ela tirasse aquilo, mas uma parte dela tinha medo de saber a resposta.

"Fazer você feliz me faz feliz, Sarah", disse Eleanor.

Sarah sentiu lágrimas brotarem em seus olhos azuis, agora tão bonitos. Ela sabia que nunca teria uma amiga melhor do que Eleanor.

* * *

No sábado, Sarah era um turbilhão de energia nervosa. Desde o momento em que acordou, tudo em que conseguia pensar era no encontro. No café da manhã, estava tão nervosa que mal conseguiu comer, mesmo que a mãe tivesse feito rabanada, a comida favorita de Sarah. "Você vai me levar até a pizzeria e me deixar às seis, né?", perguntou ela.

"Claro", disse a mãe, folheando o jornal.

"E você simplesmente vai me abandonar, né? Não vai entrar comigo nem nada?"

Mamãe sorriu. "Prometo que não colocarei seu relacionamento em risco deixando seu novo namorado ver meu rosto horripilante."

Sarah riu. "Não é isso, mãe. Você é realmente muito bonita. É só que fica meio infantil quando sua mãe entra com você, sabe?"

"Eu sei", disse a mãe, tomando um gole de café. "Eu também já tive quatorze anos, acredite ou não."

"E você montava seu dinossauro quando saía para encontros?", perguntou Sarah.

"Às vezes", disse a mãe. "Mas geralmente eu só convidava o menino para passar um tempo na caverna da família." Ela estendeu a mão e bagunçou o cabelo de Sarah. "Não seja tão espertinha, ou posso decidir que estou velha e decrépita demais para te levar de carro hoje à noite. Já decidiu o que vai vestir?"

Diante dessa pergunta, Sarah soltou um gemido dramático. "Não consigo me decidir! Quer dizer, é só pizza e filme, então não quero me vestir como se fosse o evento mais importante da minha vida. Mas, ao mesmo tempo, a minha aparência é muito importante!"

"Então vista calça jeans e uma blusa bonita. Você é uma garota linda, Sarah. Vai ficar ótima com qualquer roupa que escolher."

"Obrigada, mãe." Ela se lembrou do que Eleanor havia dito sobre as mães sempre acharem seus filhos bonitos. Ela sabia que sua mãe teria dito a mesma coisa para ela, mesmo antes de receber a ajuda de Eleanor.

* * *

Quando a mãe de Sarah estacionou no estacionamento da Pizzaria Palazzo, Sarah estava com tanta ansiedade que não conseguia imaginar que haveria espaço para pizza. Ela sabia que estava bonita, então isso a confortava um pouco.

"Me manda uma mensagem quando o filme acabar, e eu vou te buscar", disse a mãe. Ela estendeu a mão e apertou a de Sarah. "E divirta-se."

"Vou tentar", disse Sarah. Até recentemente, a ideia de sair com Mason Blair seria tão realista quanto a de sair com uma grande estrela pop. Era uma fantasia, algo com que ela sonhava, mas nunca imaginou que se tornaria realidade. Por que ela estava tão nervosa se era algo que desejava há tanto tempo? Talvez fosse isso que a deixava nervosa... o fato de desejar tanto.

Mas quando ela entrou na Pizzaria Palazzo e viu Mason esperando por ela em frente ao balcão da recepcionista, imediatamente se sentiu mais à vontade. Ele se levantou e exibiu seu lindo sorriso. "Oi. Você está ótima", disse ele.

"Obrigada." Ela achou que a blusa turquesa que havia escolhido combinava bem com seus olhos. "Você também." Ele estava vestido casualmente com um moletom com capuz e uma camiseta para jogar videogame, mas ficaria ótimo com qualquer coisa.

Depois de se acomodarem em uma das cabines de couro vermelho com toalhas de mesa xadrez combinando, Mason pegou um cardápio e perguntou: "Então, que tipo de pizza você prefere? Massa fina? Massa grossa? Algum ingrediente favorito?"

"Eu sou uma pessoa flexível em relação à pizza", disse Sarah. Apesar do nervosismo inicial, ela estava começando a sentir fome. "Eu gosto de pizza em geral. Exceto por uma coisa. Nada de abacaxi na pizza, nunca."

"Concordo!" disse Mason, rindo. "Abacaxi na pizza é uma aberração. Deveria ser ilegal."

"Que bom que concordamos nisso", disse Sarah. "Se não tivéssemos concordado, eu provavelmente teria que simplesmente sair daqui e te abandonar."

"E eu teria merecido totalmente", disse Mason. "Quem come abacaxi na pizza merece ficar sozinho."

Eles combinaram de pedir uma pizza de pepperoni e cogumelos de massa fina e conversaram animadamente sobre suas famílias e hobbies enquanto comiam. Mason tinha muitos interesses, e Sarah percebeu que provavelmente não tinha o suficiente. Antes de Eleanor, ela passava muito do seu tempo livre se preocupando com a aparência. Agora que esse problema estava resolvido, ela precisava expandir seus horizontes — ouvir mais música, ler mais livros,

Talvez devesse começar a praticar ioga ou natação. Quando criança, Sarah adorava nadar, mas ao chegar ao ensino fundamental, ficou com muita vergonha de deixar alguém vê-la de maiô.

Quando ela e Mason foram até o cinema ao lado, Sarah sentiu que eles estavam se conhecendo muito bem. Ele não era apenas bonito. Ele era gentil e engraçado também. E na sala escura do cinema, quando ele estendeu a mão e pegou a dela, foi o momento mais perfeito de uma noite perfeita.

Quando ela voltou para casa e estava vestindo sua camisola, Eleanor caminhou silenciosamente até ela por trás e colocou a mão em seu ombro.

Sarah levou um susto, mas se recompôs rapidamente. "Oi, Eleanor", disse ela. "Olá, Sarah. Como foi seu encontro?", perguntou.

Só de pensar nisso, um sorriso se espalhou pelo rosto de Sarah. "Foi ótimo", disse ela. "Ele é lindo, mas eu também gosto muito dele como pessoa, sabe? Ele me convidou para ir ao jogo de basquete com ele na semana que vem. Eu não entendo nada de basquete, mas estou muito interessada nele, então vou sim."

Eleanor deu sua risadinha fina. "Então, esta noite foi tudo o que você esperava?"

Sarah sorriu para seu amigo robô. "Foi ainda melhor."

"Fico feliz que você esteja feliz", disse Eleanor, voltando em seguida para o seu lugar no canto. "Boa noite, Sarah."

* * *

De manhã, Sarah encontrou sua mãe na lavanderia. "Você pode me levar ao shopping para encontrar minhas amigas esta tarde?", perguntou ela.

Mamãe ergueu os olhos enquanto descarregava a secadora e sorriu. "Você está bem sociável neste fim de semana. A que horas você vai encontrá-los?" Ela dobrou uma toalha e a colocou no cesto de roupa suja.

"Eles simplesmente disseram que seria à tarde", disse Sarah.

"Isso é bem vago, não é?" disse a mãe, dobrando outra toalha.

"Não sei. Pelo jeito que falaram, eu meio que senti que deveria saber o que queriam dizer." Ela ficou tão chocada por ser aceita, mesmo em período de teste, pelas Beautifuls que ficou com medo de fazer perguntas.

"Seus novos amigos esperam que você seja vidente?", disse a mãe. "Você não gosta dos meus novos amigos, não é?", respondeu Sarah.

"Eu não *saber* Suas novas amigas, Sarah. Eu sei que antes elas eram garotas que não te davam a mínima atenção, e agora, de repente, estão te convidando para sair. É meio estranho. Quer dizer, o que mudou?"

Eu mudei, Sarah pensou. *Basta olhar para mim*. Mas ela disse: "Talvez eles finalmente tenham decidido que eu sou uma pessoa simpática."

"Sim, mas por que demoraram tanto?", disse minha mãe. "Sabe de qual amiga sua eu gosto? Da Abby. Ela é inteligente, gentil e direta. Com uma pessoa como a Abby, você sempre sabe onde está pisando."

Sarah não queria contar para a mãe que ela e Abby não estavam se falando ultimamente, então, em vez disso, disse: "Duas horas. Que tal você me levar ao shopping às duas horas?"

"Está bem." A mãe jogou uma toalha para ela. "Agora me ajude a dobrar."

* * *

Assim que Sarah foi deixada no shopping, percebeu que Lydia também não tinha mencionado o local de encontro. O shopping não era tão grande, mas era grande o suficiente para transformar a busca por elas em um jogo de esconde-esconde bastante complicado. Ela poderia mandar uma mensagem para Lydia, pensou, mas sentia que, para ser aceita pelo grupo, precisava descobrir como eles funcionavam sem incomodar. Se o período de teste era apenas temporário, não queria cometer nenhum deslize. Um passo em falso e ela voltaria a almoçar na mesa dos perdedores.

Após alguns instantes de reflexão, ela decidiu ir à Diller's, a loja de departamentos mais cara do shopping. Os Beautifuls definitivamente não iriam frequentar um lugar barato.

Sua intuição estava certa. Ela as encontrou na entrada da loja, na seção de cosméticos, experimentando batons. "Sarah, você conseguiu!", disse Lydia, dando-lhe um sorriso de lábios vermelhos. Assim que Lydia sorriu para ela, as outras garotas também sorriram.

"Oi", disse Sarah, retribuindo o sorriso. Ela realmente tinha conseguido, não é? E não apenas chegar ao shopping. Ela era linda; tinha um namorado maravilhoso e simpático; e a amizade das garotas mais bonitas da escola. Ela jamais poderia ter previsto que sua vida seria tão boa.

"Nossa, Sarah, você devia experimentar esse batom", disse Jillian, estendendo um tubo dourado. "É rosa com brilho. Ficaria perfeito na sua pele."

tom."

Sarah pegou o tubo, debruçou-se sobre o espelho da penteadeira e aplicou o batom. Ficou realmente lindo nela. Combinava com o esmalte rosa que parecia nunca desbotar das suas unhas das mãos e dos pés. "Parece um batom que uma princesa usaria", disse ela, observando seu reflexo com prazer.

"Sim, é verdade", disse Tabitha, abrindo um tubo de cor diferente. "Sua Alteza Real, a Princesa Sarah."

"Você devia comprar, com certeza", disse Lydia, olhando para ela com aprovação. Sarah tentou discretamente conferir o preço na embalagem do batom. Quarenta dólares. Ela esperava que seu choque não transparecesse. Era mais do que ela havia pago pela roupa que estava usando. Mas, pensando bem, provavelmente não conseguiria comprar batom em um brechó. "Vou pensar a respeito", disse ela.

"Ah, vá em frente", disse Emma. "Se dê esse presente."

"Quero dar uma olhada mais um pouco primeiro", disse Sarah, "já que acabei de chegar."

Ela não queria admitir que o único dinheiro que tinha na bolsa era suficiente para um iogurte congelado e um refrigerante. As Beautifuls, no entanto, compraram batons, sombras, blush e lápis de sobrancelha, sacando maços de dinheiro ou os cartões de crédito dos pais.

Depois de terminarem no balcão de maquiagem, elas foram ver os vestidos de gala porque, como disse Lydia, "O baile de formatura está chegando".

"Não é só para alunos do penúltimo e último ano?", perguntou Sarah.

"É para alunos do penúltimo e último ano do ensino médio." *e suas datas*— disse Lydia. — Então, se você conseguir encontrar alguém do penúltimo ou último ano para te acompanhar, é logo ali na esquina. — Ela cutucou Sarah. — Uma pena que o Mason não seja mais velho.

"Sim", disse Sarah. Mas ela não estava falando sério. Ela gostava de Mason da idade que ele tinha. Além disso, ela não tinha certeza se estava pronta para namorar um cara mais velho.

Os vestidos eram realmente lindos. Eram da cor de joias: ametista, safira, rubi, esmeralda. Alguns eram brilhantes, outros de cetim liso e reluzente, e outros translúcidos, com renda e tule. Elas se revezavam experimentando os vestidos, desfilando em frente ao espelho e tirando fotos umas das outras com seus celulares. Depois de meia hora observando-as com uma expressão azeda no rosto, uma vendedora se aproximou e perguntou: "Vocês estavam realmente interessadas em comprar alguma coisa, ou estavam apenas brincando de se vestir?"

Elas largaram os vestidos e fugiram da seção de trajes formais, dando risadinhas.

"Acho que aquela vendedora não gostou muito da gente", disse Jillian enquanto saíam da loja.

"Quem se importa?", disse Lydia, rindo. "Ela não tem o direito de me julgar. Ela só trabalha numa loja. Se tiver sorte, ganha o salário mínimo. Aposto que nem consegue comprar as roupas que vende."

Elas foram à praça de alimentação, comeram iogurte congelado e riram de como tinham sido travessas. "Vocês pretendem comprar alguma coisa ou estão só brincando de se fantasiar?", Lydia repetia sem parar, imitando a vendedora.

Todas riram, e Sarah riu junto, embora achasse que talvez tivessem sido um pouco duras com a vendedora, que só estava tentando fazer o seu trabalho. Jillian e Emma deixaram os vestidos que experimentaram amassados no chão do provador. Agora a vendedora provavelmente teria que limpar a bagunça.

Mas quem era ela para criticar os Beautifuls? Era uma honra tê-la convidado para sair com eles. Era glamoroso e emocionante, como se ela fosse uma convidada em um reality show. Não importava o que eles dissessem ou fizessem, ela estava feliz só por estar ali. Seu encontro com Mason no dia anterior tinha sido perfeito, e agora ela estava saindo com os Beautifuls. Como ela poderia expressar sua gratidão a Eleanor? Nada que ela dissesse seria suficiente.

Naquela noite, quando Eleanor ganhou vida, Sarah pulou e abraçou o pequeno corpo resistente do robô. "Obrigada, Eleanor. Obrigada por um fim de semana perfeito."

"De nada, Sarah." Eleanor retribuiu o abraço e, como sempre, a sensação era estranha. Não havia delicadeza em seu abraço. "É o mínimo que eu podia fazer. Você me deu tanto."

Sarah se acomodou feliz para dormir, mas seu sono foi interrompido por um sonho estranho. Ela estava em um encontro com Mason, sentada no cinema, mas quando ele estendeu a mão para segurar a dela, não foi a mão dele que ela segurou, mas a de Eleanor — pequena, branca, metálica e fria, a mesma mão que ela havia agarrado para tirar a garota robô do porta-malas do carro. Quando ela se virou para olhar para Mason na poltrona ao lado, ele havia se transformado em Eleanor. Eleanor sorriu, revelando uma boca cheia de dentes afiados.

No sonho, Sarah gritou.

Ela abriu os olhos e encontrou Eleanor parada ao lado de sua cama, a cabeça baixa, olhando para ela com seus olhos verdes inexpressivos.

Sarah deu um suspiro de espanto. "Será que fiz algum barulho enquanto dormia?"

"Não, Sarah."

Sarah olhou para Eleanor, que estava tão perto de sua cama que a tocava. "Então, o que você está fazendo parada ao lado da minha cama?"

"Você não sabia, Sarah?", disse Eleanor, estendendo a mão para afastar os cabelos do rosto de Sarah. "Eu faço isso todas as noites. Eu cuido de você. Eu te protejo."

Talvez fosse por causa do sonho, mas por algum motivo, Sarah não queria deixar Eleanor tocá-la. "Protegida de quê?", perguntou Sarah.

"Livre de perigo. Qualquer perigo. Quero te proteger, Sarah."

"Ah, ok. Obrigada, eu acho." Ela apreciou a preocupação de Eleanor, apreciou tudo o que Eleanor tinha feito por ela, mas ainda assim, era estranho ser observada sem que ela soubesse que estava sendo observada... mesmo que a pessoa estivesse fazendo isso com as melhores intenções.

"Posso ficar perto da porta se isso te deixar mais confortável, Sarah", disse Eleanor.

"Sim, seria ótimo." Sarah tinha quase certeza de que não conseguiria voltar a dormir com Eleanor parada bem em cima dela daquele jeito.

Eleanor caminhou até a porta e ficou de guarda. "Boa noite, Sarah. Durma bem."

Boa noite, Eleanor.

Sarah não dormiu bem. Ela não sabia o quê, mas algo estava errado.

* * *

Na cantina, Sarah estava na fila com as outras garotas bonitas enquanto esperavam para esvaziar suas bandejas. Lydia havia mandado uma mensagem na noite anterior dizendo que todas usariam calças jeans skinny hoje, então Sarah também estava usando a dela. Ela havia comprado as calças, algumas blusas e alguns pares de sapatos bonitos quando sua mãe a levou para fazer compras na semana passada. Elas também compraram alguns sutiãs que valorizavam sua nova silhueta.

"Você acredita no que ela está vestindo? Ela se veste como uma criança em idade pré-escolar", disse Lydia.

"Como uma criança em idade pré-escolar de uma família pobre", acrescentou Tabitha.

Com horror, Sarah percebeu que a menina que estavam criticando era Abby, que estava terminando de comer na bandeja à frente delas. É verdade que Abby estava usando um macacão rosa, então o comentário sobre ela ser uma criança em idade pré-escolar não estava tão errado. Mas parecia cruel reduzir o valor de alguém como pessoa às roupas que vestia. "Essa é a Abby", Sarah se ouviu dizendo. "Ela é muito legal."

Ela é minha amiga desde o jardim de infância." Ela quase se pegou dizendo: *melhor amigo* Mas ela se conteve a tempo.

"Sim", disse Lydia, rindo. "Mas você compra roupas novas desde o jardim de infância e ela não."

Todas as Belas riram também. Sarah tentou esboçar um sorriso, mas não conseguiu.

Quando chegou a vez de Sarah esvaziar sua bandeja, ela pisou em algo escorregadio perto da lixeira. Seus sapatos novos eram bonitos, mas não tinham muita aderência. A queda pareceu durar uma eternidade, mas ela tinha certeza de que foram apenas alguns segundos. Então, ela estava estirada de costas, bem na frente da escola inteira.

"Sarah, isso foi hilário!" disse Lydia. "Que desastrada!" Ela estava se dobrando de tanto rir.

Todas as Belas estavam rindo junto com ela, dizendo: "Você viu ela cair?", "Ela caiu no chão como um caminhão" e "Que vergonha!".

Em seu estado de atordoamento, Sarah não conseguia distinguir qual das duas estava falando. As vozes pareciam distantes e distorcidas, quase como se Sarah estivesse tentando ouvi-las debaixo d'água.

Sarah tentou se levantar, mas algo estranho estava acontecendo com seu corpo. Ela ouviu sons estranhos de choque e clangor e não conseguia descobrir de onde vinham. Não fazia sentido algum, mas parecia vir de dentro dela.

Ela tremia e se debatia, e não conseguia mover o corpo como de costume. Seu corpo não estava mais sob seu controle. Ela estava com medo. Será que tinha se machucado gravemente? Alguém deveria ligar para a mãe dela? Chamar uma ambulância?

E por que seus novos amigos não a ajudavam? Eles ainda riam, ainda faziam piadas sobre como ela parecia boba e como isso era engraçado.

Então, o riso das Belas foi substituído por gritos.

Como que de muito longe, Sarah ouviu Lydia dizer: "O que está acontecendo com ela? Eu não entendo!"

"Não sei!" disse uma das outras meninas. "Alguém precisa fazer alguma coisa!"

"Contratem um professor, rápido!", disse outro.

Um pensamento terrível passou pela cabeça de Sarah. Ela levou a mão à garganta. O colar que Eleanor lhe dera — o colar que jamais, jamais deveria ser tirado dela.

Ela o havia derrubado. Virou a cabeça e o viu no chão, a pouco mais de um braço de distância. Precisava recuperá-lo.

Uma mão estendeu-se para ajudá-la. Sarah olhou para cima e viu que a mão pertencia a Abby. Ela a aceitou e deixou-se ser puxada para cima, ficando numa posição desajeitada.

Quando Sarah olhou para o próprio corpo, entendeu o motivo dos gritos das meninas. Seu corpo estava mudando. Da cintura para baixo, ela não era mais uma garota de carne e osso, mas uma coleção confusa de engrenagens, raios de bicicleta, calotas, pedaços de metal enferrujados. Peças descartadas e inúteis que pertenciam a um ferro-velho.

Ela cruzou o olhar com Abby e viu o horror da amiga diante do que ela era, do que ela havia se tornado.

"Eu... eu preciso ir", disse Sarah. Sua voz soava diferente, metálica e áspera.

Abby estendeu o colar. "Você deixou cair", disse ela. Lágrimas brilhavam em seus olhos.

"Obrigada, Abby. Você é uma boa amiga", disse Sarah. Ela não disse nada às Beautifuls, que se afastaram dela e cochichavam entre si.

Sarah agarrou o pingente e correu o mais rápido que suas novas pernas metálicas improvisadas e desajeitadas permitiam para fora do refeitório e da escola. Para casa. Ela precisava chegar em casa. Eleanor saberia o que fazer, saberia como ajudá-la.

Sarah ainda estava mudando. Seu torso estava endurecendo, e quando corria, fazia ruídos estridentes como uma porta com dobradiças que precisavam de lubrificação. Ela tentou fechar o colar em volta do pescoço novamente, mas seus dedos estavam rígidos demais para manusear o fecho.

Enquanto caminhava apressadamente pela calçada com passos desajeitados e estrondosos, as pessoas paravam para encará-la. Motoristas reduziam a velocidade para fitar. As pessoas não pareciam ter compaixão, nem mesmo confusão. Pareciam assustadas. Ela era um monstro, como algo criado por um cientista louco em um laboratório. Era apenas uma questão de tempo até que os aldeões comessem a persegui-la com forcados e tochas. Ela sentiu vontade de chorar, mas aparentemente o tipo de criatura em que estava se transformando era incapaz de produzir lágrimas. Talvez as lágrimas a corroessem ainda mais.

Suas articulações estavam ficando cada vez mais rígidas, e correr estava se tornando cada vez mais difícil. Mas ela precisava chegar em casa. Eleanor era a única que podia ajudá-la.

Finalmente, depois do que pareceram horas, ela chegou em casa. De alguma forma, conseguiu girar a chave na fechadura. Ela percorreu a sala de estar e o corredor, fazendo barulhos estranhos, chamando: "Eleanor! Eleanor!" Sua voz era um terrível ruído metálico.

Eleanor não estava em seu canto habitual no quarto de Sarah. Sarah procurou no armário, olhou debaixo da cama, abriu a cômoda aos pés da cama. Nada de Eleanor.

Sarah caminhava pesadamente pela casa, procurando no quarto da mãe, no banheiro, na cozinha, chamando o nome de Eleanor o tempo todo com sua nova voz horrível.

A garagem era o único lugar onde ela não tinha procurado. Ela usou a entrada da cozinha, mas as maçanetas estavam ficando difíceis de manusear. Finalmente, depois de alguns minutos desesperados tentando, ela conseguiu entrar na garagem escura.

"Eleanor!" ela chamou novamente. Seu maxilar estava rígido e estava ficando cada vez mais difícil formar palavras. O nome de Eleanor saiu como *"Não"*.

Talvez a garota robô estivesse se escondendo dela de propósito. Talvez fosse algum tipo de brincadeira ou jogo. Ela olhou para o armário que ia até o teto, encostado na parede do fundo da garagem. Parecia um bom esconderijo. Com alguma dificuldade, ela agarrou a maçaneta da porta do armário e puxou.

Foi uma avalanche. Sacos plásticos transparentes contendo objetos diversos, de pesos e tamanhos variados, caíram do armário e se espatifaram no chão com um baque surdo e nauseante.

Sarah olhou para o chão. A princípio, seu cérebro não conseguia processar o que via. Uma sacola continha uma perna humana, outra, um braço humano. Não eram partes do corpo de um adulto e não pareciam ser resultado de um acidente. Havia sangue acumulado no fundo das sacolas, mas os membros haviam sido cortados com precisão, como em uma amputação cirúrgica. Outra sacola, repleta de entranhas ensanguentadas e semelhantes a cobras, e o que parecia ser um fígado, deslizou da prateleira do armário e caiu no chão com um baque úmido.

Por que havia partes de corpos em sua garagem? Sarah só entendeu completamente quando viu o pequeno saco que continha um nariz familiar, em formato de batata. Ela gritou, mas o som que saiu de sua boca foi como o guincho dos freios de um carro.

Atrás dela, ouviu-se uma risada metálica e cristalina.

A parte inferior do corpo de Sarah estava quase imóvel, mas ela se arrastou até ficar de frente para Eleanor.

“Realizei seu desejo, Sarah”, disse a bela robô com outra risadinha metálica. “E em troca...”

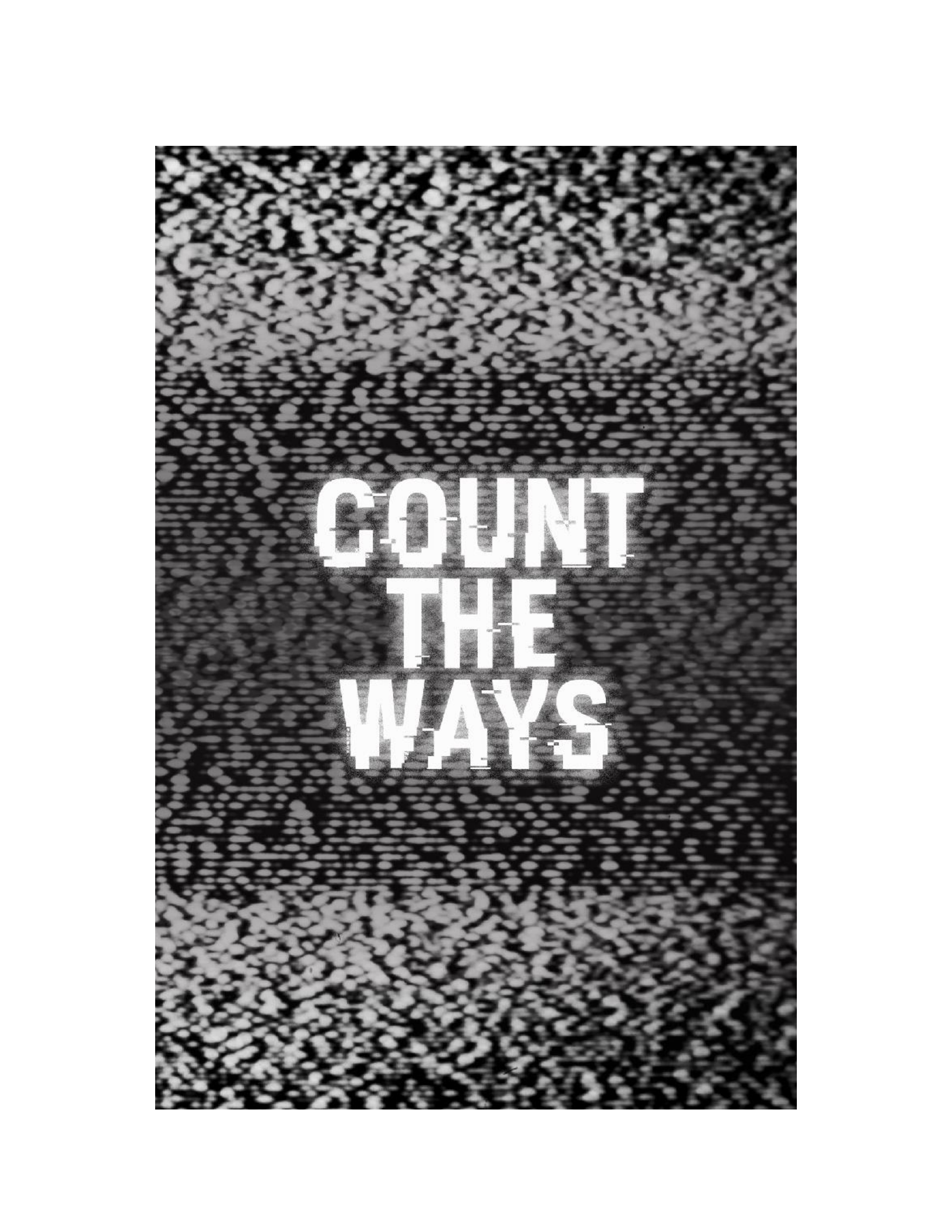
Sarah notou algo que nunca tinha visto em Eleanor antes: um botão em forma de coração logo abaixo da garganta de Eleanor, que era idêntico ao pingente em forma de coração que Sarah tinha.

Eleanor riu novamente e apertou o botão em forma de coração. Ela se contraiu e tremeu, mas também suavizou visivelmente, seu acabamento prateado adquirindo o tom rosado da pele caucasiana. Em questão de instantes, ela era a cara da Sarah. A antiga Sarah. A verdadeira Sarah. A Sarah que, olhando para trás, não era tão feia assim, afinal. A Sarah que havia passado tempo demais se preocupando com a aparência.

Abby tinha razão. Ela tinha razão sobre muitas coisas. Eleanor vestiu um par de jeans velhos de Sarah, um de seus suéteres e seus tênis. "Bem, você certamente fez..." *meu* "Desejos se realizam", disse Eleanor, sorrindo com o antigo sorriso de Sarah. Ela apertou o botão que abriu a porta da garagem. A luz do sol inundou o cômodo, e Eleanor-Sarah acenou levemente, depois saiu saltitando para o sol e desceu a calçada.

Os ouvidos de Sarah se encheram de um tilintar ensurdecedor. Ela não conseguia controlar seus movimentos. Diversas peças de metal enferrujadas se desprendiam dela e caíam com um estrondo no chão. Ela estava se desfazendo, desmoronando em um monte de lixo disforme, uma coleção horrenda e inútil de entulho para ser jogada fora e esquecida. Em um espelho velho encostado na parede da garagem, ela se viu. Ela não era mais uma garota bonita, nem mesmo uma garota. Ela não se parecia em nada com um ser humano. Ela não era nada além de uma pilha de sucata enferrujada e suja.

Ela se sentiu triste; depois, sentiu medo. E então não sentiu absolutamente nada.



**COUNT
THE
WAYS**

C "Ora, se não é a Millie Fitzsimmons!" disse uma voz grave e estrondosa. Na escuridão, era difícil dizer exatamente de onde vinha, mas parecia estar por toda parte. "Millie boba, Millie gélida, a garota gótica de gelo que está sempre sonhando com a Morte. Não é mesmo?"

"Quem é você?", perguntou Millie. "Onde você está?"

Acima dela, um grande par de olhos azuis aterrorizantes revirava-se para trás, olhando para dentro da câmara.

"Estou bem aqui, Millie boba. Ou talvez eu devesse dizer *você é* Bem aqui. Você está bem dentro da minha barriga. No ventre da besta, eu acho que você poderia dizer.

"Então... você é o urso?" Millie se perguntou se havia adormecido depois de entrar no velho robô, se estava sonhando. Tudo aquilo era muito estranho.

"Você pode me considerar apenas um amigo. Seu amigo até o fim. Só precisamos decidir se o fim será lento ou rápido."

"Eu... eu não entendo." O espaço estava começando a parecer claustrofóbico. Ela tentou abrir a porta. Não se mexeu.

"Você vai entender em breve, Millie Gelada. Vocês, garotas góticas, me fazem rir... todas vestidas como carpideiras profissionais, tão sérias o tempo todo. Sonhando acordadas com a Morte como se ela fosse o vocalista de alguma boy band e que, quando a encontrarem, será amor à primeira vista. Bem, Feliz Natal, Millie! Vou realizar seus sonhos. Não é uma questão de 'se', mas de 'como'."

O que estava acontecendo? Ela definitivamente estava acordada. Teria perdido a cabeça, mergulhado na loucura como uma personagem de um conto de Edgar Allan Poe? "Eu... eu gostaria de sair agora", disse ela. Sua voz soava fraca e trêmula.

"Bobagem!" disse a voz. "Você vai ficar aqui, bem quentinho e confortável, enquanto planejamos como será o seu encontro dos sonhos com a Morte. A escolha é toda sua, mas terei o maior prazer em lhe apresentar algumas opções."

"Opções de como morrer?" Millie sentiu o gosto frio e metálico do medo na garganta. Fantasias sobre a morte eram uma coisa, mas isso parecia realidade.

* * *

Millie. Que nome estúpido. Ela recebeu o nome em homenagem à sua bisavó, Millicent Fitzsimmons. Mas Millie não era o tipo de nome que se dava a uma criança.

Uma pessoa com um gato ou um cachorro, talvez, mas não um ser humano de verdade.

A gata preta de Millie recebeu o nome de Annabel Lee, em homenagem à bela jovem falecida do poema de Edgar Allan Poe, o que significava que, oficialmente, a gata de Millie tinha um nome melhor do que ela.

Mas, pensou Millie, fazia sentido que seus pais tivessem escolhido um nome tão ridículo. Ela os amava, mas eles eram pessoas ridículas em muitos aspectos, volúveis e pouco práticas, o tipo de pessoa que jamais imaginaria o quão difícil seria o ensino fundamental para uma garotinha cujo nome rimava com...*bobagem* Seus pais iam de emprego em emprego, de hobby em hobby e, agora, ao que parecia, de país em país.

Durante o verão, o pai de Millie recebeu uma proposta de emprego de um ano como professor na Arábia Saudita. Seus pais lhe deram uma escolha: ela poderia ir com eles ("Será uma aventura!", sua mãe repetia) e estudar em casa, ou poderia morar com seu avô excêntrico por um ano e começar a estudar no ensino médio local.

Que situação sem saída!

Depois de muito choro, raiva e mau humor, Millie finalmente escolheu a opção do avô excêntrico em vez de ficar presa em um país estrangeiro com seus pais bem-intencionados, mas pouco confiáveis.

E assim, Millie estava ali, em seu estranho quartinho na grande e estranha casa vitoriana do avô. Ela tinha que admitir, a ideia de morar em uma casa antiga e espaçosa de 150 anos, onde certamente *alguém* Ela devia ter morrido em algum momento, o que lhe caía bem. O único problema era que estava cheia até à borda com as tralhas dos avós dela.

O avô de Millie era colecionador. Muitas pessoas têm coleções, claro — gibis, cartas de jogos ou bonecos de ação. Mas o avô não colecionava um tipo específico de coisa, e sim acumulava uma grande variedade de objetos. Ele definitivamente era colecionador, mas colecionava o quê, Millie não tinha certeza. Tudo parecia muito aleatório. Olhando ao redor da sala de estar, ela viu placas de carro antigas e calotas penduradas em uma parede, tacos de beisebol e raquetes de tênis velhos em outra. Uma armadura em tamanho real guardava um lado da porta da frente, e um lince empalhado e sarnento estava do outro lado, com a boca aberta e as presas à mostra de forma ameaçadora. Uma vitrine na sala continha apenas bonecas de porcelana antigas, com dentinhos e olhos de vidro arregalados. Elas eram assustadoras, e Millie tentava ficar longe delas, embora ainda aparecessem às vezes em seus pesadelos, com aqueles dentinhos mordendo-a.

Seu novo quarto era o antigo ateliê de costura da avó, e ainda continha a velha máquina de costura, mesmo que a avó tivesse falecido antes de Millie nascer. O avô havia colocado uma cama estreita e uma cômoda para acomodar Millie e seus pertences, e ela tentou deixar o quarto com a sua cara. Ela cobriu o abajur com um lenço preto de renda transparente, criando uma luz suave. Enfeitou a cômoda com velas derretidas e pendurou pôsteres de Curt Carrion, seu cantor favorito, nas paredes.

Em um dos pôsteres, está a capa do seu álbum. *Rigor Mortis* Os lábios de Curt foram puxados para trás, revelando um conjunto de presas de metal. Uma gota perfeita de sangue vermelho brilhava em seu queixo.

O problema era que, por mais que Millie tentasse combinar a decoração do quarto com sua personalidade, nunca dava certo. A máquina de costura estava lá, e o papel de parede era creme e decorado com minúsculos botões de rosa cor-de-rosa. Mesmo com o rosto de Curt Carrion estampado na parede, havia algo no quarto que parecia doce e com um ar de senhora idosa.

"A sopa está pronta!" gritou o avô do pé da escada. Era assim que ele sempre anunciava o jantar, e no entanto, ele nunca havia servido sopa.

"Já vou!", gritou Millie de volta. Sem se importar muito se jantaria ou não, ela se arrastou para fora da cama e desceu as escadas lentamente, tentando não esbarrar ou tropeçar na bagunça que parecia preencher cada centímetro quadrado da casa.

Millie encontrou o avô na sala de jantar, onde as paredes estavam decoradas com pratos de lembrança com os nomes e pontos turísticos de diferentes estados que ele havia visitado com a avó quando ela era viva. Na parede oposta, havia réplicas de espadas antigas. Millie não tinha certeza do que se tratavam.

O avô era tão excêntrico quanto suas coleções. Seus cabelos grisalhos e ralos estavam sempre despenteados e selvagens, e ele sempre usava o mesmo cardigã bege surrado. Parecia que poderia interpretar um inventor maluco em um filme antigo.

"O jantar está servido, madame", disse o avô, colocando uma tigela de purê de batatas na mesa.

Millie sentou-se à mesa e observou a refeição visualmente repugnante: um bolo de carne com aspecto mole, purê de batatas instantâneo e espinafre cremoso que ela sabia ter sido embalado e congelado em um bloco sólido até ser aquecido no micro-ondas. Era uma refeição que você comeria mesmo se...

Não tinha dentes, o que, Millie supôs, era comum quando se tinha uma pessoa idosa cozinhando para ela.

Millie encheu o prato com purê de batatas, já que era a única coisa comestível na mesa.

"Agora, não se esqueça de comer também um pouco de bolo de carne e espinafre", disse o avô, entregando-lhe a tigela de verduras. "Você precisa de ferro. Você está sempre tão pálida."

"Eu gosto de ser pálida." Millie usava um pó translúcido bem leve para deixar o rosto ainda mais pálido, em contraste com o delineador preto e as roupas pretas que ela tanto gostava de usar.

"Bem", disse o avô, servindo-se de um pedaço de bolo de carne, "fico feliz que você não fique se assando no sol como sua mãe fazia quando tinha a sua idade. Mesmo assim, você bem que podia ficar com um pouco de cor nas bochechas." Ele estendeu a travessa de bolo de carne para ela.

"Você sabe que eu não como carne, vovô." Carne era nojenta. E também assassinato.

"Então coma um pouco de espinafre", disse o avô, colocando uma colherada no prato dela. "Tem bastante ferro. Sabe, quando eu aprendi a cozinhar o pouco que consigo, era tudo sobre carne: bolo de carne, bifes, rosbife, costeletas de porco. Mas se você me ajudar a encontrar algumas receitas vegetarianas, com certeza vou tentar prepará-las. Provavelmente seria melhor para a minha saúde comer menos carne, de qualquer forma."

Millie suspirou e mexeu no espinafre em seu prato. "Não se preocupe. Não faz diferença se eu como ou não."

O avô pousou o garfo. "Claro que importa. Todo mundo precisa comer." Ele balançou a cabeça. "Não tem como te agradar, né, minha filha? Estou tentando ser legal e descobrir do que você gosta. Quero que você seja feliz aqui."

Millie empurrou o prato para longe. "É um desperdício de energia tentar me fazer feliz. Eu não sou uma pessoa feliz. E sabe de uma coisa? Estou feliz por não ser feliz. As pessoas felizes estão apenas mentindo para si mesmas."

"Bem, se não há nada reservado para você além de sofrimento, acho que é melhor começar a fazer sua lição de casa", disse o avô, dando a última garfada de purê de batatas.

Millie revirou os olhos e saiu batendo o pé. A lição de casa era um sofrimento. A escola era um sofrimento. Toda a sua vida era um sofrimento.

Em seu quarto miserável, Millie abriu o laptop e pesquisou por “poemas famosos sobre a morte”. Releu seus favoritos de sempre, “Annabel Lee” (a gata com o mesmo nome estava enrolada em sua cama) e “O Corvo”, de Poe, e então tentou um que nunca tinha visto antes, de Emily Dickinson. O poema falava da Morte como um rapaz que convida uma moça para um encontro. Um encontro com a Morte. O pensamento deixou Millie tonta. Ela imaginou a Morte como um belo estranho de manto preto, escolhendo-a para ser aquela que ele levaria para longe do tédio e da miséria da vida cotidiana. Imaginou que ele se parecia com Curt Carrion.

Inspirada, ela pegou seu caderno de couro preto e começou a escrever:

*Ó Morte, mostra-me agora teu rosto devastado, ó
Morte, como anseio por teu abraço gélido. Ó
Morte, minha vida é uma miséria.
Só você pode me libertar.*

Ela sabia que os poemas não precisavam rimar, mas Edgar Allan Poe e Emily Dickinson rimavam, então ela rimou o seu poema também. *Nada mal*, ela decidiu.

Suspirando de pavor diante do que a aguardava, ela fechou o diário e pegou a tarefa de casa. Álgebra. Que utilidade tinha a álgebra diante da inevitável mortalidade dos seres humanos? Nenhuma. Bem, nenhuma, exceto pelo fato de que, se ela não fosse aprovada em todas as matérias, seus pais cortariam a mesada que seu avô lhe dava toda semana. E ela estava juntando dinheiro para comprar mais joias de luto de ônix. Ela abriu o livro de álgebra, pegou o lápis e começou.

Poucos minutos depois, bateram à porta.

"O quê?" Millie respondeu bruscamente, fechando o livro com força, como se tivesse sido interrompida fazendo algo que realmente gostava.

O avô empurrou a porta com o pé. Ele carregava um copo de leite e um prato de biscoitos de chocolate perfumados. "Achei que você precisasse de um pouco de energia para estudar", disse ele. "Sei que chocolate sempre funcionou para mim."

"Vovô, eu não sou mais uma criancinha", disse Millie. "Você não pode comprar minha felicidade com alguns biscoitos."

"Está bem", disse o avô, ainda segurando o prato. "Então você quer que eu os leve embora?"

"Não", disse Millie rapidamente. "Deixe-os em paz."

O avô balançou a cabeça, deu um pequeno sorriso e colocou o prato e o copo na mesa de cabeceira de Millie. "Vou dar umas voltas na minha oficina, minha querida", disse ele. "Me liga se precisar de alguma coisa."

"Não vou precisar de nada", disse Millie, voltando a fazer seu dever de casa de álgebra.

Ela esperou até ter certeza de que ele tinha ido embora e então devorou os biscoitos.

* * *

"Opções de como morrer. Exatamente!" disse a voz na escuridão. "Você está entendendo agora, garota esperta que é. Eu chamaria as duas primeiras opções de escolhas preguiçosas. Elas não exigem que eu faça nada além de mantê-la aqui e deixar a natureza seguir seu curso. A vantagem delas é que são moleza para mim, mas não tão fáceis para você. Lentas, com muito sofrimento, mas quem sabe? Isso pode agradar ao seu lado mórbido. Muitas oportunidades para definhar. Você gosta de definhar."

"O que você quer dizer?", perguntou Millie. Qualquer que fosse a resposta, ela sabia que não ia gostar.

"A desidratação é uma possibilidade", disse a voz. "Sem água nenhuma, você pode começar a morrer em apenas três dias ou em até sete. Você é jovem e saudável, então apostaria que vai demorar um pouco. Privar o corpo de água tem efeitos fascinantes. Sem fluidos para filtrar e eliminar, os rins param de funcionar e seu corpo começa a se envenenar, deixando você cada vez mais doente. Quando esses venenos têm tempo de se acumular, você pode sofrer falência múltipla de órgãos, um ataque cardíaco ou um derrame. Mas essa é a morte para você. Tão glamorosa. Tão romântica."

"Você está zombando de mim?" A voz que saiu da boca de Millie era pequena e suave, a voz de uma garotinha assustada.

"De jeito nenhum, minha querida. Eu gosto de você, Millie, e é por isso que estou aqui para realizar seus desejos. Como um gênio da lâmpada, só que você é quem está presa na garrafa." A voz parou para dar uma risadinha. "A inanição também é um clássico, mas é um processo bem lento. Leva semanas para o corpo usar suas reservas de nutrientes, quebrar todas as proteínas e começar a se autodestruir. Pode levar semanas. Algumas pessoas até aguentaram alguns meses."

Millie sabia que seu avô a resgataria antes que ela morresse de fome. "Isso nunca vai funcionar. O vovô vem aqui para ficar fazendo bagunça depois..."

Jantar todas as noites. Ele vai me encontrar."

"Como?" perguntou a voz.

"Ele vai me ouvir aqui dentro. Eu vou gritar."

"Grite o quanto quiser, costeleta de cordeiro. É à prova de som. Ninguém vai te ouvir. E de qualquer forma, depois de alguns dias, você estará fraco demais para gritar."

* * *

Faltava apenas uma semana para as férias de inverno, e toda a escola estava decorada com guirlandas, árvores de Natal e, ocasionalmente, uma menorá.

Millie não entendia por que as pessoas ficavam tão animadas com os feriados. Para ela, era apenas uma tentativa desesperada de inventar alguma felicidade diante da completa falta de sentido da vida. Bem, elas não conseguiam enganá-la. As pessoas podiam desejar-lhe Feliz Natal e Boas Festas até ficarem vermelhas de raiva, mas ela não retribuía o gesto.

Não que as pessoas estivessem se esforçando para desejar boa sorte a Millie. Enquanto caminhava pelo corredor em direção ao refeitório, uma líder de torcida loira — Millie nem sabia o nome dela — disse: "Estou surpresa em te ver à luz do dia, Filha do Drácula." A líder de torcida olhou para suas amigas igualmente loiras, com quem ela vinha conversando mais do que com Millie, e todas riram.

A história da Filha de Drácula começou porque ela andava carregando consigo um exemplar de bolso do livro de Bram Stoker. *Drácula* E um dos caras populares e populares do time de futebol americano disse: "Olha só, que fofa. Ela está lendo um livro sobre o pai dela."

A partir daquele momento, ela passou a ser a filha de Drácula.

É claro que todos sabiam que ela era realmente filha de Jeff e Audrey Fitzsimmons, o que a tornava quase tão deslocada quanto seria se Drácula fosse seu pai de verdade. Os Fitzsimmons eram uma espécie de piada na cidade, famosos por sua tendência a iniciar projetos com grande entusiasmo e depois abandoná-los. Eles compraram uma casa colonial decadente, mas que um dia fora linda, quando Millie tinha dez anos e se dedicaram à reforma. Mantiveram a reforma por cerca de três meses, até que o tempo, o dinheiro e a energia acabaram. Como resultado, a casa tinha um aspecto estranho de colcha de retalhos — a sala de estar e a cozinha foram repintadas e receberam acessórios novos, mas os quartos ainda tinham papel de parede velho e descascando, e pisos com tábuas rangendo. Os canos do banheiro gritavam quando você

Ao abrir a torneira, a banheira, a pia e o vaso sanitário antigos nunca pareciam limpos, por mais que fossem esfregados.

O assunto mais comentado, porém, era a fachada da casa. O pai de Millie tinha repintado a frente e uma das laterais de um azul suave e bonito, com detalhes em creme, mas a tinta era cara, pintar era cansativo e ele detestava subir em escadas. Como resultado, a frente da casa estava lindamente pintada, mas a parte de trás e a outra lateral ainda estavam cobertas com a tinta branca velha e descascando. A mãe de Millie dizia que ninguém ia notar. Era como quando as pessoas arrumam a árvore de Natal com o lado feio virado para a parede.

As pessoas perceberam.

As pessoas também notavam a incapacidade dos Fitzsimmons de manter um emprego estável. Os pais de Millie estavam sempre bolando algum novo plano que finalmente lhes traria o sucesso dos seus sonhos. Um ano, sua mãe fazia velas e as vendia na feira, enquanto seu pai abriu uma loja de suplementos nutricionais que fechou as portas depois de seis meses. Depois disso, seus pais abriram uma loja que vendia fios e artigos para tricô, e talvez tivessem tido sucesso se algum dos dois soubesse mais sobre fios e tricô. E então compraram um food truck, mesmo sendo ambos péssimos cozinheiros.

Millie não conseguia entender como seus pais conseguiam manter tanto otimismo diante de tantos fracassos, mas conseguiam. Eles se dedicavam a cada novo projeto com enorme entusiasmo, e depois de alguns meses, tanto o projeto quanto o entusiasmo desapareciam. Eles não eram exatamente pobres — sempre havia comida, mesmo que, no final do mês, acabasse se resumindo a mistura para panquecas e macarrão com queijo de caixinha —, mas sempre havia a preocupação de como as contas seriam pagas.

Millie sabia que seu avô os ajudava em alguns meses. Seu avô também era considerado excêntrico na cidade, mas recebia um certo desconto por ser idoso, viúvo e ter sido um excelente professor de matemática do ensino médio por muitos anos. Como resultado, ele ganhou o título de "excêntrico" em vez de "esquisito".

Algumas pessoas diziam que talvez, ao aceitar esse emprego de professor na Arábia Saudita, Jeff finalmente estivesse se acertando e seguindo os passos do pai. Millie, porém, sabia que seu pai desperdiçaria essa oportunidade, como fizera com tantas outras.

Então, a filha do Drácula ou a filha de Jeff e Audrey Fitzsimmons? Qualquer uma das duas era um caminho certo para se tornar uma pária social.

Na cantina, Millie levou um segundo para se acostumar com o barulho ensurdecedor de centenas de adolescentes conversando e rindo. Ela passou por uma mesa cheia de garotas populares e viu sua melhor amiga do ensino fundamental, Hannah, sentada com elas, rindo de algo que todas as outras garotas também estavam achando engraçado. Millie e Hannah eram inseparáveis desde o jardim de infância até a quinta série, brincando juntas nos balanços ou pulando corda em todos os recreios e brincando de boneca ou jogos de tabuleiro na casa uma da outra depois da aula.

Mas, no ensino fundamental, a popularidade começou a se tornar cada vez mais importante para Hannah, e ela se afastou de Millie, aproximando-se do grupo que vivia rindo de roupas e garotos. O que Millie entendia, mas Hannah não, era que aquelas garotas nunca a aceitaram como algo além de uma intrusa. Hannah morava em uma casinha simples, em um bairro simples, e não tinha dinheiro nem status social para se encaixar. As garotas populares não a rejeitavam, mas também nunca a deixaram entrar em seu círculo íntimo. Isso entristecia Millie, pois Hannah preferia aceitar migalhas das garotas populares em vez de uma amizade verdadeira.

Mas, por outro lado, muitas coisas deixavam Millie triste.

Millie estava sentada sozinha, mordiscando o sanduíche de salada de ovo e as fatias de maçã que seu avô havia preparado para ela, enquanto lia *Contos de Mistério e Imaginação*. Ela estava conseguindo abafar todo o barulho do refeitório e se concentrar na história que estava lendo, "A Queda da Casa de Usher". Roderick Usher, o personagem principal da história, não suportava nenhum tipo de barulho.

Mas então ela sentiu que estava sendo observada.

Ela ergueu os olhos do trabalho e viu um rapaz magro, de óculos de aros grossos e cabelo crespo tingido de vermelho vivo. Ambas as orelhas estavam adornadas com brincos de prata. Millie cobiçou a jaqueta de couro preta dele.

"Oi, então, eu estava pensando..." — ele acenou com a cabeça para a cadeira em frente a Millie.
— "Tem alguém sentado aí?"

Será que esse cara estava pedindo para sentar com ela? Ninguém nunca pedia para sentar com ela. "Meu amigo imaginário", disse Millie. Espera... isso foi uma piada? Ela nunca fazia piadas com ninguém.

O menino sorriu, revelando um aparelho ortodôntico. "Bem, sua amiga imaginária se importaria se eu sentasse no colo dela?"

Millie olhou para a cadeira vazia por um segundo. "Ela disse: 'Faça como quiser.'"

"Certo", disse ele, pousando a bandeja. "Obrigado. Aos dois. Eu ainda não conheço ninguém. Sou novo por aqui."

"Prazer em conhecê-lo, New. Sou Millie." O quê, ela era comediante agora?

"Meu nome é Dylan, na verdade. Acabei de me mudar de Toledo." Ele gesticulou em direção ao livro dela. Suas unhas eram curtas, mas pintadas de preto. "Fã de Poe, hein?"

Millie assentiu com a cabeça.

"Eu também", disse Dylan. "E H.P. Lovecraft. Adoro todos os escritores antigos de terror."

"Nunca li nada de Lovecraft", disse Millie. Melhor ser honesta do que fingir que sabe algo e acabar se contradizendo. "Mas já ouvi falar dele."

"Ah, você ia adorar ele", disse Dylan, mergulhando um nugget de frango da cantina em uma poça de ketchup. "Super sombrio e misterioso." Ele olhou ao redor da cantina, com uma expressão de desdém no rosto. "Então, essa escola é tão sem graça quanto parece?"

"Que chato", disse Millie, marcando a página do livro e fechando-o. A Casa de Usher não ia a lugar nenhum, e ela não conseguia se lembrar da última vez que tivera uma conversa interessante.

"Bem, vou te dizer uma coisa", disse Dylan, gesticulando com uma batata frita. "Até agora, você é a única pessoa que eu vi aqui que parece legal."

Millie sentiu o rosto esquentar. Ela esperava que o rubor não deixasse sua palidez ainda mais rosada. "Obrigada", disse ela. "Eu... gostei da sua jaqueta."

"E eu gostei dos seus brincos."

Ela estendeu a mão para tocar uma das lágrimas negras que pendiam de seus lóbulos da orelha. "Obrigada. São de ônix. Joias de luto da era vitoriana."

"Eu sei", disse Dylan.

Ele sabia? Que tipo de garoto do ensino médio sabia sobre joias de luto da era vitoriana? "Eu tenho algumas peças", disse Millie. "A maioria eu encontro no eBay. Mas não tenho dinheiro para comprar meu tipo favorito, que é—"

Dylan levantou a mão. "Espere, não me diga. É aquele tipo de joia em que eles entrelaçam o cabelo da pessoa morta, certo?"

"Sim!" disse Millie, chocada e maravilhada. "Essas peças aparecem às vezes no eBay, mas sempre custam uma fortuna."

O sinal tocou, indicando que o intervalo do almoço estava prestes a terminar. Dylan inclinou-se para Millie e sussurrou: "Não pergunte por quem os sinos dobram."

"Os sinos dobram por ti", concluiu Millie. De onde viera aquele homem? Toledo, certamente, mas como podia ser tão sofisticado e culto? Ela nunca conhecera ninguém como ele.

Dylan se levantou. "Millie, foi um prazer raro. Você e seu amigo imaginário se importariam muito se eu me juntasse a vocês dois no almoço amanhã?"

Millie sentiu os cantos da boca se contraírem de uma forma estranha. "Não nos importáramos nem um pouco", disse ela.

* * *

"Veja, eu também pensei em te congelar até a morte", disse a voz. "Pensei que poderia causar um curto-circuito aqui para que o aquecedor desligasse, e meu corpo de metal pode ficar bem gelado. Mas imaginei que seu avô entraria e perceberia que a energia estava cortada em sua preciosa oficina e consertaria imediatamente. Então, congelar até a morte está fora de cogitação. Sinto muito se você estava mesmo com vontade de fazer isso, meu bem."

Millie tremia, não de frio, mas de medo. "Eu não entendo. Por que você quer me matar?"

"Que interessante você perguntar", disse a voz. "Na verdade, existem alguns motivos. O primeiro é simplesmente que preciso fazer alguma coisa. Fiquei num ferro-velho por um tempão até seu avô me encontrar e me trazer para cá, onde continuo aqui até hoje. Estou morrendo de tédio. Não que eu tenha um crânio de verdade, mas você entendeu."

"Não há outras coisas que você poderia fazer além de matar pessoas?", perguntou Millie. Seja lá o que fosse aquele ser, era obviamente inteligente. Talvez ela pudesse raciocinar com ele.

"Nenhum tão interessante. Além disso, tem o meu segundo motivo: a morte é o que você quer. Você anda por aí desde que se mudou para cá, falando que quer morrer. Bom, eu gosto de matar pessoas, e você quer morrer. É uma relação mutuamente benéfica. Como aqueles passarinhos que tiram os parasitas dos rinocerontes. O passarinho se alimenta e o rinoceronte se livra dos bichinhos que coçam. Nós dois conseguimos o que queremos. Ganha-ganha."

Millie percebeu de repente que havia falado sobre a morte, escrito sobre ela, mas que sempre fora apenas uma ideia interessante com a qual brincar.

Nunca tive a intenção de tomar qualquer atitude para tornar isso realidade. "Mas eu não quero morrer. Não de verdade."

Um estrondo horrível envolveu Millie e sacudiu a estrutura da máquina que a aprisionava. Ela levou alguns segundos para reconhecer o som como uma risada.

* * *

Para o jantar, o vovô fez espaguete ao molho marinara, pão de alho e salada Caesar. Estava muito melhor do que as refeições que ele costumava improvisar.

"Você vai comer de verdade hoje à noite", disse o avô.

"Porque isto é realmente bom", disse Millie, enrolando o espaguete no garfo.

"Muito bem, finalmente encontrei algo que você gosta de comer", disse o vovô. "Vou adicionar ao meu repertório limitado. Deixei o molho sem carne para você e acrescentei almôndegas ao meu, assim todos ficam felizes, herbívoros e carnívoros."

"Bem, 'feliz' talvez seja um exagero", disse Millie, relutante em admitir que, na verdade, seu dia tinha sido até bom. "Mas o espaguete está gostoso, e meu dia na escola não foi de todo ruim."

"E o que fez o dia ficar menos fedorento do que o normal?", perguntou o avô, espetando uma almôndega.

"Conheci alguém que parece ser bem legal." "Sério? Uma garota ou um garoto?"

Millie não gostou do tom insinuante do avô. "Bem, não que isso importe, mas por acaso é um menino. Não tente transformar isso em uma história de amor. Nós apenas tivemos uma conversa decente, só isso."

"Uma conversa decente é algo raro, especialmente hoje em dia. A maioria das pessoas da sua idade não levanta os olhos do celular nem para dizer um 'como vai?',", disse o avô. "Sem querer colocar a carroça na frente dos bois, mas eu conheci sua avó quando eu era um pouco mais velho do que você é agora."

"Então, agora você me colocou noiva desse cara que eu acabei de conhecer? Vovô, eu tenho quatorze anos!"

O avô riu. "Você tem razão, é muito jovem para ficar noiva. E eu e sua avó também não ficamos noivos na adolescência. Mas éramos namorados no ensino médio e depois fomos para a mesma faculdade. Ficamos noivos no último ano da faculdade e..."

"Nos casamos em junho, logo depois da formatura." Ele sorriu. "E tudo começou com uma boa conversa no almoço, como a que tivemos hoje, então nunca se sabe."

"Calma aí, velhote", disse Millie, reprimindo um sorriso.

Os olhos do avô se encheram de lágrimas e suavidade. "Estou apenas lembrando o passado. Gostaria que você tivesse conhecido sua avó, Millie. Ela era realmente especial. E perdê-la antes mesmo de completar quarenta anos..."

"É como 'Annabel Lee'", disse Millie.

"O poema de Poe?" perguntou o avô. "'Era muitos e muitos anos atrás, num reino à beira-mar...' Sim, acho que era algo assim."

"Você conhece Poe?", perguntou Millie. Era estranho ouvi-lo recitar um de seus poemas favoritos. O avô era um cara da matemática; ela não esperava que ele soubesse nada sobre poesia.

"Acredite ou não, sou um senhor de idade bastante culto. Gosto de Poe e de muitos outros escritores também. Sei que você gosta de Poe porque ele é sombrio e misterioso, e é fácil romantizar a morte quando se é jovem e ela parece tão distante. Mas Poe não escreveu sobre a morte porque achava que era romântica. Ele escreveu sobre ela porque perdeu muitas pessoas que amava. Você nunca passou por esse tipo de perda, Millie. Isso... muda você." Ele piscou forte. "Sabe, durante anos depois que ela morreu, meus amigos sempre tentavam me apresentar a outras mulheres, mas nunca dava certo. Ela era a única para mim."

Millie nunca tinha realmente pensado nos sentimentos do avô. Como ele deve ter se sentido quando a avó adoeceu e morreu. Como ele deve ter ficado sozinho depois que ela se foi. Como ele ainda pode estar se sentindo sozinho agora.

"Deve ter sido difícil", disse ela. "Perder a avó."

O avô assentiu com a cabeça. "Era sim. Ainda sinto muita falta dela todos os dias."

"Bem, obrigada pelo jantar", disse Millie. "Acho melhor começar a fazer meu dever de casa."

"Sem que me pedissem?", disse o avô, sorrindo. "Este é, sem dúvida, um dia especial."

Em seu quarto, Millie não pensou na morte. Ela pensou em Dylan e no que o avô havia dito sobre a avó. Quando recitou "Annabel Lee" mentalmente desta vez, pareceu-lhe um poema sobre o amor, e não sobre a morte.

* * *

"Millie, que boba! Para alguém que não quer morrer, você passou um tempão falando disso", disse a voz ao redor dela. "Mas é assim que as coisas são."

de tantas coisas, não é? Falar é sempre mais fácil do que agir.

"Eu acho", disse Millie, fungando, "que quando eu disse que queria morrer, o que eu realmente queria era escapar. Eu não queria a morte. Eu só queria que minha vida fosse diferente."

"Ah, mas isso exige ação, não é?" disse a voz. "Mudar uma vida para melhor, especialmente quando o mundo é um lugar tão cruel e depravado? É muito mais fácil — e, no fim das contas, muito mais satisfatório — simplesmente acabar com ela. O que me leva ao meu segundo conjunto de opções. Opções bem mais interessantes. Estas são rápidas e fáceis para você na maior parte, mas exigem um pouco mais de esforço da minha parte. Não estou reclamando, porém. Não há nada que eu goste mais do que um bom desafio para aliviar o tédio. Aliás, você gosta de Drácula, não é?"

Millie mal conseguia encontrar a voz para responder. "Por quê? Você vai me morder no pescoço?"

"Como eu faria isso com você na minha barriga, sua boba? Eu sei que você é fã do Drácula. As crianças da escola te chamam de Filha do Drácula, não é? Bem, o que você talvez não saiba é que o personagem Drácula foi inspirado em uma pessoa real, um príncipe chamado Vlad Drácula. Mas ele é mais conhecido pelo seu apelido, Vlad, o Empalador."

Parecia que o estômago de Millie tinha virado gelatina.

"Vlad matou milhares de seus inimigos, mas sua maior façanha foi criar uma 'floresta de empalados', onde milhares de suas vítimas — homens, mulheres e crianças — foram empaladas em estacas fincadas no chão. Ora, eu não sou nenhum príncipe e não posso aspirar a esse nível de feito, mas um simples empalamento não deve ser tão difícil, certo? Posso simplesmente pegar uma das minhas hastes de metal e enfiar na minha cavidade corporal, e ela atravessará você e sairá do outro lado. Se a estaca atingir seus órgãos vitais, a morte chega rapidamente. Se não, pode haver algumas horas de sangramento e sofrimento. As pessoas que caminharam pela floresta de empalados falaram sobre os gemidos e suspiros das vítimas. Então... empalamento! Pode-se dizer que outras mortes..." *pálido* "Em comparação!" O tom da voz era alegre. "Pode funcionar rápido ou devagar, mas o resultado final é o mesmo. Como eu disse, todos saem ganhando."

"Não", sussurrou Millie. Ela queria sua mãe e seu pai. Queria seu avô. Eles a ajudariam se soubessem. Ela até se contentaria com o atrapalhado tio Rob e a tia Sheri, contanto que viessem em seu socorro. Ela até vestiria um suéter natalino se isso os fizesse felizes.

* * *

Millie sentou-se à sua mesa na cafeteria, expectante. Ela havia se esforçado para cuidar da aparência naquela manhã, escolhendo uma blusa preta de renda e um colar vitoriano de luto, de um tom azeviche, de sua pequena coleção. O pó facial realçava sua palidez, e o delineador preto criava o efeito felino perfeito.

Com o passar dos minutos, ela começou a se preocupar. E se Dylan não aparecesse? E se ela tivesse se arrumado toda à toa? E se, como sempre suspeitara, a vida não oferecesse nenhuma possibilidade de prazer ou felicidade?

Mas então lá estava ele, com sua jaqueta de couro, o cabelo vermelho como um caminhão de bombeiros e brincos de prata brilhantes.

"Ei", disse Millie, tentando não demonstrar muita alegria em vê-lo.

"Ei", disse ele, colocando a bandeja sobre a mesa e sentando-se à sua frente. "Trouxe algo para você."

O coração de Millie disparou de emoção. Ela esperava não ter demonstrado. Ele enfiou a mão no bolso da jaqueta de couro e tirou um livro de bolso surrado. "H.P. Lovecraft", disse ele. "Eu estava te contando sobre ele ontem."

"Eu me lembro", disse Millie, pegando o livro. *O Chamado de Cthulhu e Outras Histórias* Será que pronunciei corretamente? Cthulhu?

"Quem sabe?", disse Dylan. "H.P. Lovecraft inventou tudo, e ele já morreu, então não podemos perguntar a ele. Pode ficar com o livro. Ganhei um exemplar de capa dura de aniversário." Ele sorriu. "Meus pais são tranquilos. Eles não se importam que eu goste de coisas estranhas."

"Obrigada." Ela sentiu um pequeno sorriso surgir em seu rosto. Guardou o livro na bolsa.

Ela certamente leria o livro, mas não era o livro em si que a fazia sorrir. Era o fato de Dylan ter pensado nela. Enquanto estava em casa, longe dela, ele pensou nela, encontrou o livro, colocou-o no bolso do casaco e lembrou-se de lhe dar. Em sua experiência, os rapazes geralmente não eram tão atenciosos.

* * *

Depois do jantar, em seu quarto, Millie começou a ler o livro de H.P. Lovecraft. Dylan tinha razão. Era estranho. Mais estranho até do que as obras de Poe, e assustador.

De uma forma que dava a sensação de que aranhas estavam rastejando sob sua pele. Mas ela adorava.

Era o presente perfeito para Dylan dar a ela. Millie não era o tipo de garota que gostava de flores e doces.

Depois de ler algumas histórias, ela abriu o laptop. Em vez de pesquisar no Google "poemas sobre a morte", procurou por "poemas sobre o amor". Encontrou o famoso poema de Elizabeth Barrett Browning que começava com "Como te amo? Deixa-me contar as maneiras". Ela já havia lido o poema antes e o considerara apenas como palavras bonitas, mas agora conseguia apreciar os sentimentos por trás delas, sentimentos fortes por aquela pessoa rara que realmente a entendia e a quem ela também entendia.

Ela pegou seu caderno de couro preto, mordeu a caneta e pensou. Finalmente, escreveu:

*Você cortou os espinhos negros que se
enroscavam no meu coração ferido, para que
ele pudesse bater e sentir alívio da dor. Você é
o jardineiro que desperta as plantas da morte
cinzenta e fria do inverno.*

*Para que elas possam florescer novamente como meu coração, uma rosa
vermelho-sangue de desabrochar lentamente.*

Ela leu o poema em voz alta e suspirou satisfeita. Seu humor só piorou um pouco quando deixou o diário de lado para começar a fazer a lição de casa.

* * *

"Não? Que pena. Sempre achei que empalar tem um certo charme dramático. Talvez algo com um pouco mais de impacto? Eletrocussão é sempre uma opção eficaz. Sabia que a ideia da cadeira elétrica foi desenvolvida no século XIX por um dentista chamado Alfred P. Southwick? Ele teve a ideia de uma cadeira elétrica baseada em sua cadeira odontológica. Isso não é exatamente reconfortante para pessoas com fobia de dentista, não é? Eu não tenho uma cadeira para te amarrar, mas tenho o poder de disparar uma série de fortes correntes elétricas através da minha cavidade corporal. Se a corrente atingir seu coração ou cérebro, você morrerá rapidamente. Se não atingir, você terá algumas queimaduras feias e seu coração entrará em fibrilação, o que geralmente o matará se você

Não temos ajuda. E acho que já ficou claro que você não tem ninguém aqui para te ajudar.”

Ajuda Era uma palavra que Millie queria desesperadamente gritar, mas sabia que seria um desperdício de energia — energia que precisava conservar se quisesse ter alguma esperança de sobreviver.

Então, o que você acha, meu bem? Eletrocussão? Você seria...*chocado* sobre sua eficácia. Ume*letrizante*! Que bom!” Outra risadinha.

Millie já havia levado um choque ao desconectar um secador de cabelo da tomada em um quarto de hotel com fiação elétrica precária. Ela sentiu a eletricidade percorrer dolorosamente seu braço e, por alguns instantes, ficou sem fôlego como se tivesse levado um soco no estômago. Ela não queria nem pensar em como seria sentir uma corrente elétrica forte o suficiente para matá-la. “Uma boa diversão para você, mas não para mim”, disse ela.

* * *

Na tarde de sábado, enquanto a maioria das outras crianças estava no shopping, no cinema ou na casa umas das outras, Millie caminhou até a biblioteca pública no centro da cidade. Era uma caminhada de cerca de vinte minutos, então ir e voltar, com uma ou duas horas de leitura e passeios entre um lugar e outro, foi uma maneira agradável de passar uma tarde de sábado sozinha.

Hoje, ela percorreu as estantes da biblioteca em busca de material de leitura adequadamente sombrio. Ela havia terminado *O Chamado de Cthulhu* e ficou desapontado por não haver mais livros de Lovecraft nas prateleiras.

“Ei!”, gritou uma voz atrás dela.

Ela deu um suspiro e um pulo, mas então viu que era Dylan.

“Não queria te assustar”, disse ele. “Ei, você leu aquele livro do Lovecraft?”

Millie não conseguia acreditar que os astros tinham se alinhado de tal forma que ela encontrou Dylan fora da escola. “Sim, adorei. Eu estava meio que esperando que eles tivessem mais coisas dele por aqui.”

“Hum...”, disse Dylan. “Acho que consigo escolher outra coisa que você goste. Só um segundo.” Com uma expressão pensativa, ele examinou as prateleiras, depois pegou um livro fino de capa preta e entregou-o a ela.

“*A Loteria e Outras Histórias* de Shirley Jackson”, ela leu. “É, você vai adorar. É o livro perfeito para continuar sua maratona de terror clássico. Ei”, ele disse. “Eu estava lendo naquela mesa ali até te ver. Se você quiser sentar e ler também, pode.”

"Certo." Millie se esforçou para não demonstrar o quanto aquele convite a deixou feliz.

"Tenho que admitir que tenho um motivo oculto para te convidar", disse Dylan. "Quero ver a sua cara quando terminar de ler o primeiro conto desse livro."

Eles se sentaram à mesa um de frente para o outro e leram em silêncio agradável. Millie adorava conversar com Dylan, mas ficar em silêncio com ele também era bom. Ela leu "A Loteria" com uma crescente sensação de suspense e, quando chegou ao final, Dylan riu.

"Você está lendo de boca aberta", disse ele. "É o final mais surpreendente de todos, não é?"

"É mesmo."

"Sabe", disse Dylan. "Eu estava pensando que, depois de pegar meus livros emprestados, talvez eu tome uma xícara de chá no café ao lado. Você gostaria de fazer isso também? Quer dizer, você não precisa tomar chá só porque eu tomo. Você pode tomar café ou chocolate quente."

"Um chá parece uma boa ideia", disse Millie. Esta tarde estava se revelando agradável. Surpreendentemente agradável.

Millie já havia passado em frente à cafeteria You and Me Coffee and Tea centenas de vezes, mas nunca tinha entrado. Era um lugar agradável, com paredes de tijolos aparentes exibindo pinturas de artistas locais. Sentada com Dylan, tomando suas xícaras fumegantes, Millie disse: "Acho que gostaria de ser bibliotecária um dia". Ela nunca havia contado isso a ninguém antes. Sempre teve medo de ser alvo de risos.

"Isso seria legal", disse Dylan. "Você adora livros."

"Eu adoro livros e adoro silêncio", disse Millie, tomando um gole de seu chá Earl Grey. "Você também deveria se vestir no estilo bibliotecária gótica", disse Dylan. "Você poderia prender o cabelo, usar suas joias de ônix, um vestido preto vitoriano e aqueles óculos antigos que se prendem no nariz — como é o nome mesmo?"

"Pince-nez?"

Dylan sorriu. "É, essas mesmas. E quando você se veste assim e manda as pessoas ficarem quietas na biblioteca, elas vão ficar apavoradas!"

Millie riu e teve que admitir, foi uma sensação boa.

* * *

Os dias de aula eram melhores quando ela sabia que ia almoçar com Dylan. Ela podia passar a manhã ansiosa para vê-lo e a tarde pensando no que tinham dito um ao outro. Às vezes, ela se sentia um pouco boba por passar tanto tempo pensando em um garoto.

Mas Dylan não era um garoto qualquer.

Hoje, quando ela chegou da escola, seu avô a encontrou na sala de estar bagunçada. "Pensei que poderíamos ir à feira de Natal da escola hoje à noite", disse ele. Em vez de seu habitual cardigã, ele estava usando um suéter verde feio, decorado com árvores de Natal sorridentes e assustadoras.

"A feira de Natal é ridícula." Millie revirou os olhos. "Só um monte de gente vendendo enfeites de Natal feios feitos com palitos de picolé."

"Ah, eu sempre achei a feira bem divertida quando era professor. Este ano vai ter um jantar com chili, e você pode escolher entre chili com carne e chili vegetariano. E vai ter um buffet de biscoitos à vontade. Pense nessas palavras por um minuto, Millie." Ele fez uma pausa dramática. "Buffet. De. Biscoitos. À vontade."

"Você fez a sua lição de casa direitinho, não é?", disse Millie. Ela nunca diria isso em voz alta, mas era até bonitinho ver o quanto o vovô estava animado.

"Sim, eu levo os biscoitos muito a sério."

"Eu percebo isso." Millie suspirou. Talvez só desta vez ela pudesse deixar o velho ter algo que ele queria. Os dois não saíam muito, e talvez fosse bom para ele estar entre outras pessoas. "Tudo bem, acho que vou mesmo que não seja a minha praia."

"Ótimo!" disse o avô. "Sairemos em cerca de uma hora." Ele a olhou de cima a baixo. "Talvez você pudesse usar algo diferente de preto? Algo, sabe, um pouco mais festivo?"

"Não insista, vovô", disse Millie. Ela não conseguia acreditar que tinha concordado em ir a um evento tão sem graça. Mas talvez Dylan estivesse lá sob coação, como ela — e eles poderiam rir da situação juntos.

Os corredores da escola estavam iluminados com luzes de Natal, e Millie tinha acertado ao prever a feiura dos enfeites à venda. Mas o chili vegetariano estava saboroso, e havia uma variedade impressionante de biscoitos no bufê, incluindo biscoitos de gengibre, que eram os seus favoritos. Depois que ela e o avô comeram até se fartarem, ela vagou pelos corredores, fingindo que estava olhando as exposições de artesanato, mas na verdade procurando por Dylan.

Ela o encontrou no corredor do segundo andar. Mas não da maneira que ela queria.

Dylan estava parado em frente a uma barraca que vendia enfeites de Natal em forma de rena, feitos com bengalas de doce. Mas ele não estava sozinho. Estava com Brooke Harrison, uma loira bonita, mas sem graça, que fazia parte da aula de governo americano da Millie. Dylan e Brooke estavam de mãos dadas e riam de alguma piada interna, de um jeito bem típico de casal.

Millie mordeu o lábio para não soltar um suspiro, virou-se e correu pelo corredor, descendo as escadas. Ela precisava encontrar o avô. Precisava sair dali.

"Onde está o fogo, filha do Drácula?", perguntou-lhe um garoto qualquer. Ela nem se deu ao trabalho de pensar quem era. Eram todos iguais mesmo.

Ela correu para o refeitório, procurando no meio da multidão o suéter natalino feio do vovô. Infelizmente, muita gente estava usando suéteres natalinos feios.

Ela finalmente encontrou o avô perto da mesa de bebidas, tomando café e conversando com outros dois senhores idosos, também professores aposentados. Aparentemente, esses caras compravam suéteres natalinos feios na mesma loja que o avô.

"Temos que ir", Millie sibilou para ele.

O avô franziu a testa, preocupado. "Você está doente ou algo assim?" "Não, eu só preciso ir." Por que ele não se movia mais rápido?

"Tudo bem, querida." Ele lançou aos outros velhinhos um olhar que parecia dizer: *Eles são muito emotivos nessa idade.* E então disse: "Até mais, pessoal. Feliz Natal."

No carro, o avô perguntou: "O que foi, querida? Alguém na escola disse alguma coisa que te magoou?"

Millie não conseguia acreditar que seu avô pudesse ser tão estúpido. "Ninguém na escola me disse nada porque ninguém na escola nunca me diz nada. Ninguém nesta escola se importa se eu vivo ou morro!" Ela conteve um soluço e enxugou os olhos para tentar estancar as lágrimas.

"Eu me lembro de me sentir assim quando tinha a sua idade. Eu não voltaria a ter quatorze anos por nada neste mundo, nem mesmo com todos os anos que eu recuperaria."

As lágrimas não paravam. Millie olhou pela janela e tentou ignorar o avô. Ele não tinha a menor chance de entender. Ninguém tinha.

Compreenda, especialmente as pessoas que se empolgaram com suéteres natalinos, biscoitos e todas aquelas coisas falsamente felizes com as quais encheram suas mentes para afastar o medo da morte.

Millie não tinha medo da morte. Naquele momento, a morte parecia ser sua única amiga.

* * *

"Nossa, como somos exigentes, não é mesmo?" disse a voz. "Para alguém que quer o resultado final, somos extremamente meticulosos sobre como alcançá-lo. Mas existem muitas outras opções. Me sinto como um garçom explicando o cardápio de um restaurante chique. A diferença, claro, é que um cardápio te alimenta. O outro te mata." Risada baixa e retumbante. "Ah, eu me divirto comigo mesmo. Hum... já que eu estava falando de comida, que tal ferver vivo? Você sabia que Henrique VIII tornou a fervura viva a forma oficial de punição durante seu reinado? Engraçado que chamem de fervura viva, porque Deus sabe que você não sobrevive por muito tempo. Mas eu poderia facilmente inundar meu interior com água e usar minhas reservas de energia para aumentar a temperatura, aumentar, aumentar. Primeiro seria como um banho quente e agradável, mas depois ficaria cada vez mais quente. Será que você ficaria vermelho como uma lagosta?"

* * *

Millie estava sentada, cabisbaixa, à sua mesa no refeitório, sabendo que estava condenada a comer sozinha. Ela abriu uma antologia de contos de terror que havia pegado emprestada na biblioteca da escola. Os livros, pelo menos, sempre lhe fariam companhia.

Mas então Dylan sentou-se à sua frente, agindo como se nada estivesse errado. "Ei", disse ele.

"Como você consegue sentar assim na minha frente?", disse Millie. Ele estava tão à vontade, abrindo os sachês de ketchup e fazendo uma pequena poça vermelha no prato, como sempre.

"Tipo o quê?", perguntou Dylan, parecendo perdido. "Eu sento aqui todo dia." "Eu imaginei que você gostaria de sentar com a Brooke", disse Millie. "A Brooke tem um horário de almoço diferente do meu." Alheio a tudo, ele mergulhou um nugget na poça de ketchup e o colocou na boca.

Millie sentiu a raiva subir da cabeça aos pés. "Então eu sou o quê? Sua reserva? A substituta dela?"

Dylan esfregou o rosto como se estivesse cansado. "Desculpe, Millie. Estou tentando acompanhar; juro que estou. Mas você não está falando coisa com coisa."

Millie não conseguia entender como ele podia ser tão estúpido. "Dylan, eu vi você. Com ela. No bazar ontem à noite."

"É mesmo? E daí?"

Ela nunca se sentira tão exasperada. "Vocês estavam de mãos dadas. Vocês estavam claramente juntos."

"É mesmo? E daí?" ele repetiu. Mas então, uma expressão de compreensão surgiu em seu rosto. "Espera aí, Millie, você achou mesmo que nós dois estávamos... namorando?"

Millie engoliu em seco e disse a si mesma para não chorar. "Você *percebido* Me trouxe um livro. Me levou para tomar chá. Claro que pensei que poderíamos. No futuro. Um encontro, quero dizer."

"Nossa", disse Dylan. "Desculpe se te enganei. Quer dizer, você é realmente incrível, muito bonita e tudo mais, mas eu nunca quis que você pensasse que éramos algo além de amigos. Você nunca teve um amigo que é menino, mas que não é, sabe, namorado?"

Hannah era a única amiga de Millie, mas a abandonou. Millie jamais contaria isso a Dylan. "Claro que contei. Mas, Dylan, você me disse que eu era a única pessoa legal que você tinha conhecido nesta escola."

"Sim, eu conheci. Mas foi só no meu primeiro dia. Já conheci outras pessoas legais desde então."

"Tipo a Brooke?" A voz de Millie estava carregada de sarcasmo.

"O quê, você não aprova a Brooke?", disse Dylan.

"Ela é loira e sem graça", disse Millie. Sem rodeios. A verdade era a verdade.

"Você já conversou com ela?", perguntou Dylan. "Você sequer sabe como ela é?"

Millie já tinha ouvido Brooke dizer alguma coisa? Ela ficava quieta na aula de governo americano, Millie supôs, porque não tinha nada de interessante ou importante para dizer. "Nunca falei com ela", disse Millie. "Não falo com qualquer pessoa."

Dylan balançou a cabeça. "Bem, Brooke não é." *qualquer um* Ela é inteligente, culta e simpática. Quer ser veterinária. Por que importa a cor do cabelo dela?" Dylan a encarou com tanta intensidade que parecia estar olhando através dela. "Millie, estou decepcionado com você. Você, de todas as pessoas, com seu guarda-roupa preto, delineador preto e esmalte preto. Parece que você deveria saber que não se deve julgar uma pessoa pela aparência. Você não gosta quando fazem isso com você, e mesmo assim se sente culpada."

do mesmo crime. Tenho quase certeza de que isso se chama hipocrisia." Ele se levantou. "Acho que esta conversa acabou."

* * *

Com a aproximação das festas de inverno, o humor de Millie foi ficando cada vez mais sombrio. As temperaturas frias, o céu cinzento e as árvores despidas de folhas combinavam perfeitamente com seu estado emocional. As luzes natalinas alegres e os Papais Noéis de plástico nas casas das pessoas a enchiam de raiva, e o som das canções de Natal nas lojas e outros lugares públicos a enfurecia. Ela sentia que não podia ser responsabilizada por seus atos se tivesse que ouvir "Winter Wonderland" mais uma vez.

A alegria das festas, a paz na Terra e a boa vontade eram apenas mentiras que as pessoas contavam a si mesmas. O inverno era a estação da morte.

No jantar — legumes salteados para Millie, frango com legumes salteados para o vovô — o vovô disse: "Então, vocês estão animados porque amanhã é o último dia antes das férias de inverno?"

"Na verdade não", disse Millie. "Olha, eu queria te dizer uma coisa: não vou comemorar o Natal este ano."

O semblante do avô se fechou. "Não vamos comemorar o Natal? Mas por que não?" Millie cutucou um pedaço de brócolis com o garfo. "Eu me recuso a fingir que estou feliz em um dia específico só porque a sociedade diz que eu deveria estar."

"Não se trata da sociedade. Trata-se da família", disse o avô. "Trata-se de se reunir e desfrutar da companhia uns dos outros. Na véspera de Natal, seus tios e primos virão nos visitar, e seus pais participarão por Skype para que possam estar presentes. Teremos um grande jantar, trocaremos presentes e depois tomaremos chocolate quente com biscoitos e jogaremos jogos de tabuleiro."

Millie sentiu náuseas ao pensar em toda aquela falsa alegria. "Vou ficar aqui porque não tenho outro lugar para ir, mas me recuso a participar das festividades."

"É mesmo?" perguntou o avô, afastando o prato. "Escuta, Millie, você nunca foi uma criança muito alegre. Deus sabe que você era o bebê mais chorão que eu já vi, e quando era pequena, suas birras eram lendárias. Mas sinto que você está especialmente infeliz aqui comigo agora, e eu realmente sinto muito por isso. Sou um homem velho e não sou especialista em saber o que as meninas gostam, mas tentei fazer as coisas da melhor maneira possível."

Sinto muito por você, dentro do possível. Talvez tivesse sido melhor se você tivesse optado por se mudar para o exterior com seus pais. Sei que deve ser difícil ficar tão longe deles.

"Não sinto falta dos meus pais!", gritou Millie. Mas mesmo enquanto dizia isso, não tinha certeza se era verdade. Claro, às vezes eles a deixavam louca quando estavam juntos, mas era estranho tê-los tão longe, e conversar com eles pelo Skype nas noites de domingo não era suficiente para compensar a ausência deles em seu dia a dia. Para piorar, ela costumava ficar de mau humor durante as chamadas de vídeo — irritada com a ausência deles — e, por isso, as conversas nem sempre eram agradáveis.

"Tudo bem, talvez não", disse o avô. "Mas alguma coisa tem te incomodado ultimamente — talvez um problema na escola ou uma briga com um amigo? Não estou dizendo que posso ajudar, mas às vezes ajuda ter alguém para ouvir."

Contra a sua vontade, uma imagem de Dylan surgiu em sua mente — Dylan no primeiro dia em que o conheceu, quando ela não conseguia acreditar que aquele cara novo e descolado, que poderia ter se sentado em qualquer lugar do refeitório, escolheu sentar bem em frente a ela. Bem, isso nunca mais aconteceu. Agora ele se sentava em uma mesa com aqueles caras que nunca falavam de nada além de jogos de RPG de fantasia, e Millie ficava sozinha, tendo apenas um livro como companhia.

"Eu já te disse, não tenho amigos", disse Millie.

"Bem, talvez você devesse tentar fazer um", disse o avô. "Você não precisa ser uma pessoa extremamente sociável se não quiser, mas todo mundo precisa de um bom amigo."

"Você não sabe do que eu preciso!" Millie se levantou da mesa. "Vou fazer meu dever de casa." Ela não tinha dever de casa de verdade, já que amanhã era o último dia antes do recesso, mas ela diria qualquer coisa para sair dali.

"E eu vou para a minha oficina", disse o avô. "Você não é a única que pode sair batendo a porta, sabia, mocinha?" Era a primeira vez, desde que ela se mudara para a casa do avô, que ele parecia realmente bravo com ela.

Em seu quarto, Millie abriu o laptop, acessou o YouTube e digitou "videoclipes de Curt Carrion". Clicou em "Death Mask", sua música favorita. O vídeo estava repleto de imagens de corvos, morcegos e abutres sobrevoando. No centro de tudo, estava o próprio Curt Carrion, rosnando a letra mórbida, com o cabelo preto espetado, a tez pálida e...

Delineador preto perfeitamente aplicado. Millie sentia que Curt Carrion talvez fosse a única pessoa no planeta que a entenderia.

Quem ela estava tentando enganar? Ninguém faria isso.

* * *

"Por favor, não me fervam viva", disse Millie. Ela precisava encontrar uma maneira de escapar. De repente, desesperadamente, ela queria viver.

"Não ferver? Bem, compreensível. Ao que tudo indica, é uma maneira horrível de morrer. As pessoas que presenciaram fervuras na época de Henrique VIII disseram que era tão repugnante que teriam preferido ver uma decapitação. Ah! Tem uma boa que ainda não mencionamos. Decapitação!" Ele disse como se fosse uma palavra feliz. "Há muitas maneiras de cortar uma cabeça, é claro, e se a lâmina estiver afiada o suficiente, é relativamente rápido e indolor. Dito isso, se a lâmina não estiver afiada o suficiente... bem, a pobre Maria, Rainha da Escócia, teve que levar três golpes com o velho machado cego do carrasco antes que sua cabeça fosse libertada de seu corpo. A guilhotina era rápida e limpa, porém, e não exigia nenhuma habilidade especial por parte do carrasco, o que facilitou se livrar de todos aqueles ricos e esnobes durante a Revolução Francesa. Eles simplesmente os enfileiravam e os passavam pela guilhotina como uma linha de montagem. Ou melhor, uma *desmontagem*!" A voz fez uma pausa novamente para dar uma risadinha. Fosse o que fosse, parecia estar se divertindo muito às custas de Millie. "A Arábia Saudita — onde seus pais estão, não é? — ainda usa a decapitação como forma preferida de pena capital. Eles usam uma espada, o que eu acho bastante elegante e dramático."

Arábia Saudita, Millie pensou. Seus pais estavam tão longe. Tão incapazes de ajudá-la. E agora, enquanto encarava a morte, estranhamente sentia mais amor por eles do que jamais sentira. Claro, eles eram excêntricos e tomavam decisões estranhas e cometiam erros estúpidos, mas ela sabia que a amavam. Lembrou-se das piadas horríveis do pai e da mãe lhe contando história após história na hora de dormir, quando era pequena. Talvez seus pais fossem diferentes dos pais de outras crianças, mas sempre cuidaram de suas necessidades básicas e sempre a fizeram se sentir amada e segura.

Millie queria estar em segurança.

* * *

"Millie, pelo menos desça e diga olá!" gritou o avô para o andar de baixo.

Era véspera de Natal, e o vovô tinha passado o dia inteiro tocando músicas natalinas em alto volume, cantando "Silver Bells", "White Christmas" e outras canções que Millie menos gostava, desafinado, na cozinha, enquanto assava o presunto e decorava os biscoitos.

Pelo barulho vindo do andar de baixo, Millie presumiu que sua tia, seu tio e seus primos tivessem chegado. Esse fato não a alegrou. Nada a alegrava.

Millie desceu as escadas a contragosto. Estavam todos reunidos em volta de uma poncheira de vidro antiga que o avô havia desenterrado sabe-se lá de onde, naquela casa cheia de coisas.

Todos estavam usando suéteres natalinos, até mesmo seus primos irritantes. A tia Sheri vestia uma aberração com uma rena cujo nariz acendia. O tio Rob, irmão bobo do pai dela, usava um suéter vermelho com bengalas de doce, e Cameron e Hayden usavam suéteres de elfo combinando. Era tudo tão horrível que Millie temeu que seus olhos fossem sangrar.

"Feliz Natal!" cumprimentou tia Sheri, abrindo os braços para um abraço.

Millie não se moveu em sua direção. "Olá", disse ela, com a voz gélida como gelo.

"Indo para um funeral, Millie?", disse o tio Rob, apontando com a cabeça para as roupas pretas e roxas que ela usava da cabeça aos pés. Ele sempre dizia isso para ela e, aparentemente, nunca deixou de achar engraçado.

"Quem me dera", disse Millie. Melhor estar num ambiente triste e sincero do que num ambiente falsamente feliz. E ela certamente preferiria música fúnebre de órgão a ser obrigada a ouvir "Winter Wonderland" novamente.

"A Millie não vai celebrar o Natal este ano", disse o avô. "Mas pelo menos ela concordou em nos honrar com a sua presença."

"Como você não gostaria de comemorar o Natal?", disse Hayden, olhando para Millie com seus grandes e inocentes olhos azuis. "O Natal é incrível." Ele tinha uma leve dificuldade de pronúncia ao dizer "Natal" e "incrível", o que, Millie imaginou, algumas pessoas achariam fofo.

"E os presentes são incríveis!" disse Cameron, erguendo o punho de tanta animação. As duas crianças estavam tão agitadas que parecia que seus pais tinham lhes dado uma dose cavalgar de café preto. Millie se perguntou se já havia existido um tempo em que

Será que ela ficou tão animada durante o feriado ou será que ela sempre soube que não devia?

"Nossa cultura já é muito materialista", disse Millie. "Por que você quer mais coisas?"

A tia, o tio e os primos dela pareciam todos desconfortáveis. Ótimo. Alguém nessa família precisava contar a verdade.

Sheri forçou um sorriso. "Millie, você não aceitaria pelo menos uma xícara de gemada?"

"Beber gemada é como beber catarro", disse Millie. Sério, como uma bebida tão nojenta se tornou parte de alguma celebração tradicional? Gemada e bolo de frutas pareciam mais apropriados para um castigo do que para uma festa.

"O que é catarro?", perguntou Hayden.

"É aquela coisa viscosa e nojenta que fica na garganta e no nariz quando você está resfriado", disse a tia Sheri.

Cameron ergueu a xícara. "Hum! Gosma de ovo!", disse ele, e tomou um gole grande e vistoso que deixou um bigode de ovo no lábio superior.

Millie não aguentou mais. Ela precisava sair dali. "Vou dar uma volta", disse ela.

"Podemos ir também?" perguntou Hayden. "Não", respondeu Millie. "Preciso ficar sozinha."

"Bem, não se afastem muito", disse o avô. "Vamos jantar daqui a uma hora."

Quando Millie estava saindo pela porta, o avô a chamou para lembrar de trazer o casaco, mas ela o ignorou.

Todas as casas da vizinhança tinham carros extras nas garagens, sem dúvida por causa de parentes que estavam de visita para celebrar o feriado. Todas essas pessoas agindo da mesma forma, fazendo a mesma coisa. Presentes, gemada e hipocrisia. Bem, Millie era diferente, e ela não ia participar.

Hipocrisia, Ela pensou novamente, e desta vez a palavra a atingiu em cheio. Dylan havia dito que ela era hipócrita porque julgava Brooke pela aparência. Mas os garotos — mesmo aqueles que pareciam descolados como Dylan — se deixavam enganar pelas aparências. Se uma garota loira e bonita, dentro dos padrões convencionais, lhes desse atenção, eles a considerariam uma santa e um gênio ao mesmo tempo. De jeito nenhum Millie era hipócrita. Ela dizia a verdade, e se algumas pessoas não conseguiam lidar com a verdade, o problema era delas.

Depois de dar uma volta no quarteirão, ela estava sentindo bastante frio, mas não havia a menor possibilidade de ela voltar para dentro de casa ainda.

Uma ideia surgiu em sua mente. A oficina do avô tinha um pequeno aquecedor que ele sempre deixava ligado; poderia mantê-la bem aquecida enquanto esperava a festa acabar. Ele estava ocupado demais organizando sua festinha de fim de ano sem graça para entrar na oficina. Era o lugar perfeito para se esconder.

O avô guardava a chave debaixo de um vaso de flores ao lado da porta da oficina. Millie a encontrou, abriu a porta e puxou a corrente da lâmpada nua que iluminava o pequeno espaço sem janelas. Ela fechou a porta atrás de si e olhou em volta.

O lugar estava ainda mais abarrotado de coisas do que da última vez que ela estivera ali. O vovô devia estar mesmo frequentando vendas de garagem, feiras de antiguidades e ferros-velhos. Perto da bancada dele havia uma bicicleta antiga enferrujada, daquelas com uma roda dianteira enorme e uma traseira minúscula. Havia também muitos brinquedos mecânicos antigos — um cofrinho de metal com um palhaço que jogava moedas para dentro da boca, uma caixinha de surpresas que a assustou quando o boneco de bobo da corte pulou para fora, mesmo ela sabendo o que aconteceria assim que começasse a girar a manivela. Havia até um daqueles bonecos de macaco sorridentes e horríveis que batiam pratos.

Por que o vovô queria todas essas coisas e o que ele planejava fazer com elas? *Conserte e depois use para encher ainda mais a casa de coisas.* Ela fez uma suposição.

O item mais estranho entre muitos estava escondido em um canto da oficina. Era uma espécie de urso mecânico com gravata borboleta, cartola e um sorriso vazio e arrepiante. Parecia que um dia fora branco e rosa, mas anos de negligência o haviam deixado com uma cor cinza desbotada. Era grande — grande o suficiente para uma pessoa entrar em sua cavidade corporal, como naqueles filmes de ficção científica em que as pessoas "pilotavam" robôs gigantes. As dobradiças em seus membros davam a impressão de que suas partes já haviam se movido. Devia ser uma figura de uma daquelas antigas atrações infantis com animatrônicos assustadores. Por que crianças pequenas gostavam de coisas que causavam pesadelos?

Do lado de fora da oficina, Millie ouviu risadas e gritos. Eram Hayden e Cameron, brincando no quintal. Ela não tinha pensado em trancar a porta da oficina por dentro. E se eles tentassem entrar?

Ela não podia deixar que a encontrassem. Eles contariam aos adultos, e então ela seria arrastada de volta para casa e sentenciada à celebração obrigatória.

Millie se viu encarando o velho urso animatrônico, não mais por curiosidade, mas como uma possível solução para seu problema.

Ela abriu a porta da cavidade do urso mecânico, rastejou para dentro e fechou a porta atrás de si. A escuridão a envolveu. Era muito melhor do que aquelas luzes irritantemente piscantes e os suéteres natalinos berrantes e coloridos.

Isso era perfeito. Ninguém a encontraria ali. Ela poderia voltar para casa depois de ouvir o carro do tio Rob e da tia Sheri saindo da garagem. E daí se ela perdesse a chamada de vídeo com os pais? Bem feito para eles por estarem tão longe dela no Natal.

* * *

“Crianças, hora do jantar de Natal!” gritou o vovô da porta dos fundos. “Millie, entre você também, se puder me ouvir.”

Cameron e Hayden entraram correndo, com as bochechas rosadas por causa do ar frio.

“O cheiro aqui está ótimo”, disse Cameron.

“Bem, isso porque eu preparei um banquete para vocês”, disse o vovô. “Presunto, batata-doce, pãezinhos e a caçarola de feijão-verde da sua mãe. Vocês por acaso viram a Millie enquanto estavam lá fora?”

“Não, não a vi”, disse Hayden. “Vovô, por que ela é tão estranha?” O avô deu uma risadinha. “Ela tem quatorze anos. Você também vai ser estranho quando tiver quatorze. Agora vá lavar as mãos antes de sentarmos para comer.”

À mesa, o avô fatiou o presunto grande, suculento e lindo. “Dei um toque de Coca-Cola nele”, disse ele. “Encontrei a receita na internet. Tenho procurado muitas receitas desde que a Millie se mudou para cá, a maioria vegetariana para que ela não morra de fome. Comprei esse negócio esquisito de pão de peru falso para ela no supermercado. Quando ela voltar, pode comer com a caçarola de vagem e batata-doce.”

“Fico com a sensação de que deveríamos sair para procurá-la”, disse Sheri.

“Ah, ela vai aparecer quando estiver com fome ou quando achar que já provou o que quer”, disse o avô. “Ela e aquele gato dela não são tão diferentes. Ela só está nessa fase da vida, sabe? Agora, falando em fome, quem quer um pouco de presunto?”

* * *

“Eu não tenho uma espada como a de um carrasco saudita, Millie boba”, disse a voz, “mas tenho uma chapa de metal afiada que eu poderia atravessar...”

câmara. Poderia passar na altura da sua garganta, ou poderia atingir mais abaixo e partir você ao meio. E a bisseção também é uma forma certa de morrer. De qualquer forma, o trabalho estaria feito! Acho que seria suave como a guilhotina, em vez de uma mutilação lenta e sem brilho como a que Maria Stuart, Rainha da Escócia, sofreu, mas não tenho cem por cento de certeza. Esta será minha primeira tentativa de decapitação. A sua também, mas será a última!

Enquanto a voz ria de sua última piada, Millie empurrava as paredes da câmara que a aprisionavam. Elas não se moveram. Mas então ela viu uma pequena fresta de luz brilhando através da lateral da porta. Talvez se ela conseguisse enfiar alguma coisa — uma ferramenta qualquer — naquela fresta, ela pudesse de alguma forma abrir a porta. Mas o que ela poderia usar como ferramenta?

Ela fez uma inspeção mental de suas joias. Seus brincos eram pequenos demais e quebradiços, e seu colar era um cordão inútil de contas pretas. Mas havia a pulseira de prata em seu pulso. Ela a tirou e a empurrou e dobrou até que ficasse quase reta como uma régua. A ponta parecia ter o tamanho certo para passar pela fresta da porta. Mas ela estava com muito medo de testar, com muito receio de que seu captor percebesse.

"Millie?" disse a voz. "Você ainda está comigo? Uma decisão precisa ser tomada."

Millie pensou. Se ela abaixasse a cabeça e se encolhesse toda quando a lâmina passasse, o golpe erraria o alvo. Ela teria que ser rápida, porém, e garantir que tirasse toda a cabeça do caminho, ou então seria escalpelada. Se a lâmina viesse mais abaixo para cortá-la ao meio, ela teria que se achatar ainda mais no fundo daquele pequeno espaço. "Há alguma chance de você simplesmente me deixar ir?", perguntou ela. "Algo que eu possa lhe dar em troca da minha vida?"

"Costeleta de cordeiro, não quero nada de você além da sua vida." Millie respirou fundo. "Certo. Então, decapitação." "Sério?" A voz soou extremamente satisfeita. "Ótima escolha. É um clássico. Prometo que você não vai se decepcionar." A risada grave e retumbante. "Você não vai se decepcionar porque estará morta!"

Millie sentiu mais lágrimas brotarem em seus olhos. Ela precisava ser forte. Mas era possível chorar e ser forte ao mesmo tempo. "Me avise quando você for fazer isso, tá bom? Não me pegue de surpresa."

"Tudo bem, eu acho. Não é como se você fosse a algum lugar. Me dê alguns minutos para me preparar. Você sabe o que dizem: 'Preparação prévia evita desempenho ruim'."

A câmara tremeu e estremeceu, então os olhos do animatrônico reviraram para fora, afastando-se da câmara.

Millie esperou, com o coração acelerado. Por que ela alguma vez desejara a morte? Não importava o quão difícil a vida pudesse ser, o quão deprimente ou decepcionante, ela queria viver. Se nada mais, ela queria a chance de se desculpar com Dylan pelo que dissera sobre Brooke e perguntar se poderiam ser amigas novamente.

Ela se encolheu o máximo que pôde, escondendo a cabeça debaixo dos braços. Torceu mais do que jamais torcera por qualquer coisa para estar baixa o suficiente para não ser atingida pela lâmina.

"Millicent Fitzsimmons, você está condenada à morte por crimes contra a humanidade."

"Espere", disse Millie. "O que isso significa — Crimes contra a Humanidade?" "Você", disse a voz, "foi rude e se irritou facilmente. Você julgou os outros precipitadamente. Você não foi suficientemente grata àqueles que lhe demonstraram apenas amor e bondade."

A voz estava certa. Diferentes episódios de sua própria grosseria e ingratidão passavam pela sua cabeça como cenas de um filme que ela não queria ver.

"Culpada, sem sombra de dúvida", disse Millie. "Mas por que esses crimes me custam a vida? São crimes que todos cometem de vez em quando."

"Verdade", disse a voz. "É por isso que são Crimes da Humanidade." "Mas se são crimes pelos quais todos os humanos são culpados, então por que..." *EU* "Tenho que morrer por eles?" A voz não respondeu, e Millie sentiu um leve arrepio de esperança. Talvez ela não precisasse arriscar tudo se encolhendo no chão da cavidade. Talvez ela ainda conseguisse se convencer do contrário.

"Porque", disse a voz, "foi você quem rastejou para dentro da minha barriga." Choramingando, Millie se encolheu o máximo que pôde no fundo da cavidade. Se conseguisse sair, faria questão de ser mais gentil com o vovô. Ele realmente tinha sido bom para ela, acolhendo-a, aturando seus humores e aprendendo sozinho a cozinhar todas aquelas receitas vegetarianas.

"No espírito da Revolução Francesa", disse a voz, "farei agora uma contagem regressiva em francês antes de soltar a lâmina!" *Um, dois, TRÊS!*

Num instante, a lâmina cortou a câmara.

* * *

O avô trouxe uma travessa de biscoitos de açúcar e colocou-os na mesa de centro. "Já volto com o chocolate quente", disse ele. Na cozinha, ele finalmente cedeu e ligou para o celular de Millie. O telefone dela tocou no bolso do casaco que estava pendurado no cabide do corredor.

Ah, bem. Ela voltaria quando achasse que tinha provado o que queria. Ele detestava a ideia de vê-la lá fora sem casaco. Estava bem frio.

O avô serviu cinco xícaras de chocolate quente e cobriu cada uma com uma generosa porção de mini marshmallows. Ele levou as xícaras fumegantes em uma bandeja para a sala de estar. "Quem está pronto para os presentes?", perguntou.

"Sou eu!", gritou Cameron.

"Sou eu!" gritou Hayden ainda mais alto.

"Você acha que devemos esperar por Millie?", perguntou Sheri.

"Ela não está comemorando o Natal, lembra?", disse Rob. "Por que deveríamos esperá-la se ela resolveu se comportar como uma pirralha?"

O avô não gostava da palavra *pirralha* sendo usado para descrever Millie. Ela não era uma criança má. Ela só estava numa fase difícil da vida. Ela ia melhorar. Ele se agachou embaixo da árvore de Natal e arrumou todos os presentes dela numa pilha grande para que estivessem lá quando ela voltasse.

ABOUT THE AUTHORS

Scott Cawthon É o autor da série de videogames de grande sucesso Five Nights at Freddy's e, embora seja designer de jogos por profissão, é antes de tudo um contador de histórias. Ele se formou no Instituto de Arte de Houston e mora no Texas com sua esposa e quatro filhos.

Elley Cooper Elley escreve ficção para jovens e adultos. Ela sempre amou o terror e é grata a Scott Cawthon por permitir que ela passasse um tempo em seu universo sombrio e perturbador. Elley mora no Tennessee com sua família e muitos animais de estimação mimados, e frequentemente pode ser encontrada escrevendo livros com a Kevin Anderson & Associates.

Apoiando o pé em uma gaveta aberta, o detetive Larson recostou-se em sua cadeira de madeira. Seu rangido característico soava estranhamente alto na ausência do caos diurno do escritório da divisão. A sala de trabalho estava abarrotada com doze mesas, o dobro de cadeiras, o triplo de computadores, monitores e impressoras, alguns quadros de avisos, armários e mesas de trabalho, e a solitária cafeteira com defeito presa em um canto. A cafeteira cuspiu um café péssimo, mas fazia um chiado musical que alguns detetives acharam que lembrava a "Cavalcada das Valquírias". Estava em um de seus crescendos estridentes naquele momento.

Larson balançou a cabeça. Ele só percebia o quão deprimente o lugar era quando todas as pessoas tinham ido embora, como acontecia naquela noite de segunda-feira. Ele também deveria ter ido embora, mas não tinha pressa de voltar para seu apartamento vazio. Desde que sua esposa, Angela, o deixou, pediu o divórcio e embarcou em uma missão para garantir que ele visse o filho deles de sete anos, Ryan, o mínimo possível, Larson não via sentido em voltar para casa. Casa não era casa. Era um apartamento de dois quartos sem elevador que, segundo Ryan, cheirava a pickles e tinha o "carpete mais feio de todos os tempos".

Ele havia dito a si mesmo que ficaria até mais tarde para terminar os relatórios, mas na verdade estava apenas sentado ali, sentindo pena de si mesmo.

Ele era mesmo o pai horrível que Angela o acusava de ser? Claro, o trabalho o obrigava a perder muitos jogos e eventos escolares de Ryan. Sim, ele havia quebrado muitas promessas ao filho.

"Chego em casa a tempo de lançar a bola, Ryan", que se transformou em "Desculpe. Apareceu um novo caso".

"Vou te levar para acampar neste fim de semana" se transformou em "Desculpe. O chefe me chamou."

"Ele é seu *filho*", "Everett", Angela repetia para ele antes de sair. "Ele não é uma reflexão tardia. Ele deveria ser a razão da sua existência, não algo que você vai fazer algum dia."

Angela simplesmente não entendia. Ele amava o filho, é claro, mas aquele trabalho não era apenas um trabalho.

Sim, ele definitivamente estava com pena de si mesmo. Não foi a melhor maneira de usar o tempo dele.

Larson se remexeu, tentando encontrar a posição confortável, sempre tão difícil de alcançar, em sua cadeira de escritório. Olhou ao redor para o lugar onde passara dois terços de sua vida nos últimos cinco anos. Era realmente um cômodo sombrio. Paredes bege desbotadas, luzes fluorescentes piscando, piso de linóleo cinza desgastado, todos aqueles móveis em constante desordem...*Seriam os detetives tão insignificantes a ponto de merecerem tal ambiente, ou estariam simplesmente ocupados demais para fazer algo a respeito?*

Larson desviou o olhar para a fileira de janelas estreitas que se estendiam ao longo da parede externa do quarto. No final da fileira, notou uma fina trepadeira de hera crescendo através de uma fresta entre a moldura da janela e uma janela suja, por onde entrava o brilho amarelo e doentio de um poste de luz.

"Esse é o meu pirulito favorito."

Larson reprimiu um gemido. Era o que ele merecia por não ter ido para casa.

"Chefe", disse ele.

O chefe Monahan abriu caminho entre as mesas vazias, franzindo o nariz ao passar pelo monumento à baba deixado pelo detetive Powell. "Que fedor é esse?" O chefe olhou para as pilhas de papéis e embalagens de comida vazias.

"Não sei. Não *querer*" Para saber." Do lugar onde Larson estava sentado, o escritório cheirava a desinfetante. Seu parceiro, o detetive Roberts, cuja mesa ficava de frente para o ambiente organizado de Larson, borrifava o produto incessantemente para disfarçar o que quer que parecesse ter morrido na gaveta de Powell.

O chefe apoiou um pé na cadeira extra ao lado da mesa de Larson. Estendeu-lhe um envelope. Larson olhou para ele. Tinha uma forte suspeita de que não ia gostar do que havia dentro, por isso não fez menção de o pegar.

O chefe atirou o envelope sobre o mata-borrão verde e manchado da mesa de Larson. Ele caiu ao lado da fileira de lápis recém-apontados que Larson havia alinhado para o seu trabalho árduo da noite.

"O Stitchwraith", disse o chefe. "Ninguém mais o quer." "Eu não o quero."

"*Difícil*." A palavra soava exatamente assim quando o chefe a pronunciava. Um homem compacto, com cabelos grisalhos precoces, o chefe deixou claro desde cedo em sua carreira que seu tamanho e cor de cabelo não tinham nada a ver com sua capacidade de dar uma surra em qualquer um. Ele não era grande, mas podia fazer o que qualquer homem grande podia fazer. E ele tinha a voz de um homem grande, alta e rouca, com quem você não discutia a menos que fosse absolutamente necessário.

Larson teve que fazer isso. Ele não queria ver o que havia no envelope. "O Stitchwraith é uma lenda urbana", protestou Larson, ainda sem tocar no envelope, que jazia como uma lesma enorme ao lado do seu pé.

"Não mais. Você ouviu as últimas notícias?" O chefe Monahan claramente não ia dar ouvidos a discordâncias.

Larson suspirou. Como ele poderia não ter feito isso? Estava em todos os noticiários, e o público exigia respostas.

Uma adolescente da região, Sarah alguma coisa, desapareceu uma semana antes, e os detetives designados para o caso — não Larson, que agradecia por pequenos favores — tinham várias dezenas de testemunhas oculares que afirmavam que a garota se transformou em lixo bem diante de seus olhos. É verdade que as testemunhas eram estudantes de escola pública, nem sempre as fontes mais confiáveis da verdade, mas, neste caso, seus relatos tinham um quê de autenticidade, apesar do conteúdo absurdo.

"Eu ouvi falar", admitiu Larson.

"Não consigo entender nada disso, eu sei. Mas esta manhã, a maioria das testemunhas voltou para consultar os psicólogos. Os psicólogos confirmaram que as testemunhas acreditam no que estão dizendo. O mesmo vale para as pessoas que viram o Stitchwraith."

Larson revirou os olhos e disse com voz grave: "Uma estranha figura encapuzada vagando pelas ruas." Ele voltou ao seu tom de voz normal e discreto: "Será que fui dormir e acordei dentro de um filme de terror?"

O chefe bufou e, com um movimento de seu queixo quadrado, apontou para o envelope. "Você ainda não ouviu a melhor parte. Abra."

Larson respirou fundo e colocou o pé no chão. Inclinou a cadeira para a frente. Ela rangeu novamente, desta vez mais alto, como se também não tivesse interesse no Stitchwraith e precisasse expressar sua própria objeção. Larson pegou o envelope. Retirando de dentro uma pilha de papéis com cerca de dois centímetros e meio de espessura, folheou alguns relatos de testemunhas. Assim como os relatos dos alunos, os depoimentos dessas testemunhas soavam semelhantes, embora ainda contivessem detalhes suficientes para diminuir a possibilidade de uma farsa.

O Stitchwraith, segundo testemunhas, era uma figura envolta em algum tipo de manto, capa ou casaco com capuz. Tinha um andar cambaleante, um completo desinteresse pelos outros, a menos que fosse incomodado, e uma obsessão por contêineres de lixo e latas de lixo. Geralmente era visto arrastando sacos de lixo cheios de coisas desconhecidas. Ele já tinha ouvido tudo isso antes. Ele e a maioria de seus colegas detetives haviam descartado a história como bobagem.

Deixando de lado os depoimentos das testemunhas, Larson folheou as próximas folhas no envelope. Eram todas denúncias de mortes suspeitas.

Larson manteve o rosto impassível enquanto lia, e ficou aliviado por o chefe não poder ver o arrepio de pavor que percorria seus nervos. Sentia como se os relatórios tivessem jogado uma pedra no lago de sua vida, e agora o impacto se propagava inexoravelmente em direção a um futuro que ele não iria gostar.

Larson folheou a pilha de relatórios. "Cinco? Cinco corpos ressequidos com,"— ele olhou para baixo e leu na pilha de relatórios de cima—"olhos que sangravam sangue negro pelas laterais do rosto.' Mais disso?" A forma da morte não era novidade para Larson, infelizmente, mas ele só tinha conhecimento de uma vítima. E não sabia que tinha algo a ver com o Stitchwraith.

O chefe Monahan deu de ombros.

Larson leu com mais atenção. Dois dos homens encontrados mortos tinham antecedentes criminais impressionantes. Larson reconheceu um deles — ele o havia detido por agressão alguns anos antes. Separou os dois relatórios e os gravou. "Aposto que esses dois tentaram assaltar o cara."

O chefe, que finalmente se sentara na cadeira de visitantes de Larson, assentiu com a cabeça. "Concordo." Ele se inclinou para a frente e apontou para uma pilha de fotografias que Larson ainda não tinha visto. "Dê uma olhada nessas."

Larson folheou as fotos tiradas pelas câmeras de segurança perto dos locais onde o Stitchwraith foi visto. Ele olhou atentamente para uma que mostrava a figura puxando o que parecia ser o torso de um manequim de uma caçamba de lixo. "O que diabos ele está fazendo?"

O chefe não respondeu.

Larson continuou olhando as fotos. Parou novamente. De sob o capuz do que parecia ser um longo sobretudo, um rosto branco e volumoso espreitava a noite. Larson se enrijeceu para não recuar. Queria largar a foto e se afastar o máximo possível da sua mesa. Mas não o fez. Apenas encarou o rosto estranho e se concentrou em respirar normalmente. Não ia deixar essa loucura abalá-lo, principalmente na frente do chefe.

O rosto não era um rosto, não era um *humano* De qualquer forma, era um rosto. A menos que fosse um rosto humano ferido e coberto de bandagens, talvez? Parecia mais uma máscara. O rosto era redondo e seus traços estavam desenhados na superfície branca curva. Feito com caneta preta grossa, os traços pretos pareciam ter sido feitos por uma criança.

Larson relaxou deliberadamente os ombros, que ele percebeu estarem se aproximando das orelhas. *É só uma máscara idiota.*— disse ele para si mesmo.

Larson olhou para o chefe Monahan. "Uma máscara?" "Seu palpite é tão bom quanto o meu."

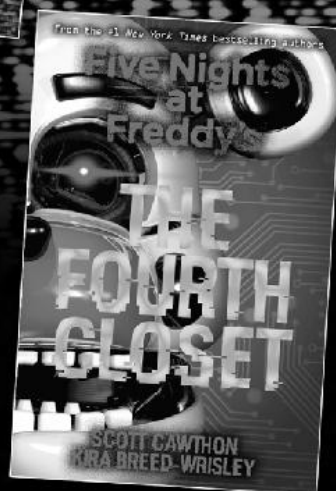
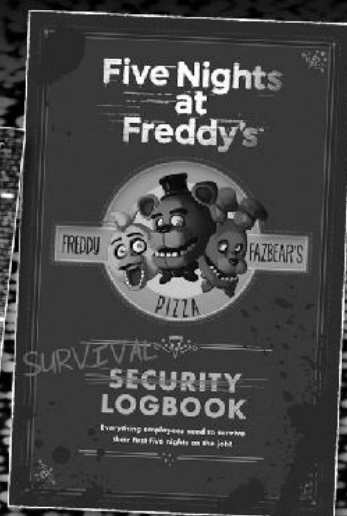
Larson olhou para o rosto novamente. Tinha olhos escuros, um dos quais parecia enegrecido, e uma boca aterradora com um dente faltando e algo preso entre os dentes da frente restantes. Seriam manchas de sangue ao redor da boca?

"Encontramos uma correspondência." O chefe apertou os lábios finos num gesto que poderia ter sido um sorriso. Ele gostava de soltar bombas.

"Uma partida sobre o quê?" *Esse?*" Larson apontou para o rosto borrado e bizarro.

O chefe assentiu com a cabeça. "E você não vai acreditar de onde tiramos isso."

A DEADLY SECRET IS LURKING AT THE HEART OF FREDDY FAZBEAR'S PIZZA...



Unravel the
twisted mysteries
behind the
bestselling horror
video games and
the *New York
Times* bestselling
series.



SCHOLASTIC and associated logos are trademarks
and/or registered trademarks of Scholastic Inc.

FIVENIGHTS

Copyright © 2020 por Scott Cawthon. Todos os direitos reservados.

Foto da estática da TV: © Klikk/Dreamstime

Todos os direitos reservados. Publicado pela Scholastic Inc. *Editores desde 1920*.^{ESCOLARE} os logotipos associados são marcas comerciais e/ou
Marcas registradas da Scholastic Inc.

A editora não tem qualquer controle sobre, nem assume qualquer responsabilidade por, sites de autores ou de terceiros, ou pelos seus conteúdos.
conteúdo.

Este livro é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são produto da imaginação do autor ou são reais.
Usado de forma fictícia, e qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, estabelecimentos comerciais, eventos ou locais é inteiramente explícita.
coincidência.

Dados de Catalogação na Publicação da Biblioteca do Congresso disponíveis

Primeira edição em 2020 • Projeto gráfico do livro por Betsy Peterschmidt

Capa criada por Betsy Peterschmidt

e-ISBN 978-1-338-62696-4

Todos os direitos reservados de acordo com as Convenções Internacionais e Pan-Americanas de Direitos Autorais. Nenhuma parte desta publicação pode ser
reproduzida, transmitida, baixada, descompilada, submetida a engenharia reversa ou armazenada ou introduzida em qualquer sistema de armazenamento e recuperação de
informações, de qualquer forma ou por qualquer meio, seja eletrônico ou mecânico, atualmente conhecido ou que venha a ser inventado, sem a devida autorização.
com a permissão expressa e por escrito da editora. Para obter informações sobre permissões, escreva para Scholastic Inc., A/C:

Departamento de Permissões, 557 Broadway, Nova Iorque, NY 10012.